

**A ESTÉTICA DO FRIO:
O *TERROIR* ARQUITETÔNICO DO PAMPA.
THE COLD AESTHETIC:
THE ARCHITECTURAL *TERROIR* OF PAMPA.**

Edgar Belmeni Steffens
Discente no Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie
edgar.steffens@gmail.com

Orientado por:
Dra. Mariceia Benetti
Docente no Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie
mariceia_benetti@uniritter.edu.br

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação Mestrado Associado Arquitetura e Urbanismo UniRitter / Mackenzie como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Porto Alegre, Agosto de 2020.



**A ESTÉTICA DO FRIO:
O *TERROIR* ARQUITETÔNICO DO PAMPA.
THE COLD AESTHETIC:
THE ARCHITECTURAL *TERROIR* OF PAMPA.**

Edgar Belmeni Steffens
Discente no Mestrado Associado Uniritter/Mackenzie
edgar.steffens@gmail.com

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo UniRitter / Mackenzie como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Mariceia Benetti
Orientador – Universidade Ritter dos Reis

Prof. Dr. Nikola Carevic
Universidade Feevale

Prof. Dr. Fábio Bortoli
Universidade Ritter dos Reis

Porto Alegre, Agosto de 2020.

EDGAR BELMENI STEFFENS

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela banca examinadora constituída por:

**Mariceia
Benetti**

Assinado de forma digital
por Mariceia Benetti
Dados: 2021.02.26 10:34:50
-03'00'

Prof(a). Dr(a). Mariceia Benetti
Centro Universitário Ritter dos Reis



Prof. Dr. Nikola Carevic
Universidade FEEVALE

**Fábio
Bortoli**

Digitally signed by
Fábio Bortoli
Date: 2021.02.12
16:11:20 -03'00'

Prof. Dr. Fabio Bortoli
Centro Universitário Ritter dos Reis

Porto Alegre, 30 de Outubro de 2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S817e Steffens, Edgar Belmeni.
A estética do frio: o *terroir* arquitetônico do pampa / Edgar Belmeni Steffens. – 2020.
117 f.: il ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Centro Universitário Ritter dos Reis/Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Porto Alegre, 2020.

Orientador: Profa. Dra. Mariceia Benetti.

1. Arquitetura. 2. Identidade Arquitetônica. 3. Cultura. I. Título.
II. Benetti, Mariceia.

CDU 711.276

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Lucas Oliveira da Silva
CRB10/2237. Biblioteca Dr. Romeu Ritter dos Reis.

Resumo: Este trabalho tem como foco a produção de arquitetura compreendendo o espaço geográfico na tríade de países Brasil, Argentina e Uruguai. A pesquisa teve início a partir do manifesto **A estética do Frio** escrito pelo músico gaúcho Vitor Ramil, onde o autor discursa sobre a identidade cultural vivida no Brasil que não necessariamente segue a imagética transmitida mundialmente de um país tropical onde impera o samba e o carnaval. Em comum às ideias de Ramil, esta pesquisa traz à luz desta discussão as ideias dos irmãos Jorge e Daniel Drexler, uruguaios de Montevidéu, que definiram o termo *Templadismo* também falando das proximidades de identidades entre os três países. Partindo do conceito clássico de *Terroir*, estabelecido pela viticultura e enologia francesa, é investigada a hipótese de que a definição cultura, técnica e homem se estende a produção da arquitetura local que mistura paisagens, materiais, economia, história e sociedade. Como objetivo final, são investigado através de análises de estudos de caso elementos arquitetônicos que identifiquem características comuns que indiquem uma estética arquitetônica local, o *Terroir* arquitetônico do Pampa. Os elementos se mantêm presentes na arquitetura local atual e evoluem através do tempo como: lareiras, churrasqueiras, varandas, rochas e madeira caracterizando essa identidade arquitetônica.

Palavras-chave: estéticas, identidade arquitetônica, *terroir*, cultura, pampa.

Resumen: Este trabajo se centra en la producción de arquitectura que comprende el espacio geográfico en la tríada de países Brasil, Argentina y Uruguay. La investigación comenzó con el manifiesto *Estética del frío*, escrito por el músico Vitor Ramil, donde el autor habla sobre la identidad cultural vivida en Brasil que no necesariamente sigue las imágenes transmitidas en todo el mundo desde un país tropical donde prevalecen la samba y el carnaval. En común con las ideas de Ramil, esta investigación saca a la luz esta discusión sobre las ideas de los hermanos Jorge y Daniel Drexler, uruguayos de Montevideo, quienes definieron el término *templadismo* y también hablaron de la proximidad de las identidades entre los tres países. A partir del concepto clásico de *Terroir* establecido por la viticultura y la enología francesa, se investiga la hipótesis de que la definición de cultura, técnica y hombre se extiende a la producción de arquitectura local que mezcla paisajes, materiales, economía, historia y sociedad. Como objetivo final, se investiga mediante el análisis de estudios de caso de elementos arquitectónicos que identifican características comunes que indican una estética arquitectónica local, el *terruño* arquitectónico Pampa. Los elementos permanecen presentes en la arquitectura local actual y evolucionan a través del tiempo como: chimeneas, parrillas, balcones, rocas y madera caracterizando esta identidad arquitectónica.

Palabras clave: estética, identidad arquitectónica, *terruño*, cultura, pampa.

Abstract: This work focuses on the production of architecture comprising the geographical space in the triad of countries Brazil, Argentina and Uruguay. The research started from the manifesto *Aesthetics of the Cold*, written by the musician Vitor Ramil, where the author talks about the cultural identity lived in Brazil that does not necessarily follow the imagery transmitted worldwide from a tropical country where samba and carnival prevail. In common with Ramil's ideas, this research brings to light this discussion the ideas of brothers Jorge and Daniel Drexler, Uruguayans from Montevideo, who defined the term *Templadism* also talking about the proximity of identities between the three countries. Starting from the classic concept of *Terroir* established by viticulture and French oenology, the hypothesis that the definition of culture, technique and man extends to the production of local architecture that mixes landscapes, materials, economics, history and society is investigated. As a final objective, it is investigated through analysis of case studies architectural elements that identify common characteristics that indicate a local architectural aesthetic, the Pampa architectural *terroir*. The elements remain present in the current local architecture and evolve through time as: fireplaces, barbecues, balconies, rocks and wood characterizing this architectural identity.

Keywords: aesthetics, architectural identity, *terroir*, culture, pampa.

Lista de Figuras	6
Lista de Tabelas	6
Introdução	7
Revisão Bibliográfica e Argumentação	13
O pampa geográfico e paisagem cultural;	13
A arquitetura contemporânea, América Latina e a América do Sul;	16
O espaço, o lugar e a paisagem;	18
O entendimento de espaço	18
O entendimento de lugar;	20
O entendimento de paisagem;	23
Relação de Identidade e Paisagem Cultural;	26
Abordagens de Identidade;	27
Paisagem Cultural;	29
Cultura;	32
Um caso de identidade regional no pampa;	34
Conceito de <i>terroir</i> : homem, cultura e técnica;	36
Metodologia	38
Base de seleção de obras	39
Identificação e análise de pontos arquitetônicos correlacionados;	40
Objetos de estudo e análise	41
Obras selecionadas:	41
Estancia La Bamba, San Antonio de Areco, AR.	42
Estancia Batovi, São Gabriel, Rio Grande do Sul, BR.	47
Estância Paraíso, Bagé, Rio Grande do Sul, BR;	51
Castillo de Mauá, Mercedes, Soriano, Uruguai.	54
Casa CL, Saladillo, AR. BAM! Arquitectura;	63
Casa Calera del Rey, Maldonado, UR. Gualano + Gualano Arquitectos;	66
Casa Pampa, Pocho, Córdoba, AR. Arq. Mariana Palacios;	69
Casa Charqueadas, Pelotas, Rio Grande do sul, BR. RMK! Arquitetura;	72
Refugio Finca Aguy, Pueblo Eden, Maldonado, UR. MAPA Arquitectos;	77
REPII House, Canelones, UR. VivoTripodi Arquitectos.	83
Pontos de correlação:	88
Implantação	88
Varandas;	89
Elementos ligados ao fogo;	90
Materiais construtivos;	92
O ciclo de influência da estética do frio:	96
Considerações Finais	101
Referências	105

Lista de Figuras

Figura 01: Joaquín Torres-García, Mapa Invertido da América do Sul;

Figura 02: Mapa Pampa e seus sub-biomas;

Figura 03: Fotos da paisagem do Pampa;

Figura 04: Posição dos estudos de caso sobre mapa satélite;

Figuras 05 a 11: La Bamba de Areco, Argentina;

Figuras 12 a 18: Estância Batovi, Rio Grande do Sul;

Figuras 19 a 24: Estância Paraíso, Rio Grande do Sul;

Figuras 25 a 30: Castillo de Mauá, Uruguai;

Figuras 31 a 35: Casas Anônimas José Ignacio, Uruguai;

Figuras 36 a 41: Casa CL, Argentina;

Figuras 42 a 51: Casa Calera del Rey, Uruguai;

Figuras 52 a 59: Casa Pampa, Argentina;

Figuras 60 a 69: Casa Charqueadas, Rio Grande do Sul;

Figuras 70 a 77: Refugio Finca Aguy, Uruguai;

Figuras 78 a 84: REPII House; Uruguai.

Lista de Tabelas

Tabela 01: Arquitetura Identidade Regional

Tabela 02: Arquitetura da América do Sul

Tabela 03: Arquitetura do Pampa

Tabela 04: Resumo da análise dos estudos de casos

1. Introdução

A partir de conferência de Vitor Ramil¹ chamada a **Estética do Frio** (2004) surge a pergunta: qual arquitetura o sul da América pertence? A pergunta tem como origem as classificações dadas as arquiteturas brasileiras, como a **Escola Paulista** (SEGAWA, 1999) e sua representatividade através do estilo brutalista moderno brasileiro e nomes icônicos como de Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha entre outros. Da mesma forma como a **Escola Carioca** (SEGAWA, 1999) e sua característica do estilo moderno brasileiro, dando vida própria brasileira ao *international style* (HITCHCOCK; JOHNSON, 1932) hegemônico no mundo nos anos 1930.

Em **A Estética do Frio**, Ramil (2004) escreve sobre a falta de identificação dele com a cultura brasileira que envolve o calor, carnaval, praia e o perfil expansivo e relaxado. Discorre também sobre a relação próxima do sul do Brasil com o Uruguai e Argentina, e suas similaridades através dos hábitos, costumes, cultura e geografia. Este discurso não é novo, é algo discutido de maneira informal por brasileiros sulistas e tem origens difusas, mas foi colocado no papel primeiramente por Ramil em obra organizada pelo escritor Luís Augusto Fischer em 1992.

Do outro lado da fronteira, no Uruguai, os irmãos Drexler - Jorge² e Daniel³ - levantam esta discussão no sentido da significância cultural do espaço no entorno do Rio do Prata. Segundo os irmãos as similaridades de costumes entre os três países, nesta região, são de grande importância. E deste questionamento surge a expressão *Templadismo*.

O *Templadismo* evoca as grandes e horizontais imagens da natureza do Pampa Uruguaio em um jogo de perspectivas visuais e um olhar difuso das planícies, consonante ao manifesto de Ramil (2004). Este tema é explorado no meio acadêmico mais especificamente na faculdade de geociências da UFRGS, por meio da dissertação de mestrado e tese de doutorado de Lucas Panitz, com título *Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina de 2010*, e

¹ Vitor Ramil. <http://www.vitorramil.com.br/textos/sobrevitor.htm>. Acessado em 12 set. 2019.

² De médico a vencedor do Oscar: saiba quem é Jorge Drexler 19 nov. 2018, <https://portalpopline.com.br/de-medico-vencedor-do-oscar-saiba-quem-e-jorge-drexler-o-maior-premia-do-do-grammy-latino-2018/>. Acessado em 12 set. 2019.

³ Daniel Drexler, ou o pop sem fronteiras que vem do Sul 25 fev. 2017, <https://vejario.abril.com.br/blog/solta-o-som/daniel-drexler-ou-o-pop-sem-fronteiras-que-vem-do-sul/>. Acessado em 12 set. 2019.

atense Redes musicais e [re]composições territoriais no Prata: por uma Geografia da Música em contextos multi-localizados de 2017, o autor explora a questão da música e cultura gerando espaços comuns entre os três países.

Em 2014 o documentário *Linha Fria do Horizonte*⁴⁵, apresenta os personagens envolvidos nessa nova cara da arte e música no espaço platino. O documentário fala das proximidades e curiosidades que os artistas se deparam na sua produção com parceiros da região do prata.

A busca do pertencimento é recorrente na existência humana, integrar, ser e existir no mundo leva a questionamentos que envolvem diversas áreas de conhecimento. Martin Heidegger (1988) pensava sobre quando utilizou a expressão ser-no-mundo, evidenciando como seres sociais habitantes de um mundo comum vivem de relações. Ser-no-mundo expressa a necessidade da consciência do homem neste mundo duplo onde a primeira vista é completamente materialista e concreta, mas em segundo plano é imaterial e introspectivo. O significado de 'ser' é algo geral, enquanto 'ente' é considerado o indivíduo vivendo o presente. Em poucas palavras, é possível traçar uma analogia de forma que o 'ser' seria o conceito de espaço enquanto o 'ente' o de lugar (FUÃO, 2016).

Voltando à realidade sul americana, um expoente no campo das artes plásticas Joaquín Torres-García⁶, após viver por quase toda vida na europa volta a sua origem, Montevideú. Pouco antes de sua volta viveu um período de aprendizado na vanguarda europeia, onde participou de exposições com ícones como Miró e Picasso. O seu retorno foi após considerar terminado o seu período de aprendizado artístico, e a partir de sua chegada formou um grupo de artistas inovadores com o objetivo de pôr um fim ao colonialismo artístico até então imposto (ROMMENS, 2016). Uma de suas obras mais icônicas, com diversas versões, é o mapa invertido da américa do sul que evidencia a mudança de norte da arte que ele propunha através de sua interpretação da cultura local, Figura 1.

Eu disse Escola do Sul; porque, na realidade, nosso norte é o sul. Não deve haver norte para nós, mas pela oposição ao sul. É por isso que agora viramos o mapa de cabeça para baixo e já temos a idéia certa de nossa posição. (TORRES-GARCÍA, 1935. p. 130)

⁴ A Linha Fria do Horizonte - Globosat Play. <https://globosatplay.globo.com/canal-brasil/v/3939216/>. Acessado em 12 set. 2019.

⁵ A Linha Fria do Horizonte - trailer - YouTube. 8 set. 2012, <https://www.youtube.com/watch?v=mBsimXmkiss>. Acessado em 12 set. 2019.

⁶ Bio - Joaquín Torres García - Museo Torres García. 19 jun. 2017, <http://www.torresgarcia.org.uy/bio.php>. Acessado em 13 set. 2019.

Figura 1: Joaquín Torres-García, Mapa Invertido da América do Sul.



(TORRES-GARCIA, 2011)

Essas relações entre cultura, paisagem, economia, o entendimento de lugar, tendem a influir na produção arquitetônica neste espaço e é por isso a busca de evidenciar os pontos que o fazem. A pergunta desta pesquisa foca na produção arquitetônica do sul da América buscando releituras entre passado e presente no intuito de identificar elementos comuns. Como observado mais à frente, paisagem, identidade e cultura não são conceitos estanques e é necessária a busca do entendimento da evolução temporal das características de produção arquitetônica. Como questionamento principal se coloca: qual a identidade arquitetônica do sul da América?

Em pesquisa as publicações relacionadas com o tema, foram consultadas três plataformas de base de dados gratuitas e de fácil acesso: Google Acadêmico, Scielo e periódicos CAPES. Para cobrir maior número de resultados as pesquisas foram feitas em três línguas diferentes, português, espanhol e inglês. Quando a plataforma de pesquisa permite filtrar os resultados por área de conhecimento a configuração é feita para a área de arquitetura. Conforme a tabela pode-se visualizar a quantidade de resultados diretamente ligados aos termos da pesquisa:

Os termos pesquisados foram: 'arquitetura identidade regional', com suas traduções '*arquitectura identidad regional*' e '*architecture regional identity*'.

Tabela 01.

arquitetura identidade regional	Google Acadêmico	Scielo	CAPES
Português	15	0	0
Espanhol	7	2	1
Inglês	30	0	3

Elaboração do autor.

‘Arquitetura da américa do sul’, com suas traduções ‘*Arquitectura de américa del sur*’ e ‘*South america architecture*’.

Tabela 02.

arquitetura da américa do sul	Google Acadêmico	Scielo	CAPES
Português	1	0	0
Espanhol	3	0	0
Inglês	1	0	0

Elaboração do autor.

‘Arquitetura do pampa’, com suas traduções ‘*arquitectura del pampa*’ e ‘*architecture of pampa*’.

Tabela 03.

arquitetura do pampa	Google Acadêmico	Scielo	CAPES
Português	4	0	0
Espanhol	3	1	1
Inglês	1	0	2

Elaboração do autor.

O tema de identidade e regionalidade na arquitetura não é novidade e foi desenvolvido em diversos momentos da história recente, e por este motivo teve maior repercussão nas suas consultas. Porém, no geral, as buscas geram poucos resultados específicos quando se trata de ‘arquitetura da américa do sul’. Em meio às pesquisas foi observada a tendência dos resultados para um campo genérico de ‘arquitetura da américa latina’, onde se encaixam arquiteturas em todo território americano que fala línguas latinas.

Por esta razão a investigação proposta é por uma estética arquitetônica, pontos arquitetônicos em comum de uma interpretação de um espaço geográfico

que foi delimitado não só pelas suas características territoriais, mas por um modo de vida conformando uma paisagem cultural (ZILIO, 2015, 2019).

Por meio da identidade pampeana, platina, gaúcha, estéticas *templadistas* ou do frio a pesquisa tem como objetivo geral investigar, através de um filtro, a evolução, pelo meio de elementos arquitetônicos, da arquitetura local. De forma específica serão analisados itens das edificações como as suas implantações, materialidades e seus espaços de transição.

O filtro, provém do conceito de *terroir* que se sustenta em três pilares: homem, cultura e técnica (VAN LEEUWEN; SEGUIN, 2006). A associação entre o *terroir* e arquitetura, neste trabalho, é construída criando um paralelo no sentido de prover coerência a semelhança entre os pilares propostos pela viticultura, os quais se assemelham ao processo de produção arquitetônica que leva em conta preceitos básicos muito similares. Traçando um análogo ao *terroir*, caracteriza-se que edificações são planejadas em vistas ao terreno a ser implantado, a técnica construtiva viável naquele local e aos usuários com sua cultura e costumes.

O estudo se desenvolve mediante investigação teórica de pesquisa bibliográfica incluindo livros, artigos publicados em periódicos, anais de eventos, publicações digitais e websites. Aborda os principais pontos referentes a entendimentos de espaço, lugar, paisagem, identidade, cultura, paisagem cultural e identidade regional. Percorrendo produção científica da área de geografia, é delimitado o espaço físico e cultural a ser trabalhado. Por fim da etapa bibliográfica é explanado o conceito de ***terroir***, que provém das áreas de viticultura, agrônômica e geológica que é melhor conduzido na etapa metodológica através de sua relação análoga à arquitetura.

Balizando o método de pesquisa social, segundo Gil (2008) este trabalho se enquadra em dois níveis de pesquisa: exploratória e descritiva. Exploratória porque tem como principal objetivo desenvolver o conceito da **Estética do Frio** no campo arquitetônico, já que fora explorado no campo cultural-musical e geográfico, como uma primeira etapa para uma investigação mais ampla a ser desenvolvida em outro momento. Descritiva, pois se propõe relacionar características determinadas de uma seleção de edificações a fim de estabelecer relações viáveis, através de releituras de elementos arquitetônicos, que indiquem a possibilidade da existência da **Estética do Frio** (RAMIL, 2004) em seu viés arquitetônico, aqui descrito como **Terroir**

Arquitetônico do Pampa. As análises serão qualitativas, analisando elementos específicos das arquiteturas vernaculares e contemporâneas identificando suas reinterpretações.

A proposta é baseada na busca de uma arquitetura produzida por arquitetos locais da região do pampa, a exemplo do escritório binacional MAPA, Arq. Mariana Palacios, Gualano + Gualano Arquitectos, Vivo Tripodi, RMK! Arquitetura além de arquiteturas anônimas projetadas e executadas com autoria desconhecida, porém com igual valor para as análises. A delimitação será de obras residenciais: a Casa Pampa, Refugio Finca Aguy, REPII House, Casa Calera del Rey, Casa Charqueadas, Casa CL, Casas Anônimas de José Ignacio, Estancia Batovi, Estância Paraízo, Estancia “La Bamba” e Castillo de Mauá. Com tecnologias construtivas diversas de soluções globalizadas contemporâneas - a exemplo de módulos pré fabricados - a soluções clássicas simples comum a técnica empregada localmente.

A lacuna que pretende-se contribuir neste estudo concerne a arquitetura local da América do Sul, visto que os trabalhos desenvolvidos consultados discorrem sobre o tema sob o foco do patrimônio histórico, através de autores como Günter Weimer (1987) e Luís Henrique Haas Luccas (2003). No entanto de forma mais pontual é necessária a leitura da evolução desta arquitetura para a contemporaneidade, e dessa forma fomentar a identidade da arquitetura recente do pampa.

2.Revisão Bibliográfica e Argumentação

Os itens de revisão neste capítulo buscam construir uma base teórica que abarque as questões pontuais relacionadas ao espaço geográfico do Pampa, seu desenvolvimento histórico, sua cultura e paisagem cultural. Outros temas teóricos são abordados, a fim de entender os processos de pesquisa que desenvolveram teorias relacionadas a arquitetura, lugar, paisagem e cultura.

2.1.O pampa geográfico e paisagem cultural;

O espaço Platino, antes de tudo se relaciona com o bioma Pampa, caracterizado por horizontes a perder de vista, pequenos relevos que oscilam em pequenas elevações e grandes extensões além de sua vegetação em maioria de pequeno porte. De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, o pampa é um ecossistema muito antigo, não completamente desvendado pela ciência, com afloramentos rochosos, 3000 espécies de plantas já catalogadas e uma fauna relevante de 500 espécies de aves (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2016).

Pampa é uma palavra com origem *quichua*⁷ para designar as grandes planícies da região. Essa área delimitada por fronteiras geográficas, que abrange uma porção de 63% do estado do Rio Grande do Sul, uma parcela da Argentina e a totalidade do Uruguai (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2016), e se une também através de sua história e cultura desenvolvida por seus habitantes das mais diversas origens e costumes, conforme mostrado na Figura 2.

⁷ "A arte da língua quíchua - Biblioteca Digital Mundial." <https://www.wdl.org/pt/item/13751/>. Acessado em 13 set. 2019.

Figura 2: O pampa e seus sub-biomas, segundo pesquisa de Soriano o pampa se estende por todo Uruguai, parte Sudeste e central da Argentina, assim como o sul do Brasil.



Fonte: (SORIANO et. al, 1991)

No entanto o pampa não é somente um espaço, é uma paisagem cultural influenciada por sua história desde os povos originários destas terras, os ameríndios, até as sociedades contemporâneas. Nesta paisagem houve influência dos colonizadores portugueses e espanhóis, dos escravos contrabandeados para a mão de obra, alguns resquícios da sociedade indígena que fora arrasada pela colonização e por fim das últimas migrações européias. Ainda existem várias outras influências, desde a literatura, pintura, música e hábitos (PANITZ, 2017).

Conforme a pesquisa de Panitz (2017) é possível identificar uma paisagem natural e cultural, e seu reconhecimento se traduz das representações cotidianas e artísticas, criadas pelos indivíduos grupos sociais que montam o Pampa como um quadro de vida, Figura 3 ilustra.

Figura 3: Paisagens do pampa.



Fonte: Eduardo Amorim (2015).

É importante frisar que o acontecimento histórico advindo da inserção da cultura agropecuária pelos jesuítas espanhóis, deu-se antes ainda do Tratado de Tordesilhas. O gado que fugiu das reduções se multiplicou e formou hordas de animais quase que selvagens habitando o pampa (PRADO JUNIOR, 1973). A economia da região evoluiu ligada a esta atividade econômica, e dela também se desdobraram hábitos que moldaram esta paisagem cultural.

O Gaúcho é uma figura mítica e emblemática da região, que personifica a vida pastoril vivida no auge das charqueadas. Ainda hoje sua representatividade é vista em discursos e artefatos, sua constituição foi criada através de acontecimentos históricos. Os discursos literários e políticos fortaleceram o símbolo das pessoas nascidas na região. No Rio Grande do Sul a idéia de uma nação gaúcha é ainda mais presente devido a Revolução Farroupilha (1835-184) (DE FREITAS, 2006). Hábitos como o churrasco, o mate ou chimarrão, a vida ligada ao campo e a vida equestre são características desta figura.

2.2.A arquitetura contemporânea, América Latina e a América do Sul;

Evita-se definir a contemporaneidade como um estilo, mas sim como um ideal, em se tratando de arquitetura também deve-se libertar de grandes responsabilidades formais. Não serão através de elementos construtivos e ou pontos de uma arquitetura que será definido um estilo contemporâneo.

O contexto atual é envolvente e transpassa diversas ciências no que tange um lançamento arquitetônico, no presente se levam em consideração diversos fatores desde cromáticos, ambientais até a esfera social. A arquitetura contemporânea, por vezes, se dispõe, em seu processo, toda a ciência alcançável a fim de atender um objetivo específico de forma eficiente e se possível inovadora (ZANETTINI, 2013).

Novas tecnologias de desenho e ou construção virtualizada, levam a inovadores processos construtivos através de processos industrializados que removem, em grande parte, o antigo método construtivo quase artesanal que era empregado no início do modernismo. Talvez nunca houve tamanha liberdade formal como a experimentada atualmente, de forma que é muito fácil para o arquiteto imprimir sua individualidade em uma obra (ZANETTINI, 2013).

Quando se fala em arquitetura contemporânea, rapidamente se conectam imagens de projetos icônicos de grandes empresas de arquitetura, com atuação mundial nos maiores centros econômicos, eventos mundiais, museus e infraestruturas do planeta. Ou até mesmo em casos de países não tão prósperos, mas que buscam ícones arquitetônicos com o intuito de ressignificações, requalificações, ou até mesmo criação de novas dinâmicas turísticas ou de grandes eventos (MAHFUZ, 2011).

Em comum, é visto arquiteturas excepcionais, de orçamentos alargados e que se tornam ícones nos locais onde foram executadas. Estes tipos de edificações receberam atenção da mídia internacional e seguem os padrões projetuais desenvolvidos pela identidade de seus autores, arquitetos que se enquadram na figura de *star architects* (JAMIESON, 2011).

Koolhaas (2013, p.1248) levanta um questionamento pertinente "O que resta depois que a identidade é despida? O genérico?". O que o autor questiona é a homogeneidade e falta de identidade que poderia ser gerada através de concepções

arquitetônicas descoladas do contexto espaço-social em que as obras são implantadas. A explicação é incerta, pois até mesmo o autor da pergunta é questionado em alguns casos sobre a falta de contextualização de seus projetos. A subjetividade de avaliação é cruel quando abordados os quesitos de inserção e entendimento local.

Apesar de todos os pontos inadequados que uma arquitetura inconsequente pode gerar, é perceptível que a boa arquitetura contemporânea se apresenta carregada de princípios positivos, como a condução de um diálogo mais íntimo entre o autor do projeto e usuário, a aceitação da diversidade, a atenção pela inclusão social, a procura por um espaço dinâmico e preocupado com as necessidades urbanas e sociais (ARAVENA, 2012). As redes criadas através destes vários elementos, formam uma paisagem colagem estruturada na evolução de uma sociedade através do tempo. Atingindo assim a uma continuidade teórico-prática de projetos arquitetônicos contemporâneos com significado e respeito pela história e contexto urbano (CAREVIC, MORENO, 2012)

Paralelamente, na busca de conceitos específicos para a arquitetura contemporânea da América do Sul é encontrado um certo vazio. Conceituações sobre a arquitetura latino-americanas estão presentes em grande parte das publicações mais famosas da área, trabalhos feitos por pesquisadores respeitados como Hugo Segawa em sua publicação *Arquitectura latinoamericana contemporânea* (2005), Marina Waisman, Ruth Verde Zein, Walter Mignolo, Yves Bruand entre outros.

A proposta de Ruth Verde Zein (1987) parece a mais acertada até o momento: é melhor manter a arquitetura latino-americana como conceito básico a ser desenvolvido, antes de esperar a formação de uma escola homogênea. A diversidade é o ponto principal a ser levado em consideração, assim como não será necessária uma arquitetura de característica única levando em consideração a diversidade dos países que compõem a América Latina. Uma identidade da arquitetura latino-americana está em construção e tem a ver com a realidade de sua região, sempre levando em conta a dinâmica contemporânea que coloca os critérios em contínuo movimento (CATAFESTA, 2015).

De todo modo a contribuição desta pesquisa é o preenchimento da lacuna referente à América do Sul, mais especificamente voltada para a região platina delimitada pelo capítulo anterior.

2.3.O espaço, o lugar e a paisagem;

2.3.1.O entendimento de espaço

Antes do lugar vem o espaço, segundo alguns dicionários, o espaço é um vazio ou o que há entre dois pontos. Do ponto de vista da Geografia, tem-se dois autores pioneiros que citam definições de espaço, mesmo que de forma indireta, Friedrich Ratzel e Richard Hartshorne (1958).

Ratzel desenvolvia suas teses em torno da geopolítica, onde o espaço é a base indiscutível para a vida e a história do homem. Dois conceitos chave foram desenvolvidos por ele: Território e Espaço Vital. O território é o ato de apoderamento de uma fatia do espaço por uma reunião de indivíduos. Já o Espaço Vital remonta a percepção de necessidades territoriais de uma comunidade relacionadas ao progresso tecnológico, tornando intrínseca a expansão territorial ao seu desenvolvimento (CARVALHO, 1998). Desta forma as populações que tenham maior qualidade e quantidade de Espaço Vital seriam mais capazes de ocupar novos territórios (CORRÊA, 2000). Portanto, no caso deste autor, o espaço se transforma através da política em território.

Richard Hartshorne (1958), propôs a tese de um Espaço Absoluto, no qual um conjunto de pontos conectados possuem existência entre si. Segundo suas ideias, inspiradas nas percepções de Kant, Humboldt, Newton entre outros, o espaço e o tempo se associam a todas as dimensões da vida. O espaço estava diretamente ligado ao entendimento de uma área delimitada. Entre suas conclusões, ele delimita a área de atuação da Geografia aos estudos dos fenômenos organizados ao longo do espaço, enquanto a História ficaria a cargo dos fenômenos relacionados ao tempo.

O debate - arquitetônico - sobre lugar se deu em meados dos anos 1940 e 1960 devido às críticas de alguns quanto ao ideal moderno de um homem ideal, que desconsidera o historicismo e até mesmo a escala humana e simbolismos. A produção em massa, a simpatia à industrialização da cidade, a preocupação

demasiada com fluxos e trânsitos em lugar do ser humano produzia uma paisagem estéril, a qual seria humanizada pelas artes (SERT; LÉGER; GIEDION, 1943).

Giedion (1941), propõe três estágios no entendimento do espaço ao longo da história da arquitetura ocidental. O primeiro se trata do simples jogo de volumes, e não do espaço interior dos mesmos, vide exemplos das construções Egípcias, Mesopotâmicas e Gregas; na evolução para o segundo estágio se configura o período Romano, até o meados do século XVIII onde a importância do espaço interior se exalta através da descoberta da perspectiva na era Renascentista; no século XX se configura o terceiro estágio onde as qualidades dos espaços formados entre edifícios ganham luz em vista de uma nova preocupação do espaço interior que transcende apenas o ponto de vista da perspectiva.

Bruno Zevi (1996) argumenta que a arquitetura se manifesta somente no período Romano, já que é apenas neste momento que existe um desenvolvimento do ambiente interior das edificações. No que tange à arquitetura, o principal ingrediente é o espaço, mesmo que este não se limite a uma edificação, visto que os mesmos se configuram também entre as edificações da cidade. Posto este argumento, é importante agregar que o autor transcende o espaço como forma física, e exalta o sentido humano e de experiências que se vive nestas conformações (ZEVI, 1996).

No século XX ganha força o entendimento de que existe uma consciência do espaço. Esta teoria foi discutida e aceita, de forma que se permite estabelecer bases de uma nova perspectiva, e incrementar a imaterialidade necessária para o conceito de estilo (VAN DE VEN, 1993).

Colquhoun (1991), evidencia duas fortes vertentes do novo espaço moderno: primeiro a beleza ligada a função pregada por Schmarsow e Semper através do sítio incorporar atividades funcionais humanas nos três estágios no entendimento do espaço (SCHWARZER; SCHMARSOW, 1991). A segunda se denomina *Künstwollen* defendida por Riegl (1903), Hildebrand e outros onde o resultado do ambiente advinha de uma vontade artística primitiva (NEUMEYER, 1952).

Essa “Evolução histórica” introduzida por Argan (1973) pode ter seu contínuo no processo de Interpretação arquitetônica; onde o diálogo entre a arquitetura e lugar, acontece em um “ato de identificação” (CAREVIC, 2002) através do tempo. Segundo Carevic (2002), podemos dizer que o “ato de identificação” corresponde ao

ato de “percepção humana” de Montaner (2008), e que esse processo representa um caminho que nos obriga a conhecer e incorporar as histórias do lugar específico.

Espaço em arquitetura não se prende a apenas uma visão objetiva e estruturada (ARGAN, 1973), mas sim uma concepção com evolução histórica única no qual transformações são expressas pelas formas arquitetônicas e artísticas. Primeiramente, foram estabelecidas as formas do **espaço artístico** (HILDEBRAND, 1907) através das experiências de apreciação de esculturas em meio a um **espaço urbano**. Desta forma, a evolução para a formulação de **espaço arquitetônico** desenvolveu-se de forma mais ligada à percepção humana como visão, tato e movimento produzindo experiências até mesmo afetivas perante o mundo (SCHWARZER; SCHMARSOW, 1991).

Em suma, a realidade de um feito arquitetônico é fortemente influenciado pela percepção humana, e por suas relações com seu ambiente (MONTANER; ABALOS, 2003). Esta definição se traduz de forma fenomenológica e psicológica, fato que anteriormente aparentava que as pessoas sentiam o espaço arquitetônico de forma praticamente acidental. A partir deste momento, arquitetos poderiam pensar o espaço como algo já existente e sem limitação aplicando valores novos de continuidade, transparência e indeterminação (SCHWARZER; SCHMARSOW, 1991).

De fato, pode-se referir a uma “Arquitetura dialógica” (MUNTAÑOLA; ZARATE, 2010), apropriada e complexa, gestionando um processo de enriquecimento entre o lugar e o projeto cujo resultado final é uma fusão ambígua. (CAREVIC, 2012)

2.3.2.O entendimento de lugar;

Lugar ou lugares são a fundação da vida em comum, traduz a amplitude da existência que se anuncia por um cotidiano compartilhado entre inúmeras pessoas, instituições e contendas (SANTOS, 1997). Conceitualmente é um pensamento que nos induz a refletir nossa relação com o mundo. A geografia humanista define lugar como um tipo de vivência de um espaço, já na geografia crítica Milton Santos (1996) descreve força do lugar por duas lógicas: vivências humanas e dos processos econômicos, políticos e sociais que estabelecem a globalização.

O lugar vem se tornando cada vez mais protagonista no mundo contemporâneo. O lugar é uma construção social que é compreendida além de um espaço configurado de permanências alusivas e heterogêneas, mas sim os processos específicos manifestados dentro da dinâmica global (HARVEY, 1996).

A filosofia grega já indicava reflexões a respeito do Lugar, *genius loci* é uma expressão utilizada no sentido de resumir a presença de uma divindade para cada lugar (VON PAULY, 1914). Ou seja, não existia um deus onipresente que atendesse os interesses de todos os fiéis de forma homogênea, mas sim um deus para cada povoado ou cidade, atendendo às características locais. Há religiões que ligam as divindades aos lugares, e estas parecem ter uma relação intrínseca com o espaço e a cultura local, quase que moldadas com uma identidade local. Entretanto, os intentos divinos e intervenções na vida humana se limita àquele lugar, intervindo no máximo, à estrangeiros que interfiram com o cotidiano local. (TUAN, 2013)

Tuan (2013, p. 151), ainda descreve a evolução de um espaço indiferenciado a um lugar, através do nível de conhecimento e relações que são desenvolvidas e criadas: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” . Na mesma publicação, adiciona outros pontos a esta interpretação do lugar, exemplificando a familiaridade que se cria com um espaço o tornando lugar, assim como definindo lugar como local seguro para o desenvolvimento humano onde se come, vive, descansa e procria. Para Tuan (2013), a relação de Tempo e Lugar se dá de três formas distintas: adquire-se afeição a um lugar em função do tempo vivido nele; o lugar seria uma pausa na corrente temporal de movimento, ou seja, o lugar seria o tempo tornado visível, isto é, o lugar como lembrança de tempos passados, pertencente à memória.

O antropólogo Marc Augé (1994) postula o seguinte entendimento: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar”. O pensamento colabora com o de Tuan (2013), no sentido oposto da ideia de lugar, desta forma concordando com o conceito e explorando a antítese através do não-lugar. Marc Augé (1994), atribui a supermodernidade à responsabilidade da criação de não-lugares evidenciando como característica comum a estes locais a rápida movimentação, ou seja, são lugares de rápida passagem, como aeroportos, rodoviárias, estações de metrô e outros meios de

transporte. Segundo Augé (1994) o espaço do não-lugar não cria identidade, relação mas, sim, uma espécie de solidão e homogeneidade.

Lugar e região na contemporaneidade já não tem papéis tão distintos, e até por vezes podem ser fundidos. Quando o desenvolvimento histórico é verificado com uma certa unidade em uma dada região, não importando as suas dimensões, poderá esta ser considerada como um lugar (SANTOS, 1996).

Milton Santos (1997) discorre pelo tema lugar, falando sobre a singularidade dos lugares, evidenciando que a característica local se dá através da paixão humana, criatividade e espontaneidade dos habitantes, e a identidade da cultura popular em contraponto à uniformidade oferecida pela globalização e seus modos de consumo, produção e vida.

Nos voltando para a interpretação de lugar pelo prisma da Arquitetura e Urbanismo, primeiramente depara-se com a definição de lugar como um espaço qualificado, percebido pela sociedade por imagens e significados enraizados na sua vivência. O lugar urbano é uma interpretação de processos psicológicos-espaciais assim como as interações e utilizações dessas formas urbanas (CASTELLO, 1997).

É percebido também diferentes configurações de lugares urbanos: shoppings, praças de alimentação, cinemas, museus, complexos esportivos e etc. Lugares construídos a fim de emular qualidades percebidas em outros lugares com vida urbana próspera (CASTELLO, 2006).

Outra percepção contemporânea de lugar é posta por Norberg-Schulz, afirmando também que lugar é mais do que uma localização geográfica, mais que apenas um espaço. “Lugar é a concreta manifestação do habitar humano” (NORBERG-SCHULZ, 1996). Heidegger (1971) declara que o homem deve ser consciente do mundo dual em que habita sobre a terra e sob o céu, habitar entre dois mundos, o primeiro tangível e palpável e o segundo não tangível e longínquo. Através desta leitura proposta por Heidegger (1971) é possibilitada a análise pela percepção e simbolismo, que permitirá o suporte existencial, que é interpretado como a capacidade de habitar.

A interpretação do urbanista Kevin Lynch (1982) é de que um bom lugar é o qual, de certo modo, é adequado à pessoa e sua cultura, que ascenda a consciência em prol de sua comunidade que mantenha o legado do seu passado e que a faça viver o universo o tempo e o espaço na qual está inserida.

Fortes conexões entre lugares e as vivências são essenciais aos lugares. Essas relações podem se dar de vários modos, desde cultura e história até mesmo realidades psicológicas e físicas (CARR et al., 1992). Memórias associadas ao lugar, ao invés de sua função, advém de uma ideia de *locus* observada pelo arquiteto Aldo Rossi (2001) quando ele remonta os entendimentos gregos sobre o *genius loci*, Palladio e a 'situação' das condições de compreensão de suas obras, assim como Viollet-le-Duc quando admite a dificuldade da transposição de uma obra de arquitetura.

Desta forma é seguro dizer que geografia, arquitetura e urbanismo conceituam em tom harmônico suas percepções de lugar, do ver geográfico, Lugar é o espaço percebido pelos indivíduos, na visão da arquitetura e urbanismo é o espaço onde as pessoas desenvolvem a vida comum, o dia a dia. Estas ciências entendem o espaço habitado que advém de referências para as pessoas, ou seja, Lugar (BERGAMIN, 2013).

Compreender o lugar é ler uma relação possível entre questões políticas e econômicas, e ainda, levar em conta significações e vivências locais, sem se desconectar de suas relações estruturais globais ou as novas relações espaciais regidas por um mundo dinâmico e mutante.

2.3.3.O entendimento de paisagem;

Esta pesquisa não se dispõe a exaurir todos os enfoques e aspectos da paisagem, mas o que se pode notar até o momento, é a sua proximidade do conceito de lugar.

Novamente partindo dos estudos na área da ciência da geografia humana, Holzer (1997) diz que a discussão sobre paisagem tenta correlacionar de maneira abrangente o homem e seu ambiente, desta forma produzindo pesquisas fenomenológica que filtrem suas características. Para Holzer (1997), paisagem é moldada pelo homem e seu trabalho, como um agente e não apenas um espectador, os meios de exploração do lugar - ou sítio em suas palavras - e as técnicas que o indivíduo dispõe fazem parte do conceito.

A paisagem é base da relação da natureza com o homem, é como se fizesse o papel de conciliador que permite a natureza resistir como mundo para o homem . Paisagem se dispõe como um incremento da identidade, aludindo ao significado de

habitar a terra. Por ser o ponto espacial do encontro entre a terra e o plano humano (BESSE, 2006).

A paisagem é essencialmente mais mundo do que natureza, ela é o mundo humano, a cultura como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra. (BESSE, 2006, p. 92).

Dando um passo atrás a estes conceitos contemporâneos, é importante retomar a definição mais comum que advém da Geografia, que diz se tratar de um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais, os quais se diferenciam em dois tipos de paisagem: Paisagem Natural, formada pelos elementos que não estão diretamente sujeitos à ação do homem e formam conjuntos de rios, montanhas, florestas e etc. Paisagem Humanizada, a qual implica em conjuntos que sofreram a ação do homem direta ou indiretamente, desde elementos construídos até elementos naturais que foram “dominados” pelo homem. O que leva hoje a questionar, se ainda existe uma paisagem natural, pelo simples motivo da exploração globalizada do ambiente natural no planeta (SAUER, 1938).

A tradição e associação ao entendimento de lugar natural manteve os conceitos de paisagem rígidos por algumas décadas. A assimilação da noção de paisagem perpassa pela ação do homem ao longo do tempo sobre a natureza; em outras palavras, se dá como intercâmbio de processos naturais e humanos em um determinado espaço.

Consenso é que o registro das paisagens em um mundo dinâmico também evoluiu, em ordem cronológica se deu com capturas rupestres, pinturas a óleo, fotografias e vídeo. Na contemporaneidade a paisagem é entendida, por diversos autores e disciplinas, como produção cultural. É de forma simplificada, uma leitura culturalista adotada no âmbito da filosofia, história, geografia, história da arte, literatura e antropologia que lhe confere uma extensão ampla e heterogênea.

Em determinado espaço, a paisagem pode ser compreendida como resultado das relações entre elementos de origem autóctone e humanos. A organização dinâmica dos elementos de paisagem se dá ao curso do tempo e espaço, e deste arranjo, se observam traços repetidos ou diferenciados. Desta forma, tem-se um mosaico articulado (MAXIMIANO, 2004) que pode ser expandido ou minimizado da forma que convém ao pesquisador. A leitura através do mosaico articulado pode ser influenciada pela história do observador, a sua disposição, humor, seus critérios,

escolhas de vida, do tempo meteorológico e diversos outros fatores (ALMEIDA, 2006). Para este espaço percebido formar uma paisagem, deve haver uma composição de um conjunto de elementos que constitui um todo coerente, composto por partes diversas, o arranjo e associação de elementos como edificações, vias de circulação, vegetação, espaços públicos, conformação topográfica, etc, atribui a identidade ao espaço.

Apesar de uma vasta variedade de elementos produtores de paisagem, é observada uma limitação, pois provavelmente estes ingredientes irão se repetir e se alinhar com o mesmo tipo de organização e reunião. No entanto, sempre haverá um componente que não permitirá que existam duas paisagens iguais. A mutabilidade é outra característica a se levar em consideração, pois ao longo do tempo ela se transforma conforme as diversas formas de trabalhar a terra pelo homem. Milton Santos (1997) diz que a paisagem se revela pelas suas formas, concebidas em momentos históricos diferentes, entretanto coexistindo no tempo presente. Então observando a paisagem, é possível compreender camadas de diversos tempos históricos, como um registro da evolução histórica local.

Paisagem também é um percurso aos sentidos, uma só paisagem pode ser representada de diversas formas, a vista momentânea é processada e influenciada por toda memória que carrega o indivíduo, revelando as características do observador como seus sentimentos e vivências. Mais do que um simples espaço observado, paisagem é espaço ou lugar vivenciado onde o “eu” faz parte e não apenas está fisicamente naquele contexto.

De um lado, paisagem é o resultado da interação entre uma cultura que a moldou, de outro, é concebida por uma matriz cultural. Resultante destas características chegamos a apreensão da paisagem cultural que se apresenta como “uma vitrine permanente de todo o saber”, que exprime aspectos culturais de aspectos funcionais e simbólicos (CORRÊA, 1995).

Em Filosofia da Paisagem, Simmel (2009) constata que não basta observar objetos diversos que estão à frente de sua vista - água, rochas, colinas, casas, ruas - , assim como pequenas variações de tons e de luz. Para o autor deve-se ter consciência além dos elementos, um novo conjunto ou unidade que não esteja ligado aos elementos nem compostos de suas somas. A esta unidade consagrou o nome de *Stimmung*, através de uma aproximação com a gênese de uma obra de

arte, traduzindo o fator de unidade através desta comparação a uma “atmosfera” ou “estado de alma”.

Eric Dardel (2011) corrobora a percepção da *Stimmung* de Simmel, no momento em que afirma que existe um vínculo interno, ou uma impressão, que une todos os elementos de uma paisagem. Assim como fala da indispensável vivência sobre as paisagens, dando rosto, olhar e escuta aos lugares até mesmo quando em seus estados de ausência.

Para fins de desenvolvimento deste texto, terá maior peso o enfoque sobre a Paisagem Cultural, que será desenvolvido mais adiante, o qual será pano de fundo para a interpretação da arquitetura de um espaço geográfico que se funde entre bioma, cultura e transnacionalidade.

2.4. Relação de Identidade e Paisagem Cultural;

Conforme o sentido de pertencimento do indivíduo a um determinado grupo social com que compartilha cortes culturais como valores, crenças, costumes e etc. é formada a identidade cultural (GIDDENS, 2002). O convívio entre indivíduos é gerador de identidade que também é conectado à história e ao patrimônio. Os elementos simbólicos, a capacidade de reconhecimento do passado assim como reconhecimento individual são essenciais para a existência de uma identidade cultural (MOLANO, 2007).

No que tange à cultura, a abundância em variedades de culturas permitem a existência de diferentes identidades, a forma de identificá-las é através de leituras de seus códigos e símbolos específicos. (NETO; BEZZI, 2008). O que traduz a cultura como expressão particular, mas que sempre será expressada em coletividade. Em resumo, a identidade se cria através de códigos culturais, os quais são princípios - ou padrões - simbólicos expressos por uma sociedade.

A figuração da simbologia no espaço dá luz e identifica as fronteiras de uma cultura em frente às demais. A transmissão de forma hereditária através das gerações dos códigos culturais como preceitos, é feita de diversas formas. A interlocução entre gerações, a história oral, folclore, música são formas de proteção à cultura no tempo e espaço. Outros códigos residem no lugar habitado por essas

comunidades de forma tátil e visível por meio das paisagens, do clima, das artes, da gastronomia, das religiosidades e das festividades (NETO; BEZZI,2008).

É interessante ressaltar a relação inerente entre os termos cultura, identidade e identidade cultural. Onde se traduz a cultura como cerne de um grupo social, a identidade conjectura uma especificação através de um sentimento de pertencimento ou não a um grupo social ou cultural. No entanto, a identidade cultural é que caracteriza e difere os grupos através de suas relações entre suas bases espaciais e paisagens (NETO; BEZZI,2008). O que permite desta forma, a existência de uma cultura sem a consciência de uma identidade, mas não o contrário, a identidade sempre emerge da cultura como um efeito de características específicas relevantes.

Ao nível de debate interdisciplinar, identidade e cultura se agarram na proposta de uma relação intrínseca entre a identidade e o tocante geográfico, biológico, histórico e cultural das paisagens. Com base na espacialização de grupos humanos em que habitam estas paisagens, vários autores consolidam a relação entre região, território, espaço, lugar, cultura e identidade. Schulz comenta sobre essas relações no trecho abaixo:

Condição prévia para o habitar é estabelecer a relação entre o humano e um ambiente específico. Temos dito que nesta relação radica o ato da identificação, é dizer, do reconhecimento de que pertencemos a um lugar determinado, específico. Através deste ato, “o habitante” adota um mundo; a sua colonização corresponde ao descobrimento de sua natureza e a determinação de seu próprio estar no mundo. (NORBERG-SCHULZ, 1975, p.13)

Molano (2007) afirma que a proteção ao patrimônio é indicador determinante em casos de recuperação, reinvenção ou apropriação da identidade cultural. O que evidencia que a conservação da essência cultural depende das ações de proteção ao patrimônio destas comunidades.

2.4.1. Abordagens de Identidade;

Já em 1822, Walter Benjamin escreve em seu texto “Paris, capital do século XIX” a perda da aura da cidade de Paris na mudança da cidade medieval para a então realidade das cidades modernas industrializadas. O autor cita também exemplos, como o desaparecimento de atividades favoráveis a contar histórias e a perda da categoria de experiências únicas dentre a massificação de processos.

Em uma abordagem contemporânea - e simultânea ao conceito de cidades inteligentes - sobre o assunto Yves de La Taille (2009, p.94) em Formação ética: do tédio ao respeito de si, fala “que o problema real não é construir uma identidade, mas saber como mantê-la”.

O problema moderno da identidade consistiu em como construir uma identidade; já o problema pós-moderno da identidade é como evitar a fixação e manter as opções abertas. Se a palavra de ordem da modernidade foi criação, o lema da pós-modernidade é a reciclagem (BAUMAN, 1996).

A principal ansiedade ligada à identidade dos tempos modernos era a preocupação com a durabilidade; atualmente é a preocupação em evitar compromissos. A fotografia era o meio da modernidade, livros encadernados com páginas amareladas; o vídeo, o meio da pós-modernidade - hoje existe apenas até que algo considerado mais significativo emergja para substituí-lo -. Quanto a materiais, modernidade foi construída em aço e concreto; pós-modernidade em plástico biodegradável (BAUMAN, 1996).

Em **A identidade cultural na pós-modernidade**, Stuart Hall (2006) propõe a percepção dos conceitos de sujeito e identidade do período da modernidade até a pós-modernidade. Através da incerteza de uma possível **crise de identidade** propõe novas interpretações para a temática. Coloca a identidade do ser humano em três momentos: 1) o sujeito e o Iluminismo, que é o indivíduo centrado e dotado de capacidades de razão; 2) o sujeito sociológico, presente no mundo moderno e que não é independente, uma vez que se forma pela relação que estabelece com os outros; 3) e o sujeito pós-moderno, o qual não possui uma identidade fixa, promovendo assim esse debate em torno da **crise de identidade**.

Harvey (1989) discorre sobre o mundo em constante transformação, onde existe uma eterna tentativa de quebra de paradigmas que afeta diretamente a identidade do sujeito este fenômeno denomina **Modernidade Tardia**. Durante a evolução do sujeito na sociedade moderna, desde o Renascimento onde o homem era o centro do universo até o Iluminismo caracterizado pelo homem racional e científico, a sociedade se torna mais complexa e define o ser humano no interior de novas estruturas de sociedade. Assim, estabelecendo o sujeito sociológico - o centro do tempo moderno - que determina sua a identidade através de relações construídas (HALL, 2006).

Seguindo a sequência de pensamento de S. Hall (2006) chega-se em um ponto que mais concerne esta pesquisa, o modo de percepção de identidades nacionais. Segundo ele, por muitas vezes a identidade nacional age de forma unificadora, enquanto dentro de nações existem diferentes etnias, gêneros e etc. Através da globalização, muitos deslocamentos foram identificados no interior de diversas identidades culturais nacionais, trazendo à luz identidades locais e regionais, da mesma forma como um hibridismo das culturas causado pela migração dos povos.

S.Hall (2006) propõe a não existência de uma identidade fixa e imutável, mas que através das mutações e dinâmicas das sociedades pós modernas, o sujeito atual (talvez contemporâneo) é marcado por transformações constantes que influenciam em sua cultura. Já que a identidade é entendida como mutável e redirecionável, é proposta a utilização de novos termos como *identificação* ou *processo identitário* para abarcar de maneira mais correta as representações mutantes das culturas que permeiam sujeitos e espaços.

Ligado aos temas regionais, há a interpretação da identidade e regionalismo no sentido de que, no momento em que existem grupos com uma identificação estabelecida, há a possibilidade de conflito. Afinal, no momento que se configura a tal identificação de um grupo, podem ser gerados “guetos” de oprimidos assim como de opressores, e deste entendimento de duas ou mais partes diversas existirá a possibilidade de conflitos. (CUPERS, 2005)

2.4.2.Paisagem Cultural;

Cada vez mais é usado o termo de paisagem cultural no meio acadêmico científico, nos mais diversos campos de pesquisa. Como visto antes, Ratzel foi quem elaborou o termo no final do século XIX, no intuito de entender as relações do homem como sociedade e seu ambiente. É entendido que a geografia cultural é uma extensão de pesquisa a partir da geografia humana, e o objeto em foco é a variedade do meio ambiente trabalhado pelo homem (WAGNER & MIKESELL, 1962). Na sequência no século XX, é proposto novo método, através da análise de técnicas e utensílios das transformações das paisagens. Desta forma, os elementos materiais utilizados pelo homem foram incluídos nas percepções e pesquisas sobre paisagens. O idealizador deste método foi Sauer (1938), sua finalidade era analisar

as paisagens culturais, de modo que a morfologia era apenas um meio transformador através de um agente - a cultura -. “A cultura é o agente; o natural o meio; a paisagem cultural é o resultado” (SAUER, 1938).

Sauer foi criticado duramente por Duncan (1980) por colocar o indivíduo como mero agente de forças culturais, ou seja, a cultura **preestabelecida** e imutável induzia à ação do homem. Duncan (1980) pregava que a paisagem é uma forma de um processo cultural. Outra crítica a Sauer era a falta de investigação e interpretação dos meios utilizados pelos indivíduos que carregavam a cultura (CLAVAL, 2007).

Saltando para 2004, Joaquin Sabaté Bel lança o texto, em tradução livre, Paisagens culturais, consequência da pós modernidade?, onde diz que a paisagem cultural é ligada a um evento, atividade ou personagens históricos que contenham valores estéticos e culturais, valorizando os traços do trabalho sobre o território em uma ode aos trabalhadores que modificaram aquela paisagem. Ainda traz à discussão as diversas maneiras de preservação do patrimônio da paisagem cultural através da promoção da educação, cultura, atividades de lazer e novas dinâmicas de desenvolvimento econômico.

As paisagens da pós-modernidade se apresentam de forma fragmentada, como consequência da proliferação de “não-lugares” (AUGÉ, 1994) em detrimento a lugares públicos com forte caráter e peso histórico geradores de identidade. O entendimento é de que a globalização produz lugares banais, fugazes, e por isso a importância da discussão da memória, cultura e paisagens (SABATÉ, 2004).

Sabaté (2004) indica quatro manifestações que são transformadoras de paisagens culturais: a) Gentrificação do centro das cidades; b) A produção de grandes centros comerciais; c) O aumento de centros cívicos de grandes proporções; d) Processos de remodelação das cidades por meio de grandes projetos. Em resumo, as paisagens da pós-modernidade são extremamente relacionadas com as fragmentações socioespaciais e de gênero através da multiplicação de comunidades fechadas e homogêneas.

Tendo em vista os processos homogeneizadores, é importante frisar pesquisas que identificam as possibilidades de identidade na contemporaneidade. A aura local, termo cunhado por Lineu Castello (2017), traz a discussão o espírito do local - *genius loci* - (NORBERG-SCHULZ, 1996) que pertence naturalmente a um

lugar no que tange a sua notoriedade aos olhos das pessoas. Segundo sua tese, existe a distinção da “aura natural”, que pertence de forma congênita ao lugar, e a “aura cultural” que advém das marcas deixadas pelos costumes e vivências de uma sociedade em um determinado espaço.

No espaço contemporâneo, a aura cultural pode ser interpretada a partir das dinâmicas entre seus habitantes. O *genius loci* pode ser modificado - propositalmente ou não - através das interações dos habitantes de uma bairro ou uma cidade (SCHULZ ; TUAN, 1980).

Outra evidência contemporânea se faz presente através do termo ‘glocal’, primeira tentativa de interpretação das interações entre o modelo global em uma escala local. O termo cunhado no fim da década de 1980, associa os processos de reestruturação econômica, visa evitar a grande separação entre local e global (ESCOBAR, 2001). É preciso lembrar que a conceituação de global e local é nebulosa, uma vez que, por exemplo, movimentos locais de organização social em luta da proteção de sua identidade e do meio ambiente são fenômenos globais com características únicas em cada local (PARNELL, 2006).

É necessário impedir que o regional seja identificado como um conceito estanque e imutável. Em estudos sociológicos fica provado que nenhuma sociedade sobrevive sem a miscigenação e intercâmbio de costumes e culturas. As sociedades que se fecharam para este tipo de trocas, pereceram primitivas e com baixa capacidade de autocontrole (MUMFORD, 1941).

Desta forma, é possível afirmar que toda cultura regional tem seu lado universal, aberto às influências de toda parte, e que é saudável haver esta permeabilidade. Isto posto, muitas vezes são necessárias ideias globais para aumentar a eficiência, ou até mesmo inovar com base em técnicas locais.

Pode-se deduzir que, a criação da identidade surge a partir da ideia de contínuo “estado reflexivo”, como uma dialética da “Modernidade específica” criando uma nova estética que nos permitirá ser global e local ao mesmo tempo. (CAREVIC 2012; MUNTAÑOLA 2002). Onde o “reflexivo” representa um dinamismo de “contra fluxo” num diálogo entre o novo e antigo, ou seja, inovar com a base em técnicas locais.

2.4.3.Cultura;

Cultura não é um conceito de fácil definição, devido a grande multidisciplinaridade e diversos interesses, tem sido estudada em áreas como história, antropologia, comunicação, sociologia e etc. O conceito em si perpassa diferentes campos de pesquisas e usos. A palavra Cultura tem sido usada em substituição a outros termos semânticos como “tradição”, “espírito”, “mentalidade” e “ideologia” (CUCHE, 2002). Na contemporaneidade ouve-se diversos termos relacionados ao vocábulo , o que leva a crer que existem diversos conceitos diferentes.

Cultura ganha um sentido figurado, e não mais literal no sentido de “cuidar de algo” ou “cuidado com o crescimento natural” (WILLIAMS, 1995), no fim do século passado; de forma que o trabalho despendido nas faculdades humanas são abarcados no conceito. Como resultado, as representações artísticas, que testemunham este desenvolvimento, representam a própria cultura.

Tanto Cucho (2002) quanto Williams (2007) indicam os séculos XVIII e XIX como o momento em que o sentido figurado de cultura são estabelecidos através dos meios intelectuais e artísticos. Termos como Cultura das Artes, Cultura das ciências representam o intuito de cultivar o tema.

O enfoque da academia francesa, coloca lado a lado com o entendimento de civilização, vem do entendimento de que a educação formal provia cultura às classes burguesas. Deste modo se estabelece a relação entre o homem selvagem - sem cultura - irracional e o homem civilizado, iluminado pela cultura, e desta forma racional (CUCHE, 2002; WILLIAMS, 1995). Em síntese, a cultura levava ao engrandecimento racional pessoal, enquanto a civilização era o sentido coletivo desta afirmação.

Entretanto o enfoque acadêmico Alemão, apesar de conservar muitas similaridades com os conceitos franceses, vai contra os seus nobres príncipes alemães quando julgam demasiados os modos civilizados copiados por eles dos nobres cultos franceses. O entendimento alemão passa a se relacionar com a autenticidade e profundidade que leva ao enriquecimento intelectual e espiritual (CUCHE, 2002).

Desta forma, se formaram dois conceitos base de cultura, o Francês universalista, e o Alemão que considera cultura uma coleção de características intelectuais, artísticas e morais que formam um patrimônio de uma sociedade (CUCHE, 2002).

Cultura pode ser definida como uma ideia que tanto particulariza o mundo, quanto provê um conceito para entender esta particularização. A cultura é mais uma faceta da vida humana, da mesma importância das facetas socioeconômicas e políticas, mesmo que não tenha o mesmo significado. É caracterizada como uma categoria ontológica, ou seja, voltada para si, que deve ser estudada para compreender a diferenciação, comportamento e experiências das batalhas humanas.

Mitchel (1995) propõe uma reconceitualização do termo Cultura, alegando que até então (e talvez até o momento), existia ainda uma grande dificuldade de conceituação do termo. No seu modo de ver, não deve existir a percepção de cultura ontológica, ao invés disso, expõe a invenção de cultura como uma forma de elitização e controle através de poder político e econômico.

Uma segmentação interessante para o conceito de cultura foi dado por Daniele Canedo (2009) através de três concepções: 1) modos de vida que caracterizam uma coletividade; 2) obras práticas da arte, da atividade intelectual e do entretenimento; e 3) fator de desenvolvimento humano.

A primeira concepção é baseada em um sistema de signos e significados advindos dos grupos sociais, através da interação social os indivíduos constroem seus valores e identidades, logo sua cultura. Ainda na mesma concepção é ressaltada a necessidade de ampliar o conceito, entendendo que a criação de símbolos, valores e ideais são produzidos de forma coletiva, e todos os indivíduos do grupo social são sujeitos culturais. Deste modo seriam valorizados diversos meios de transmissão da cultura através da tradição oral, costumes, crenças, organização social, modos de fazer e manifestações populares (CANEDO, 2009).

Na concepção de obras práticas de arte, atividade intelectual cresce a partir de um foco mais exclusivo onde estas atividades são abordadas em um viés econômico. Se desenvolve fora da esfera da vida cotidiana do sujeito, é uma produção explicitamente focada em desenvolver sentidos, ou significados, e alcançar um tipo específico de público. O estudo da influência dos valores, crenças e

hábitos culturais de uma sociedade em suas relações econômicas são denominados como Economia da Cultura. Desta esfera se desdobram dois processos distintos: a mercantilização da cultura, quando as atividades culturais são produzidas a fim de distribuição em larga escala e prevê lucros; e a culturalização da mercadoria, que acontece na atribuição de valor simbólico a objetos de uso cotidiano (CANEDO, 2009). É percebido também a lucratividade através das características culturais de determinado local - *locus* - (NORBERG-SCHULZ, 1996) através do turismo ou mesmo do marketing. Quando do caso da produção de um lugar que seja percebida tal cultura pode-se citar os casos de *placemarketing* e *placemaking* (CASTELLO, 2007).

A última concepção, tem o viés mais politizado, age de forma socioeducativa através de atividades culturais que estimulam atitudes críticas, atuação política e apoio a necessidades particulares. Sem dúvida, é a concepção mais criticada, artistas e pesquisadores a desaprovam por ser uma visão utilitarista. Porém, segundo alguns é de fato possível a cultura exercer um papel de formação social e política dos sujeitos.

2.5. Um caso de identidade regional no pampa;

O Pampa é uma paisagem cultural, representada através de folclores, contos, danças, gastronomia, economia e arte. Já a região platina é definida com base em aspectos hidrográficos delimitados pela bacia do Rio Prata, além de aspectos históricos econômicos, que abrange centros urbanos importantes como Buenos Aires, Rosário, Montevideu, Pelotas, Porto Alegre e as regiões missioneiras do Brasil e Argentina. Esses aspectos fizeram com que se estabelecesse uma associação entre a região platina e o pampa (PANITZ, 2010).

Desse modo, existe um espaço geográfico contemporâneo, complexo, que através de interações sociais e culturais convergem na ideia do espaço platino. Assim sendo, a região do extremo sul do Brasil está enquadrada neste contexto, onde se tem uma diversidade característica climática e cultural que se diferencia do restante do país.

Sob a luz desta realidade, o compositor e escritor pelotense Vitor Ramil publicou em uma coleção intitulada Nós, os Gaúchos, o ensaio denominado A

Estética do Frio (FISCHER, 1992), mais tarde foi apresentado em conferência de Genebra (Suíça) em junho de 2003, e publicado em 2004 pelo selo independente Satolep Livros. O ensaio fala sobre a criação de uma estética que responda realmente a cultura do extremo sul brasileiro. Uma estética que pouco tem a ver com a do restante do Brasil, já caracterizada pelo sol, praias e festas por grandes períodos do ano (RAMIL, 2004).

Precisamos de uma **estética do frio**, pensei. Havia uma estética que parecia mesmo unificar os brasileiros, uma estética para a qual nós, do extremo sul, contribuímos minimamente; havia uma ideia corrente de brasilidade que dizia muito pouco, nunca o fundamental de nós. Sentíamos-nos os mais diferentes em um país feito de diferenças. Mas como éramos? De que forma nos expressamos mais completa e verdadeiramente? O escritor argentino Jorge Luis Borges, que está enterrado aqui em Genebra, escreveu: a arte deve ser como um espelho que nos revela a nossa própria face. Apesar de nossas contrapartidas frias, ainda não fomos capazes de engendrar uma **estética do frio** que revelasse a nossa própria face. (RAMIL, 2004, p.14)

Ramil (2004), busca reinterpretar o ser gaúcho na sua contemporaneidade, valorizando os elementos característicos da cultura local, como exemplo o frio, a natureza, as coloquialidades linguísticas, etc. A renovação – e talvez até certa globalização – se encontra na integração através da música, pelo gênero milonga comum ao extremo sul do Brasil, Argentina e Uruguai, mas reinventado com influências tropicalistas, folk, e vários outros gêneros presentes no seu desenvolvimento como músico e escritor.

Em sincronia aos pensamentos de Vitor Ramil, aparece outra expressão importante desenvolvida pelos irmãos Drexler, Daniel e Jorge, uruguaios, músicos e poetas. Em conversa com Ramil, eles falavam da “illexândia” o território da *Illex Paraguaiensis* (nome científico da erva mate). Assim como a milonga, o mate - ou chimarrão - é uma tradição que une as pessoas em torno do rio do Prata. Dias, após essa conversa entre amigos, os irmãos chegaram à expressão chamada Templadismo (LINHA, 2014). Em entrevista à coluna de cultura do jornal El País (São Paulo), Daniel Drexler resume em poucas palavras de onde surgiu a ideia do Templadismo.

Li Tropicália, do Caetano Veloso, em que ele diz que o Brasil é quase uma ilha, um país-continente que está de costas para o resto da América do Sul. [...] Aí, comecei a observar a bacia do Prata e aquele país pequeno e artificial, o Uruguai, que surgiu por um acordo político depois de ter sido parte do Brasil e também da Argentina, em diferentes momentos de sua história. Eu cruzava a fronteira para o Rio Grande do Sul e ouvia milongas, tomava chimarrão e comia churrasco. Ia para a Argentina, que tem

semelhanças muito grandes com o Uruguai. Comecei a tratar de encontrar a causa dessa comunhão de identidade e a olhar a paisagem, no sentido amplo da palavra (visual, topográfica, climática, econômica etc). Me dei conta de uma estética comum aos três países. [...] Essa história começou em 2002 e ainda muita viva e dinâmica, gerando debates principalmente no Rio Grande do Sul (MORAES, 2015).

Como se pode notar o **Templadismo** e a **Estética do Frio** possuem diferenças mínimas e voltam-se para o mesmo propósito: a caracterização da cultura do sul da América do Sul. Além de uma visão econômica, caracterizada pelo MERCOSUL, esses movimentos socioculturais buscam uma nova leitura Platina, sendo assim pensamentos que transpõem fronteiras geográficas (ZILIO, 2014).

O que é proposto em estudos recentes é a **região transnacional gaúcha**, onde fronteiras são transpostas através de uma identidade sócio-espacial que caracterizam uma regionalização. É importante frisar a participação - mesmo que superficiais - de regiões localizadas fora do pampa mas que ainda assim contribuíram para esta identidade, a exemplo da região serrana do Rio Grande do Sul, com suas colônias de imigrantes Italianos e Alemães, assim como o extremo sul do território Argentino mais especificamente na Patagônia (ZILIO, 2014).

2.6. Conceito de *terroir*: homem, cultura e técnica;

A palavra *terroir* passa a exprimir a interação entre o meio natural e os fatores humanos. E esse é um dos aspectos essenciais do *terroir*, de não abranger somente aspectos do meio natural (clima, solo, relevo), mas também, de forma simultânea, os fatores humanos da produção - incluindo a escolha das variedades, aspectos agrônômicos e aspectos de elaboração dos produtos.

Na verdade o *terroir* é revelado, no vinho, pelo homem, pelo saber-fazer local. O *terroir* através dos vinhos se opõe a tudo o que é uniformização, padronização, estandardização, e é convergente ao natural, ao que tem origem, ao que é original, ao típico, ao que tem caráter distintivo e ao que é característico.

Se *terroir* inclui fatores naturais e humanos, ele não pode ser apropriado somente por um clima particular, ou um solo particular, por exemplo. *Terroir* é mais que isto. Por outro lado, há que considerar que um clima particular pode ser um elemento que explique parcialmente o efeito *terroir*, sendo portanto um elemento do mesmo.

Nos anos 1970, o pesquisador Gérard Seguin foi pioneiro em pesquisas que passaram a desvendar, no mundo científico, os elementos de compreensão do efeito dos fatores naturais (físicos) do *terroir* sobre a tipicidade dos vinhos de Bordeaux. Assim, não existe *terroir* sem o homem. O termo *terroir*, então, apresenta uma coerência geográfica, socioeconômica e jurídica. (TONIETTO, 2007)

3. Metodologia

Em mente do questionamento inicial: Qual a identidade arquitetônica do sul da América? É colocado como objetivo principal: explorar o tema da arquitetura local na paisagem cultural do pampa. Ou seja, desenvolver o conceito da **Estética do Frio** em seu viés arquitetônico, denominado aqui como *Terroir* Arquitetônico do Pampa.

Através de Estudos de Caso, a metodologia proposta por Gil (2008) é lançada mão primeiramente do nível de pesquisa exploratória, tendo em vista a finalidade deste trabalho de lançar um novo conceito que poderá gerar hipóteses pesquisáveis em estudos posteriores. Em consonância à primeira, em momento posterior, vale-se da aproximação a pesquisa descritiva no sentido de identificar a existência de relações entre as variáveis, as obras arquitetônicas, a fim de renovar a visão sobre a releitura dos seus elementos arquitetônicos no momento atual.

Assim, a cultura fornece aos homens os meios de se orientar, de recortar o espaço e de explorar o meio. As relações que os grupos estabelecem com seu ambiente são mediadas pelas técnicas e pelas maneiras de se alimentar. Nos meio humanizados, o ambiente torna-se um componente da cultura, que ajuda a transmitir, mas que contribui a fixar (CLAVAL, 2007).

Partindo do conceito de *terroir* estabelecido pela viticultura e enologia francesa na fabricação de vinhos superiores (VAN LEEUWEN; SEGUIN, 2006) especula-se que a definição cultura, técnica e homem podem se tornar padrões de observação no que tange à arquitetura local. O resultado arquitetônico advém da mistura paisagens, materiais, técnicas construtivas, economia, história e sociedade. Na perspectiva da paisagem cultural do pampa, pode-se dizer que os elementos cultura e homem já foram caracterizados através da **Estética do Frio** (RAMIL, 2004), pela **região transnacional gaúcha** (ZILIO, 2014), e trabalhos científicos no campo da geografia social desenvolvidos por Lucas Panitz (2010, 2017) restando observar o viés arquitetônico, técnica, que é pauta central deste trabalho.

Para tanto, foram explorados em obras arquitetônicas residenciais, elementos pontuais que unem as arquiteturas em pontos distintos da trajetória temporal desta paisagem cultural gaúcha. Primeiramente, a análise de casos históricos e seus elementos convencionais que atendiam as necessidades àquela época. Em outro

momento elementos contemporâneos que atendem a fins parecidos do passado, porém foram reinterpretados em consonância com a arquitetura atual.

As análises das obras foram abordadas de maneira qualitativa e pontual pela impossibilidade da investigação da infinidade de exemplares arquitetônicos possíveis. Para fins práticos neste trabalho se desenvolveu em duas etapas, a primeira constituiu na seleção de obras significativas do ponto de vista arquitetônico, e a segunda foi composta de um comparativo evolutivo da releitura dos elementos arquitetônicos em comum.

As técnicas de coleta de dados foram através pesquisas históricas, pesquisa documental e bibliográfica de fontes de informação das obras acessadas através de material bibliográfico publicado, artigos de revistas científicas, anais de colóquios, websites oficiais dos arquitetos responsáveis, revistas impressas ou digitais, plataformas online de divulgação de obras como Dezeen e Archdaily, assim como acervo fotográfico do autor ou cedido por terceiros.

3.1. Base de seleção de obras

A seleção das obras foi feita alinhada às proposições deste trabalho, de forma a atender os critérios até aqui abordados como o recorte geográfico, cultura e vivência. Seguem listados:

- a. O primeiro fator de escolha das obras estudadas é o espaço geográfico e cultural do estudo em questão: o pampa. Como evidenciado anteriormente, obras implantadas nas regiões delimitadas pelo mapa elaborado por Soriano et. al (1991);
- b. Segundo ponto é o recorte quanto ao uso das obras, selecionado pelo autor, residências unifamiliares de permanência curta ou longa, sem restrições de grandezas ou compartimentações;
- c. Terceiro e último item se delimita nos autores das obras, arquitetos, engenheiros ou construtores anônimos que produziram obras adequadas ao tempo, usos e necessidades socioeconômicas. Assim como arquitetos e escritórios formais na atualidade. O que é determinante quanto aos autores, é atuação na região do pampa.

3.2. Identificação e análise de pontos arquitetônicos correlacionados;

A comparação foi feita através de elementos pontuais que foram considerados relevantes em sua repetição na arquitetura local. Elementos importantes presentes nas obras do passado e presente, foram evidenciados e avaliados suas interpretações na atualidade a partir dos autores como Prado Junior, etc; são eles:

a. Implantação das edificações. Por diversas razões se escolhe determinadas situações do terreno para se erguer uma residência, necessidades técnicas ou estéticas são de suma importância no processo de construção;

b. Varandas, alpendres e zonas de transição. Tem papel importante por fatores práticos do dia a dia, como uma área em que o usuário da edificação se prepara para adentrá-la. Outra forma de justificar este elemento nas obras é o de prover um espaço térmico de transição entre o exterior e interior da edificação;

c. Elementos ligados ao fogo como lareiras, churrasqueiras e chaminés. O fogo é elemento presente em diversas culturas, desde motivos religiosos até o simples fato de aquecimento. No caso do pampa o fogo tem papel importante no aquecimento, e também na cultura gastronômica que advém da atividade econômica agropecuária, a qual mais se desenvolveu no princípio da história da região do prata (PRADO JUNIOR, 1973).

d. Materiais de construção e suas aplicações. A utilização de certos materiais em elementos específicos são resultado do conhecimento das necessidades específicas de certas regiões. As soluções construtivas se provam no tempo e de modo empírico são validadas quando utilizadas em novas obras.

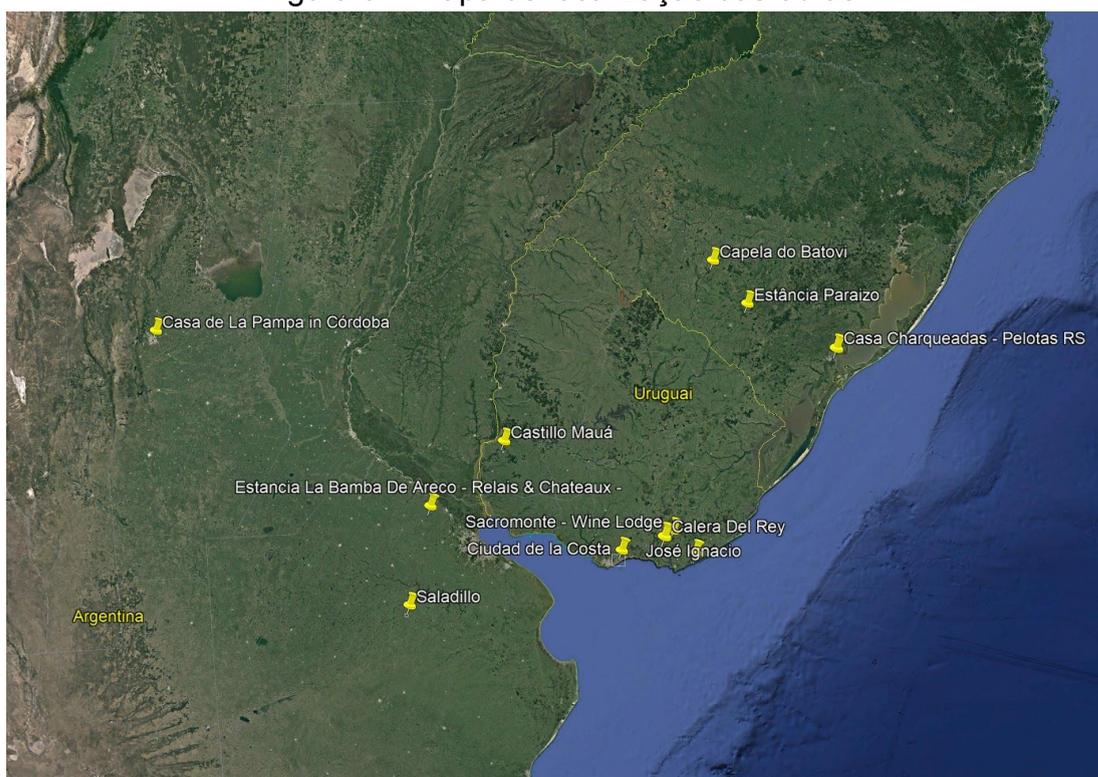
4. Objetos de estudo e análise

4.1. Obras selecionadas:

Conforme os pontos abordados no capítulo anterior de metodologia foram selecionadas onze casas para análise. O mapa abaixo, Figura 04, foi elaborado a fim de ilustrar com mais precisão os pontos de implantação dos casos de estudos selecionados. O resumo das análises é feito na Tabela 4, no final deste capítulo.

1. Estancia La Bamba, San Antonio de Areco, Argentina;
2. Estância Batovi, São Gabriel, Rio Grande do Sul, Brasil;
3. Estância Paraíso, Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil;
4. Castillo de Mauá, Mercedes, Soriano, Uruguai;
5. Casas Anônimas, José Ignacio, Uruguai;
6. Casa CL, Saladillo, Argentina;
7. Casa Calera del Rey, Maldonado, Uruguai;
8. Casa Pampa, Pocho, Córdoba, Argentina;
9. Casa Charqueadas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil;
10. Refugio Finca Aguy, Pueblo Eden, Maldonado, Uruguai;
11. REP II House, Canelones, Uruguai.

Figura 04: Mapa de localização das obras.



Elaborado pelo Autor a partir do software Google Earth.

4.1.1. Estancia La Bamba, San Antonio de Areco, AR.

Integrante do patrimônio cultural argentino, e gauchesco, a estância La Bamba de Areco era parada importante da rota chamada *Camino Real* que unia a capital Buenos Aires com o norte do país. Sua origem é de 1830, portanto uma das estâncias em estilo colonial mais antigas da Argentina. No século XX já não havia mais a necessidade bélica, no sentido de proteger e guardar aquele território, foi transformada em estância e conservou seu nome que vem da palavra celta *Bahamba*, que significa lugar de repouso e hospitalidade. Em 1970 foi declarada monumento nacional pela cidade de San Antonio de Areco, abrindo suas portas de hospedagem e turismo rural ao público em 1980. Renovada em 2009 foi transformada em hotel rural de luxo que oferece diversas experiências ligadas a cultura gaúcha e do pampa (LA BAMBA DE ARECO, 20-? ; CASTELLS, 2010).

La Bamba de Areco é um exemplo válido, pois traz duas obras interessantes a serem observadas em seu complexo. O edifício principal apresenta alguns elementos adaptados às necessidades locais, apesar de ter suas origens na arquitetura colonial espanhola. Já o edifício *La Pulperia*, o qual foi a primeira edificação da estância, e provavelmente serviu de base temporária para os carreteiros e trabalhadores que construíram o edifício sede, traz consigo a identidade do *gaucho* trabalhador dos pampas.

La Bamba é um exemplo emocionante de um tipo de fazenda crioula que expressa, talvez como nenhuma outra, a identidade incorporada pela arquitetura rural de Buenos Aires em sua adaptação ao contexto minimalista e poético dos pampas. A horizontalidade dinâmica de seus volumes atarracados, imantados ao chão, em contraste com a verticalidade solitário do mirador, erigido no rígido conjunto sentinela com vista para a paisagem infinita da planície. As galerias sombreadas são soluções espaciais adequadas ao clima, enquanto as tradições coloniais herdadas da construção perduram em seu uso devido à economia e simplicidade no uso racional dos materiais. Sua pureza volumétrica destacada cromática, sua síntese formal e sua austeridade ornamental são uma consequência inseparável dessa lógica evolutiva, permitindo a integração coerente de diferentes estágios de construção. Sergio López Martínez. Traduzido pelo autor. (ARGENTINA, 2011, p. 308)

Figura 05: Fachada frontal.



(LA BAMBA DE ARECO, 20-?)

Figura 06: Varanda, fachada frontal.



(LUXURY LATIN AMERICA, 20-?)

Seu edifício principal se desenvolve em torno de uma torre de vigia com a antiga finalidade de avistar ataques indígenas - figura 05 e 07 - e um pátio central que reúne entradas para os diversos cômodos da casa. Em sua fachada, conta com grande varanda com caibros de madeira bem acabados e regulares, telhas de barro e forro em tábuas distribuídos longitudinalmente a continuidade da varanda - figuras 05 e 06 -. A materialidade de tijolos rebocados advém da tecnologia importada da colonização espanhola, grandes janelas e portas verticalizadas em madeira e repetidas em sincronismo ditam o padrão organizacional dos cômodos internos. Apresenta chaminés elegantemente posicionadas e pintadas de modo a se camuflar

nas fachadas do edifício. Os elementos voltados ao fogo constam em lareiras e na exaustão dos antigos fogões da cozinha. Os cômodos internos foram transformados em quartos hoteleiros, e infelizmente não foi possível identificar a soluções arquitetônicas originais⁸.

Figura 07: Jardim central e fachadas internas.



(LUXURY LATIN AMERICA, 20-?)

Ao lado do edifício principal se localiza *La Pulperia* a edificação mais antiga do conjunto que remonta do século XVIII. Esta era inicialmente o refúgio dos cavalos e carruagens, posteriormente também foi utilizado para a reunião dos gaúchos para suas danças, cantos e festividades. Hoje em dia foi convertida em café e bar do hotel - figura 08 -.

⁸ Não foi possível obter levantamento ou informações da edificação em sua forma original.

Figura 08: Vista da Pulpería.



(MELIA, 2013)

Figura 09: Varanda com forro de taquaras da Pulpería.



(LA BAMBA DE ARECO, 2019)

Dotado de acabamentos muito mais rústicos do que o edifício principal *La Pulpería* também apresenta elementos comuns às edificações do pampa. A exemplo da varanda, desta vez com madeiramento roliço e forro em filetes de madeira que parecem taquaras partidas. Os tijolos maciços não são revestidos, singelamente assentados mostram a irregularidade e rusticidade de uma construção veloz e menos atenta a ornamentos - figuras 09 e 10 -. Assim como as paredes o piso tem a mesma fonte de matéria prima, ladrilhos *barro cocido* - figuras 09, 10 e 11 -. É louvável o senso estético e histórico do arquiteto(a) responsável pelo projeto de renovação deste espaço, os materiais foram mantidos e evidenciados de modo a trazer muito da identidade campeira.

Figura 10: Músicos gaúchos em torno da lareira da Pulpería.



(LA BAMBA DE ARECO, 20-?)

Figura 11: Vista interna da Pulpería.



(LA BAMBA DE ARECO, 20-?)

4.1.2. Estancia Batovi, São Gabriel, Rio Grande do Sul, BR.

A Estancia Batovi se encontra na área rural do município de São Gabriel no Rio Grande do Sul a cerca de 40km do centro da cidade. Ainda hoje ativa na atividade agropastoril, tem como principais as culturas de soja, arroz e pastagem para criação bovina e ovina. Sua origem remonta como parte das missões de São Miguel, no ano de 1687 constam indícios históricos de sua existência. Em 1750 foi área limítrofe entre os reinos de Portugal e Espanha por sua proximidade do rio Santa Maria. A sua implantação se deu em um *cerrito* - figura 12 - que eleva as edificações do nível baixo dos arredores assegurando longa visão para o controle de quem se aproxima assim como um solo mais seco e propício a construção (FERT, 2011 ; FIGUEIREDO, 1984 ; LAUX, 2017).

Figura 12: Vista ao longe da estância.



(LAUX, 2017)

Figura 13: Fachada principal.



(BARBOSA, 2011)

As características arquitetônicas são do período colonial português, paredes de pedra de grande espessura, revestimentos a base de cal e areia com pintura branca também a base de cal, telhado com telhas cerâmicas do sistema capa-canal, beirais curtos tipo cimalha de alvenaria com argamassa, aberturas de madeira envoltas por molduras amarelas, como mostrado na figura 13. A exemplo das estâncias de colonização espanhola a formação da planta gera pátio interno de serviço e acesso aos cômodos (FERT, 2011 ; BARBOSA, 2011).

O alpendre, ou varanda, neste caso é voltado para o pátio íntimo fechado por uma parede de pedras sem argamassa (paredes ciclópicas). Não é possível precisar se este muro foi adicionado após reformas, mas os indícios de outras muretas - figuras 14, 15 e 16 - no mesmo estilo executadas por volta de 1970 conforme relato da proprietária, talvez seja um indicativo de que o alpendre poderia ser uma entrada secundária do edifício principal (FERT, 2011).

Figura 14: Pátio interno.



(FERT, 2011)

Além de gerar uma zona de transição entre o exterior e interior, neste caso a varanda funciona como conexão entre a área social, cozinha e dormitórios ao fundo da casa como evidenciado na figura 17. O piso da casa principal foi substituído quase que em sua totalidade por pedras grês em recorte quadrado regular como observado na figura 16, em dois dormitórios aparentemente se encontram os pisos mais próximos dos originais feitos de grandes tábuas de madeira.

Os forros da edificação, figura 17, também tem como matéria prima a madeira, feitos de tábuas em sistema forro-camisa onde uma tábuas se sobrepõe parcialmente sobre a outra criando uma sequência de reentrâncias longitudinais. Também não é possível afirmar a originalidade deste elemento, pois as adequações técnicas de cada reforma feita pode ter adicionado ou retirado elementos arquitetônicos.

Figuras 15 e 16: Vista da sala de estar e corredor varanda.



(FERT, 2011)

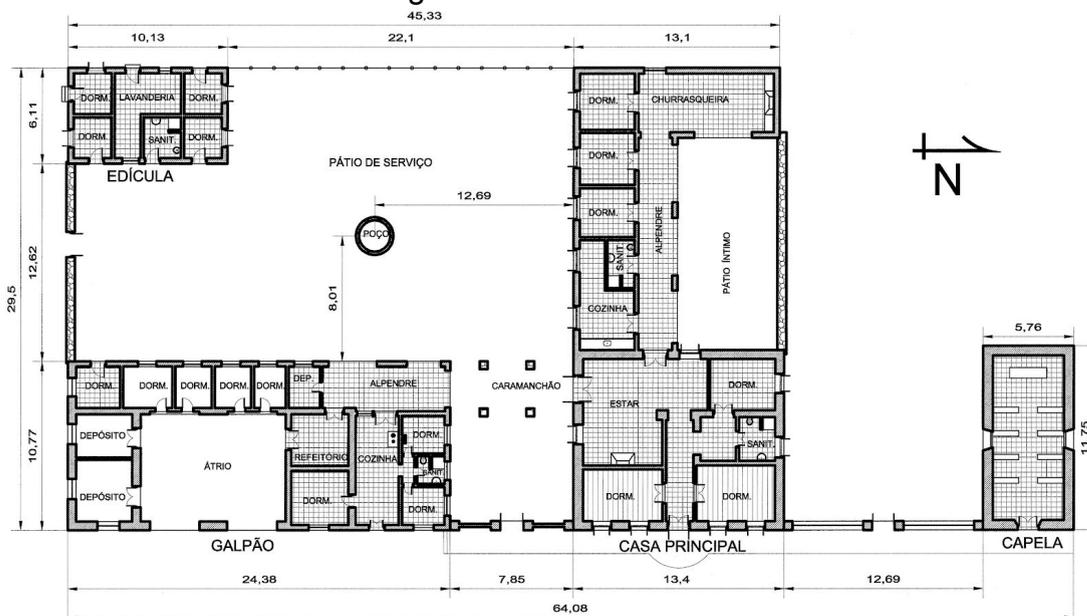
Conforme as figuras 17 e 18, pode-se compreender a amplitude da fachada gerada pelas edificações que compõem a Estância, do sul para o norte, primeiramente galpão, edícula, casa principal e capela. A edícula tem papel indefinido no passado, seu uso poderia ser de atafona, casa de chique ou até senzala. O galpão ao sul tem papel importante para a lida no campo é o local de trabalho dos gaúchos, é onde se encilham e tratam os cavalos e se passava maior parte do dia de trabalho em volta do fogo de chão. Também servia como estalagem para viajantes, e até mesmo moradia para os trabalhadores assalariados da estância.

Figura 17: Fachada principal.



(BARBOSA, 2011)

Figura 18: Planta baixa.



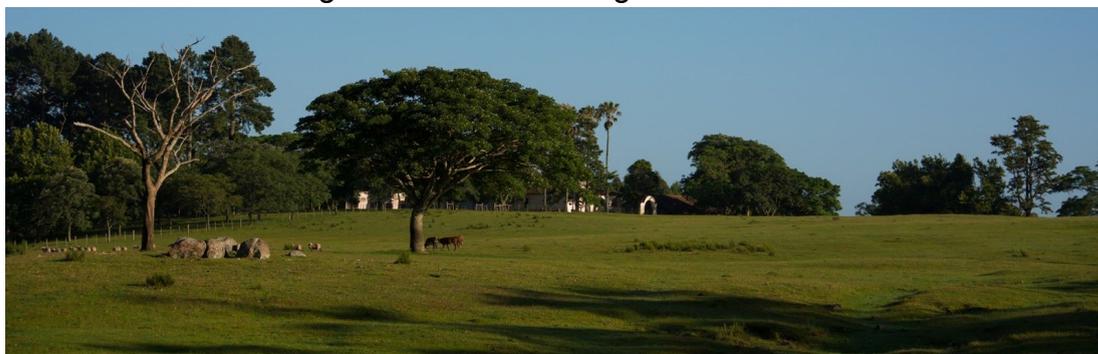
(FERT, 2011)

A casa principal, no centro da figura 15, hoje com suas divisões provavelmente modificadas em relação ao original, se colocava como residência dos patrões e espaço social para a recepção e convívio da família e visitas importantes. Por fim, a capela que em estâncias de maior importância política e econômica se faziam imprescindíveis para a prática da fé para as pessoas que ali viviam. Ao contrário das demais construções, a capela conta com um telhado de apenas duas águas, e tem os acabamentos que seguem o padrão da casa sede: forros em tábuas, piso em pedras grês regulares e paredes de pedra revestidas em cal e areia.

4.1.3. Estância Paraíso, Bagé, Rio Grande do Sul, BR;

A Estância Paraíso fica a 18km do centro de Bagé - Rio Grande do Sul, é pertencente a família Mércio originária do arquipélago dos Açores em Portugal, a qual migrou para o Uruguai na cidade de Colônia do Sacramento no ano de 1690. No ano de 1790 a Estância Paraíso foi comprada pela família que se dedicou em grande parte à atividade agropastoril. Após oito gerações nos anos 2000, a família começou a implantação de vinhedos para fornecer uvas a vinícola Salton, originária da serra gaúcha, e já no ano seguinte em 2011 produzia seus próprios vinhos de forma terceirizada (SILVEIRA, 2018 ; ESTÂNCIA PARAIZO, [2017]).

Figura 19: Vista ao longe da estância.



(ESTÂNCIA PARAIZO, [2017])

A implantação das edificações, como de costume na região do pampa, fica no ponto mais alto do terreno, conforme figura 19, neste caso em cima de uma pequena e longa colina que se eleva gentilmente acima dos campos lindeiros. Ali se encontram a casa sede da estância e o galpão crioulo. A casa sede tem estilo colonial possui cobertura de quatro águas e telhas capa canal, sobre a fachada principal leste da casa alinhado aos arcos da varanda ostenta um frontão.

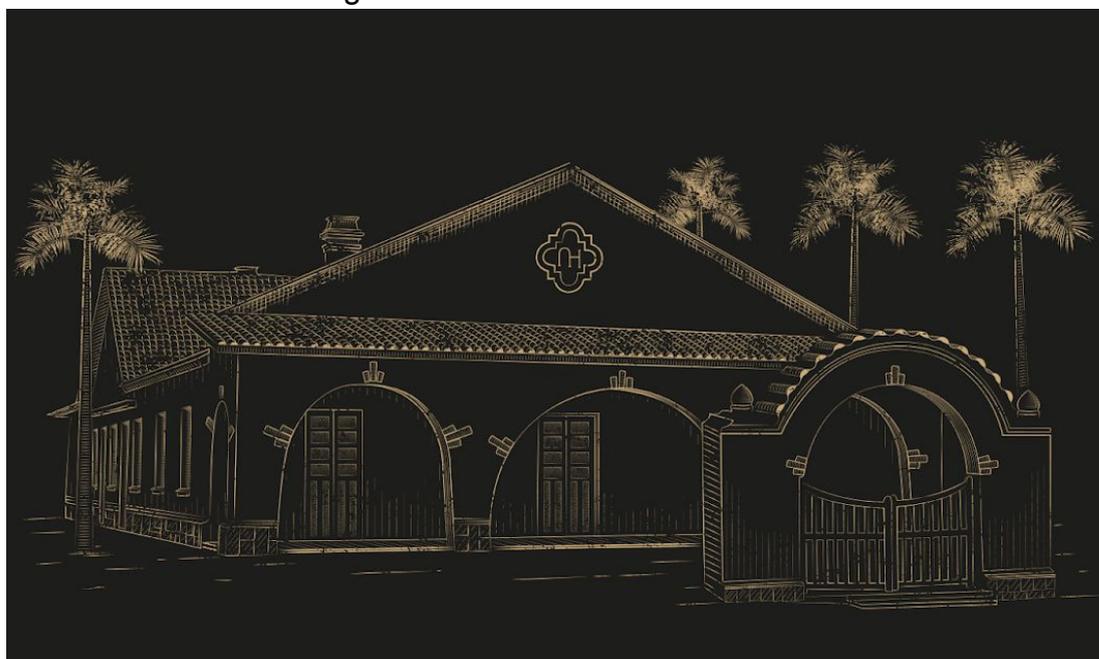
Figura 20: Fachada principal.



(ESTÂNCIA PARAIZO, [2017])

A base ou fundação da casa é feita em pedras de arenito como observado no croqui da figura 21, as paredes têm sua materialidade de tijolos cerâmicos brutos com argamassa. Como área de transição para o interior da casa a varanda cobre toda a extensão da fachada, sua cobertura é feita por vigas de madeira cobertas por telhas de cerâmica apoiadas entre a casa e parede com três arcos. As aberturas em venezianas de madeira acompanham o alinhamento dos arcos. Logo a frente da casa um arco centralizado a fachada principal indica a possibilidade de haver no passado um muro, ou a intenção de, que circundava a casa limitando o acesso direto. Na fachada sul existe outro frontão, porém sem varanda, centralizado na extensão mais longa das quatro fachadas da casa. Entre as águas dos telhados se observam chaminés.

Figura 21: Desenho das fachadas.



(ESTÂNCIA PARAÍZO, [2017])

O galpão crioulo, figura 22 e 23, fica a norte da casa sede, suas paredes são espessas e feitas de blocos rústicos de arenito. Como é citado pela família, inicialmente era utilizado para a tosquia de ovelhas e guarda de ferramentas e materiais para a lida no campo. O uso do galpão está sendo convertido para ser espaço de degustação dos vinhos produzidos pela estância. Ainda segundo relatos da família em suas redes sociais, o galpão tem as técnicas construtivas de origem açorianas (ESTANCIA PARAÍZO, [2017]). No galpão se observa chaminé em um dos cantos do quadrilátero, vem de uma lareira de chão com base também em

pedras. O fogo da lareira de chão também é aproveitado para o preparo de churrascos.

Figura 22: Galpão Crioulo.



(ESTÂNCIA PARAIZO, [2017])

Figura 23: Galpão Crioulo.



(ESTÂNCIA PARAIZO, 2020)

Afastado cerca de 3km da sede principal se encontra o mausoléu da família erguido pouco antes de 1915 para receber o túmulo do antigo proprietário Thomaz Mercio. Estava em situação de abandono e recebe obras de restauração desde 2018 (CHAGAS, SOARES, 2019). A edificação lembra um templo grego com colunas, fuste, cornijas, entablamento e frontão. Após as colunas existem paredes de pedra com vitrais circulares dentro deste ambiente se encontra a lápide do homenageado, segue figura 24.

Figura 24: Edificação que guarda o túmulo.



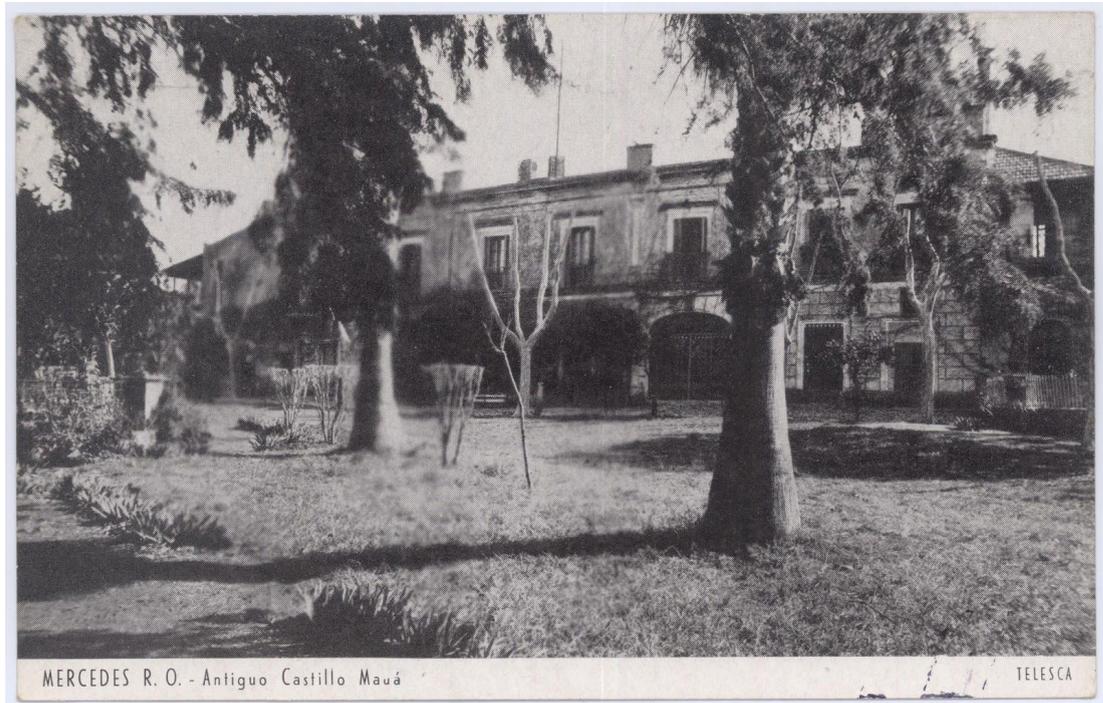
(CHAGAS, SOARES, 2019)

4.1.4. Castillo de Mauá, Mercedez, Soriano, Uruguai.

Esta edificação que teve sua construção de 1859 a 1862 foi construída quando o banqueiro brasileiro natural do Rio Grande do Sul, Irineu Evangelista de Souza também conhecido como Visconde de Mauá, no ano de 1857 comprou terras no departamento de Soriano, Uruguai. Inicialmente a estância tinha como objetivo a produção de lã, em uma área aproximada de 30 a 40 hectares. Outro uso presumido era de residência de descanso e passagem para o Visconde de Mauá nas suas viagens de volta ao Rio Grande do Sul a partir de sua residência em Londres (BENEDETTI, 2019 ;CASTELLANOS, 1974; SOLA, 2013).

Em 1896 a propriedade foi vendida na sua totalidade para um imigrante italiano chamado Bonaventura Caviglia. A partir da aquisição foi introduzido dois novos usos à estância, o cultivo de uvas e fabricação de vinhos construindo uma vinícola - *bodega* - com o nome de Santa Blanca em homenagem a esposa de Bonaventura, assim como o cultivo de olivais e produção de azeites. Infelizmente no início do século XX a vinícola Santa Blanca vai a falência após enfrentar diversas pragas do campo que prejudicaram hectares de vinhas que abasteciam toda região do prata e Europa (BENEDETTI, 2019; CASTELLANOS, 1974).

Figura 25: Foto da fachada na década de 40.



(PINTOS, 194?)

Finalmente em 1950 a estância - figura 25 - é expropriada pelo estado uruguaio e cedida aos cuidados da *Universidad del Trabajo* que por sua vez deixou recair essa responsabilidade à Intendência de Soriano. Essa transição acabou com o feito único na América Latina, em se tornar a única vinícola dependente de um município (BENEDETTI, 2019). A transição de posses não foi saudável, e devido às escassas finanças do estado uruguaio e o município de Mercedez, a edificação principal se encontra em péssimo estado de conservação.

O edifício tem características ecléticas, sua planta tem formato de ferradura como típicas estâncias uruguaias mas contém alguns elementos de fazendas brasileiras como decorações em azulejos portugueses. A edificação é distribuída em dois pavimentos. Atualmente, no pavimento térreo se encontra o Museu Paleontológico Alejandro Berro. No andar superior, que é acessado por uma escada em formato de ferradura, os antigos dormitórios e salas se transformaram em galerias de arte de um projeto cultural local, figura 26. Aos lados da edificação se posicionam galpões remanescentes ainda do uso rural (GUERRERO, 2016; CASTELLANOS, 1974).

Figura 26: Vista interna atual de um dos cômodos.



(SOLA, 2013)

A fachada principal forma uma extensa frente ao conjunto, a parte central do edifício original em estilo eclético é seguido lateralmente por edificações térreas que se desenvolvem como extensões posteriores e tem estilo colonial bem mais simplório sem detalhes, figura 27. Esta fachada não evidencia os telhados, tendo seu acabamento superior em frisos e guarda corpos dos terraços.

Figura 27: Vista aérea atual de todo complexo da edificação.



(SOLA, 2013)

Nos extremos do pavimento superior se localizam dois terraços, ao norte pode se observar as paisagens do pampa e o Rio Negro. É curiosa a estrutura do guarda corpo de madeira com vidraças que se estende pela fachada traseira, figuras 28, o grande corredor que se forma dando acesso aos quartos alonga a sensação de caminhar pelos terraços quase como se fosse uma varanda que garante iluminação a parte superior.

Figura 28: Fachada interna.



(SENA, 2012)

Figura 29: Corredor varanda posicionado na fachada interna.



(SENA, 2012)

Os materiais utilizados são variados e tem datas de utilização diferentes. Porém, é identificável o uso de tijolos e argamassa em cal e areia, telhas cerâmicas estilo francesas, piso cerâmico nas áreas externas e de tábuas perfiladas no interior da edificação como visto na figura 30. Muitos detalhes e adornos feitos em barras de ferro fundido e dobrado indicam a alta qualidade da edificação quando construída conforme figura 31.

Figura 30: Sequência descoberta do corredor varanda.



(SENA, 2012)

4.1.5.

José Ignacio foi um pequeno vilarejo de pescadores na região de Maldonado uruguai. Como indica classificação de Soriano (1991) fica na região do pampa denominada campos do sul, e está de frente para o oceano Atlântico. Hoje em dia, por sua proximidade com a praia de Punta del Leste, é destino de veraneio de muitos habitantes de cidades grandes. A arquitetura desenvolvida na região utiliza muitos materiais rústicos e elementos que remetem a arquiteturas do passado. Através de documentação fotográfica, podemos trazer alguns exemplos arquitetônicos anônimos que reúnem características importantes para este trabalho.

Figura 31: Casa em madeira e pedras.



(CAREVIC, 2018)

A implantação da maioria das casas acaba sendo em terreno em pequeno acive, já que a topografia de José Ignacio se coloca a poucos metros acima do nível do mar, gerando declive logo após a faixa de areia da praia. Ao contrário das regiões do pampa distantes da costa, não existem variações de altura no terreno formando coxilhas ou *cerritos*, a distância do piso térreo das casas acabam por ser alguns degraus acima do solo.

Figura 32: Casa com base em alvenaria e parte superior revestida madeira.



(CAREVIC, 2018)

Na maioria dos casos as casas apresentam varandas em uma de suas fachadas, assim como terraços a partir do segundo nível de algumas edificações. As varandas ao nível térreo parecem ter o mesmo uso das edificações de séculos atrás, gerar uma zona de transição entre o exterior e interior. Também é observado muitos pergolados em madeira, em alguns casos cobertos por taquaras partidas, ferramenta para gerar uma área sombreada. Já os terraços e varandas no segundo nível também tem sua causa comum às edificações mais antigas, são elementos projetados a fim de aproveitar a vista da praia e do oceano como observado nas figuras 31, 32, 33 e 34.

Figura 33: Casa em alvenaria e pedras, junto à praia e farol.



(CAREVIC, 2018)

Muito presente nestas edificações identifica-se chaminés, em sua maioria elas provém das *parrillas* ou churrasqueiras como é dito no Brasil. A cultura da carne assada na brasa é presente em muitas famílias do Uruguai, e tem muito a ver com a identidade do país. Estas chaminés são voltadas para a área interna ou externa dependendo do projeto, muitas vezes a *parrilla* faz parte da área social que se utiliza para encontro entre familiares e amigos.

Figura 34: Casa em concreto e varandas de pérgolas em madeira.



(CAREVIC, 2018)

A materialidade é o que dá a característica peculiar e local a estas edificações através da utilização de madeira e pedras locais. Estes materiais provavelmente são heranças das construções coloniais, e nestes casos foram ferramentas para reinventar a tradição moderna de caráter quase genérico para quase todas suas aplicações. São observadas a utilização de pedras em grandes planos de paredes, figura 31 e 35, assim como no envoltório de chaminés, figura 33. A utilização de grandes planos e linhas ortogonais, assim como generosas aberturas de alumínio e vidro evidenciam a influência moderna no projeto destas casas conforme as figuras 32, 33, 34 e 35.

Figura 35: Residência em alvenaria e paredes de pedras.



(CAREVIC, 2018)

Um elemento peculiar que também aparenta ser herança das arquiteturas coloniais, são as escadas externas que levam ao segundo pavimento conforme figura 31. A causa deste elemento nestas arquiteturas podem não ser as mesmas do passado, é provável que na configuração atual serve para a divisão da edificação em pequenos apartamentos.

4.1.6. Casa CL, Saladillo, AR. BAM! Arquitectura;

Localizada na cidade de Saladillo, na província de Buenos Aires a 185 km da capital de mesmo nome, a Casa SL se trata de uma ampliação de uma casa de campo, e teve como premissa projetual a reinterpretação das arquiteturas rurais da área. Sua implantação é em nível ao restante do terreno, contrariando a lógica, talvez pela limitação geográfica do lote ao qual se encontra. Como é a única no lote, pode se planejar todos os cômodos para a máxima qualidade de iluminação natural (BAM! Arquitectura, 2013).

Figura 36: Fachada frontal.



(BAM! Arquitectura, 2013)

Envolta por varandas em três das quatro faces, a área social de lazer se estende para esta área coberta aberta para o restante do lote, como visto nas figuras 36, 37, 38 e 39. Na fachada traseira existe também uma pequena de varanda que atende a um dos quartos e a área de serviço junto a cozinha.

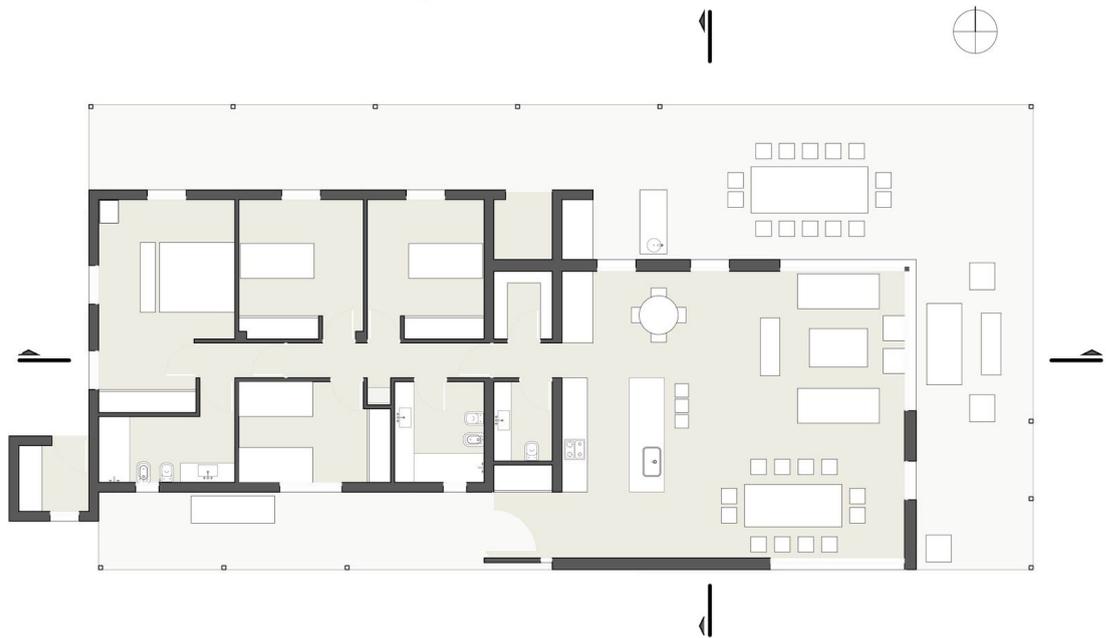
Figura 37: Varanda que une área da churrasqueira e corredor para os quartos.



(BAM! Arquitectura, 2013)

As áreas de lazer são equipadas de lareira na parte interna e *parrilla* na parte externa. Assim como as varandas em estrutura metálica de aço pintado de preto, as chaminés são metálicas com dutos em chapas de alumínio pintadas de preto dando uma impressão elementos industrializado ao conjunto. Outros elementos que tendem ao estilo industrial são os pisos externos em concreto polido, o piso interno em cerâmica ou porcelanato claro simples, a *parrilla* feita em concreto aparente e seus utensílios metálicos em barras de ferro dobradas.

Figura 38: Planta baixa.



(BAM! Arquitectura, 2013)

Figura 39: Fachada lateral.



(BAM! Arquitectura, 2013)

Os demais elementos tem materiais mais rústicos como as paredes em tijolos maciços, paredes duplas no perímetro externo e simples nas divisões internas, as aberturas em madeira com acabamento privilegiando a cor natural. Os forros das varandas são feitos de ripas de madeira espaçadas no sentido de suas vigas de borda, figuras 40 e 41, outro elemento com acabamento simples e que contribuí para uma aparência rústica ou rural a edificação.

Figura 40: Fachada principal.



(BAM! Arquitectura, 2013)

Figura 41: Detalhe da varanda em estrutura metálica e forro em madeira.



(BAM! Arquitectura, 2013)

4.1.7. Casa Calera del Rey, Maldonado, UR. Gualano + Gualano Arquitectos;

A Casa Calera del Rey se localiza no setor rural do departamento de Maldonado no Uruguai, cerca de 58 km ao norte da famosa praia de Punta del Leste. Foi implantada na encosta de um monte com afloramentos rochosos - conforme figura 42 - a tática de implantação adotada pelos arquitetos é bastante simples: fechar-se ao sul, abrir-se ao norte.

Figura 42: Fachada lateral, evidenciando uma as paredes de pedra e cobertura em arco.



Gualano e Gualano (2013)

Tecnicamente é uma construção mista porém de técnicas simples, pedras e concreto formam grandes planos balizadores da planta em suas extremidades, enquanto uma estrutura metálica pavilhonar com cobertura curva e leve forma o corpo principal da área social e de lazer no sentido transversal, conforme figuras 45 e 46. Toda a extensão da fachada norte é dotada de uma grande varanda, que se transforma também em extensão de uma área social ligada a cozinha, nesta casa a varanda tem o seu propósito muito ligado ao lazer e a proporcionar sombra ao grande plano de vidro que forma a sala e cozinha.

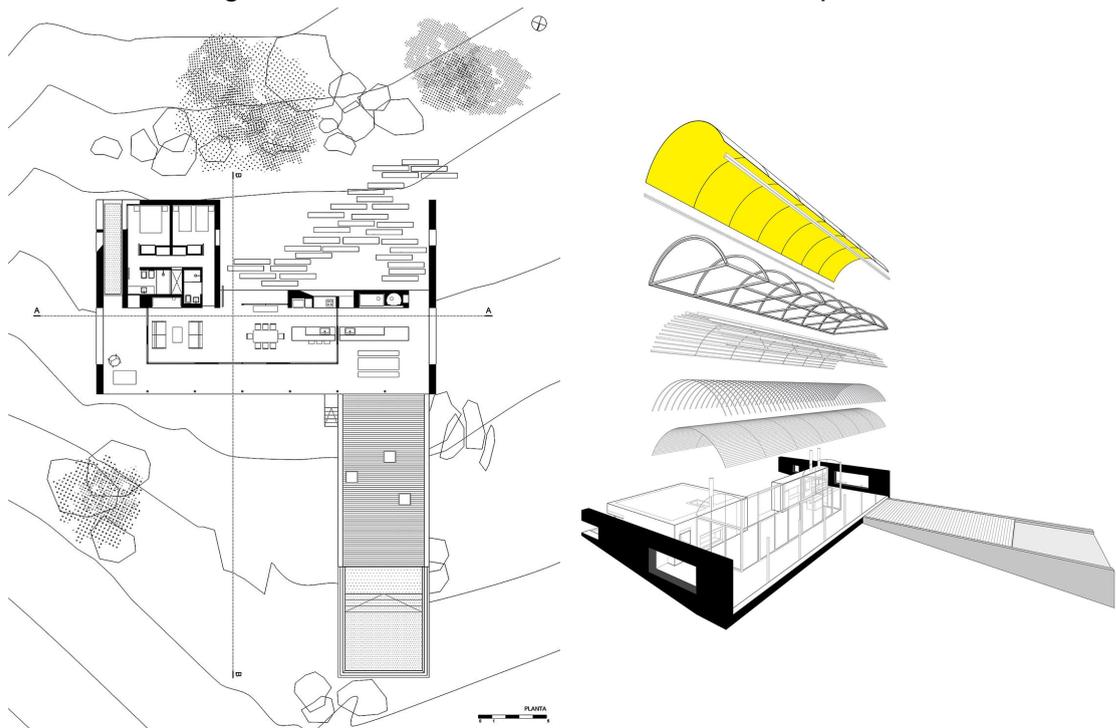
As influências modernistas se demonstram nas soluções técnicas, melhor observado nas figuras 43 e 44, enquanto permitem uma abordagem mais local e contemporânea nas texturas e materiais empregados.

Figuras 43 e 44: Parede de pedras, estrutura metálica e deck da piscina.



Gualano e Gualano (2013)

Figuras 45 e 46: Planta baixa e estrutura explodida.



Gualano e Gualano (2013)

A exemplo de outros casos da arquitetura uruguaia, a área social relacionada a preparação de alimentos se desenvolve em um ambiente fechado e outro aberto. Neste projeto uma das paredes espessas de pedras conecta os dois espaços divididos por uma grande divisória de vidro, a parede abriga a *parrilla* e um forno de pizza na parte aberta enquanto na parte interna aloja a bancada do fogão e armários, conforme figuras 47 e 48.

Outro conjunto de paredes de pedra formam os quartos, um banheiro social e um privado a suíte, além de uma lareira com frente para a sala de estar. Os forros das áreas sociais são todos de ripas de madeira instalados longitudinalmente a maior extensão da cobertura, conforme figuras 49 e 50.

Figuras 47 e 48: Área de lazer, da churrasqueira seqüência da cozinha.
Fachada dos fundos.



Gualano e Gualano (2013)

Figuras 49 e 50: Estar com lareira de pedras e visual do muro de pedras.



Gualano e Gualano (2013)

Figura 51: deck e piscina com vista para o horizonte.



Gualano e Gualano (2013)

O último elemento é a piscina que foi disposta voltada a paisagem - figura 51 - formando um eixo com a área social junto a *parrilla* e a cozinha. Única parte em que se evidencia aplicado o concreto em maior quantidade, necessário para garantir a estrutura robusta que suporta toneladas de água. O deck junto a piscina novamente traz a aplicação da madeira, adicionando um novo uso ao material além dos forros citados anteriormente. O escritório responsável é dirigido por Martín e Marcelo Gualano, os arquitetos são docentes na Universidade de la República. O escritório tem base na capital Montevideo, Uruguai.

4.1.8. Casa Pampa, Pocho, Córdoba, AR. Arq. Mariana Palacios;

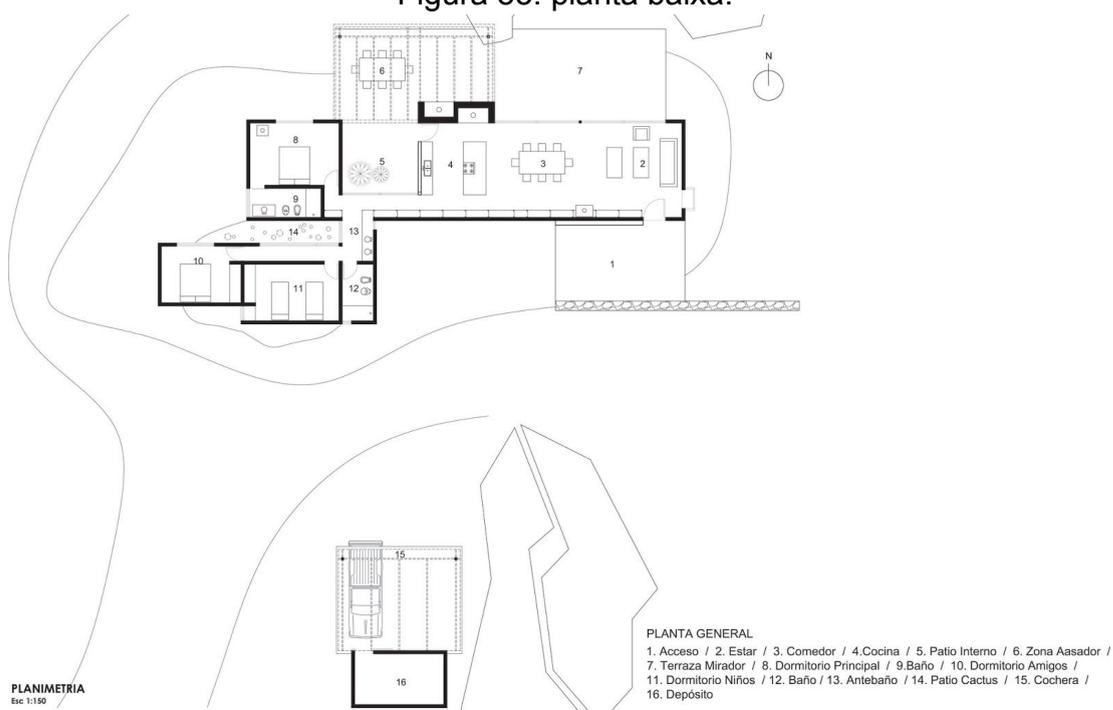
Em uma área rural no departamento de Pocho na província de Córdoba na Argentina, já nos limites do bioma Pampa praticamente aos pés do início da cordilheira dos andes. A Casa Pampa é implantada em uma área com muita incidência de afloramentos rochosos, figuras 52 e 53, o local foi escolhido entre três grandes pedras em um platô formado naturalmente em uma colina.

Figura 52: fachada principal e seus afloramentos rochosos.



Mariana Palacios (2015)

Figura 53: planta baixa.



Mariana Palacios (2015)

A casa tem suas áreas de lazer generosas, como pode-se observar na figura 53 as zonas de estar, cozinha e lazer externo ocupam maior parte do projeto. Em frente a cozinha e a sala de estar foram projetados um terraço descoberto e área para churrasco - *Zona Asador* - parcialmente coberta por uma varanda. Afastado do prédio principal o depósito também tem uma espécie de varanda que serve para a cobertura de automóveis e animais, como observado na figura 54.

Figura 54: depósito e sua pérgola.



Mariana Palacios (2015)

Figura 55: área de lazer coberta por pergolados.



Mariana Palacios (2015)

O sistema de aquecimento interno na área social é equipado por um calefator metálico posicionado entre a sala de jantar e estar, figura 57. Junto a cozinha e a

zona do asador externa, a casa é equipada por churrasqueira, ou *parrilla*, e forno a lenha acumulados entre paredes de pedras que articula entre os dois espaços como visto nas figuras 55 e 56.

Figuras 56 e 57: sala de jantar e estar integradas as áreas de lazer.



Mariana Palacios (2015)

Os materiais e técnicas utilizados nesta edificação misturam elementos contemporâneos e tradicionais. Todo o revestimento é feito por chapas metálicas pretas onduladas, por uma premissa conceitual que a Arquiteta propôs para este projeto. A estrutura é metálica em grande parte devido a área ser pouco habitada e ter uma grande escassez de mão de obra, esta técnica se faz vantajosa no sentido de necessitar apenas a montagem dos módulos pré fabricados da casa.

Figuras 58 e 59: muros de pedras.



Mariana Palacios (2015)

Porém, se percebe a intenção de rusticidade em elementos pontuais como a *parrilla* e forno que são feitos em paredes de pedra e ocupam parte central da articulação da casa, além dos pequenos muros de pedras nos limites do lote e nas pequenas contenções próxima a casa, figuras 58 e 59. Do mesmo modo, nas varandas os forros são feitos de taquaras partidas, como antigos galpões

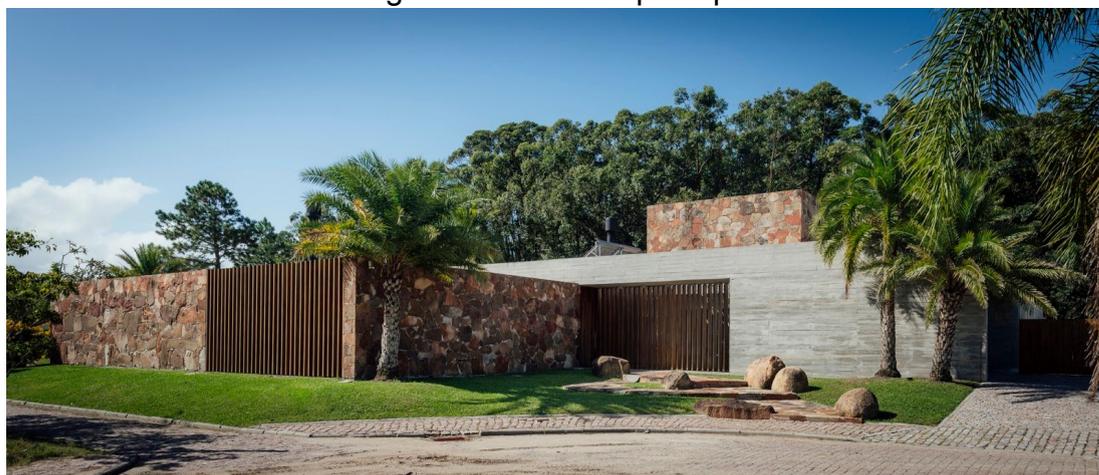
estancieiros. A arquiteta responsável pelo projeto se chama Mariana Palácios, e atua principalmente em território Argentino.

4.1.9. Casa Charqueadas, Pelotas, Rio Grande do sul, BR. RMK! Arquitetura;

A casa Charqueadas fica em um dos municípios mais antigos do Rio Grande do Sul, Pelotas. Como o próprio nome dado a esta casa, as charqueadas foram parte importante na evolução econômica do estado, e estão diretamente ligadas a cultura gaúcha e agropastoril. Apesar de os proprietários da casa não exercer atividades profissionais ligadas a este ramo, o nome pode ter significado advindo da área de implantação.

Não foram encontrados dados científicos para se apurar com certeza mas se torna perceptível nas pesquisas de publicações de construções deste tipo, grande parte das residências construídas atualmente são implantadas em lotes de condomínios fechados. Isso aparentemente decorre da sensação de vulnerabilidade e insegurança das famílias no que se refere a viver sem um sistema de proteção que condomínios deste tipo provém.

Figura 60: fachada principal.

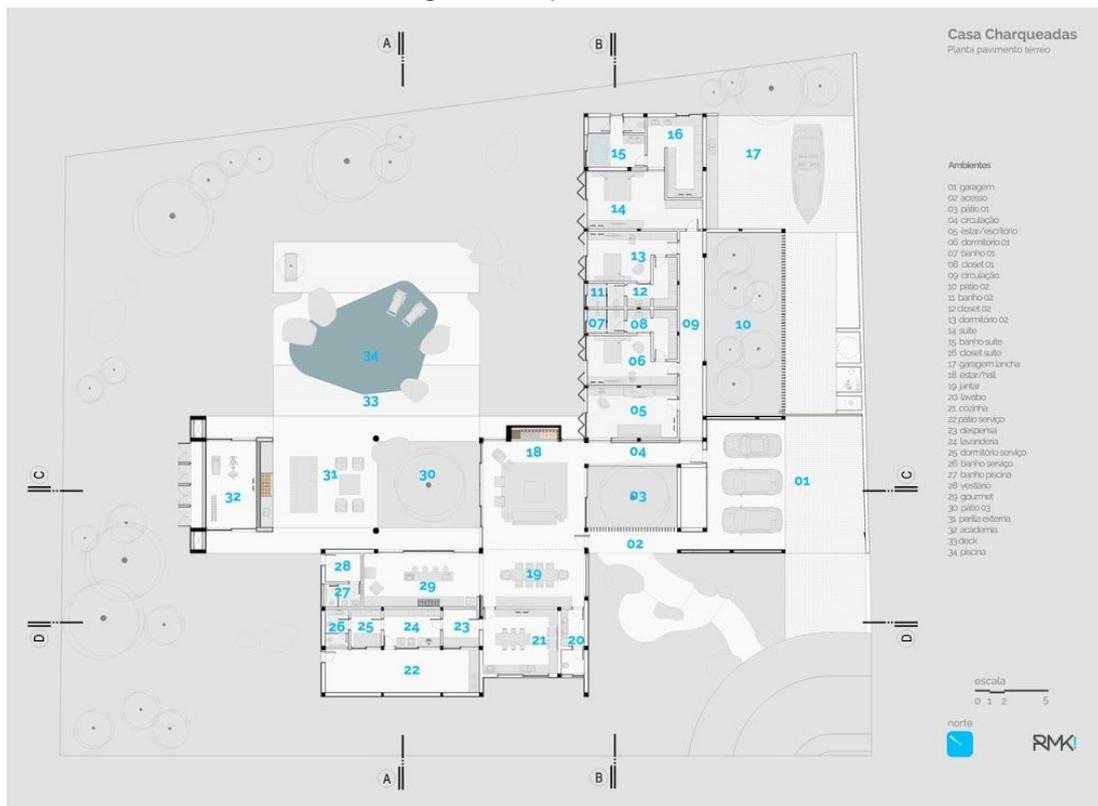


(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

Esta casa é um caso comum nas residências de alto padrão atualmente construídas no estado do Rio Grande do Sul. Foi onstruída próxima da zona urbana, e está implantada em um loteamento novo próximo do Arroio Pelotas onde o seu lote tem área de 2.378,47m². É um exemplo residencial de alto padrão onde a edificação tem área total de 595,82m² e um programa extenso, conforme planta na figura 61. O terreno dispõe de pequenas rochas, vistas nas figuras 60, 61, 64, 65 e

66, que foram incorporadas ao projeto da casa em diversas partes abertas (RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018).

Figura 61: planta baixa.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

Figura 62: fachada interna, aberturas dos quartos.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

Se observa na zona social e de lazer uma grande área aberta, como se fosse uma espécie de varanda, que tem o propósito de dar uso e integração à área aberta da piscina com a zona de lazer da churrasqueira, e a sala de estar. O propósito de zona de transição se mistura ao de lazer neste espaço.

Figura 63: área de lazer e confraternizações.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

Figura 64: pátio interno com área de lazer.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

Outra estratégia climática, e de privacidade, da implantação foi a orientação das faces com redução de aberturas - figuras 65 e 66 - para a entrada da casa com frente para a rua de orientação sul, enquanto as grandes aberturas e varandas são projetadas com orientação norte (RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018).

Figura 65: passeio de pedras irregulares.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

Figura 66: fachada frontal.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

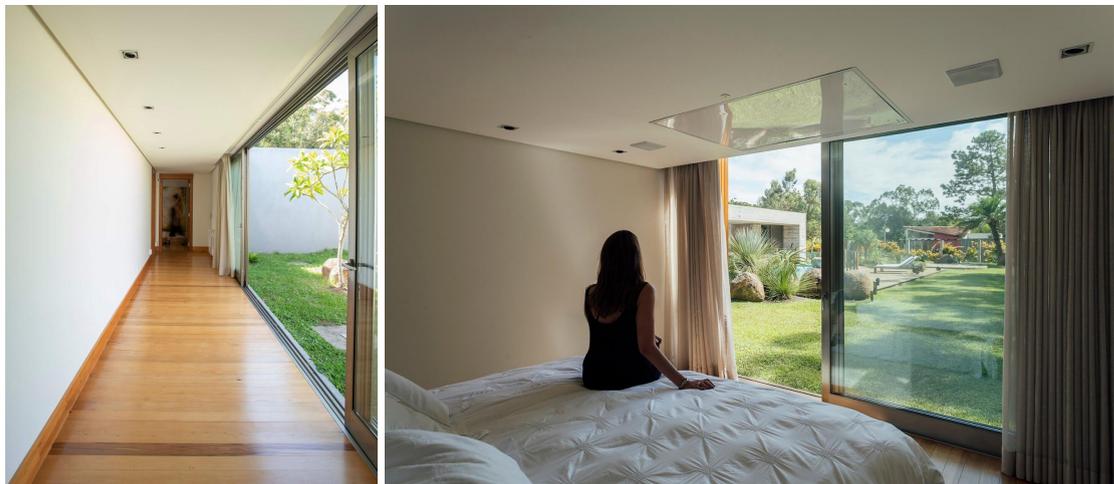
Figura 67: sala de estar.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

O material mais presente é o concreto aparente, predominante nas áreas comuns da casa. Já os setores de serviço, e parte do social contando com a cozinha e a churrasqueira, são envoltos por paredes revestidas de pedras lembrando a rusticidade característica de construções mais antigas, figuras 63,64 e 65. As aberturas dos quartos são cobertas por painéis móveis de madeira ripada, figura 62, a madeira é também presente no piso do corredor e quartos assim como no deck da piscina e diversos móveis, figuras 64, 68 e 69.

Figuras 68 e 69: corredor e quarto.



(RIEMKE; OSÓRIO; PEREIRA, 2018)

4.1.10. Refugio Finca Aguy, Pueblo Eden, Maldonado, UR. MAPA Arquitectos;

A obra se localiza na pequena Pueblo Edén, no departamento de Maldonado, Uruguai. Próxima 35km da faixa costeira e 200 km da capital Montevideu. A **implantação** desta edificação se dá sobre as pequenas colinas com faces rochosas formadas no pampa Uruguaio conforme a figura 70. O seu propósito neste trabalho é trazer à discussão a nova tendência nas edificações contemporâneas, que é a industrialização de edificações que serão implantadas em locais longínquos.

Outro ponto que chama atenção desta residência são os seus projetistas, o escritório MAPA Arquitectos é uma iniciativa binacional, com sede em Montevideo no Uruguai, e Porto Alegre no Brasil. Reconhecidos em âmbito internacional por diversos projetos que foram impulsionados por prêmios e publicações renomadas.

Figura 70: O refúgio repousa sobre pequena colina.



Fonte: (FREARSON, 2016; FINOTTI, 2015; MAPA, 2019)

Em texto divulgado em seu website, os arquitetos descrevem as suas intenções de reinterpretação do local de implantação, figura 71, à beira de um olival, propondo o uso misto da paisagem rural produtiva com a habitação contemporânea.

As Paisagens produtivas não são mais uma extensão de terra que existe com o único propósito de fornecer alimentos a cidades e comunidades próximas, tampouco um jardim criado para o conforto de quem o vê. São híbridos, encontram a sua beleza na coexistência; nos usos compartilhados. (MAPA, 2019)

Figura 71: Vista do acesso principal ao refúgio.



Fonte: (FREARSON, 2016; FINOTTI,2015; MAPA,2019)

É observado também o pensamento que une a tecnologia empregada com o discurso teórico em torno do termo: remoto. Segundo texto dos arquitetos, o remoto emprega ao sujeito - figura 72 - um desprendimento do mundo que o faz confrontar a sua existência e aumenta a percepção do seu tamanho em relação ao espaço.

Construir em territórios distantes dos entornos em que nos situamos habitualmente é um desafio. É um exercício de vontade. É a possibilidade de inserir um espaço habitável em um domínio do natural. O remoto não é como um limite senão como uma possibilidade, como valor, como gerador de domínios e de condições. Finalmente, no remoto a solidão nos confronta com a consciência de nossa escala frente ao vasto, ao imenso. Nos coloca em nosso papel na realidade. (MAPA, 2019)

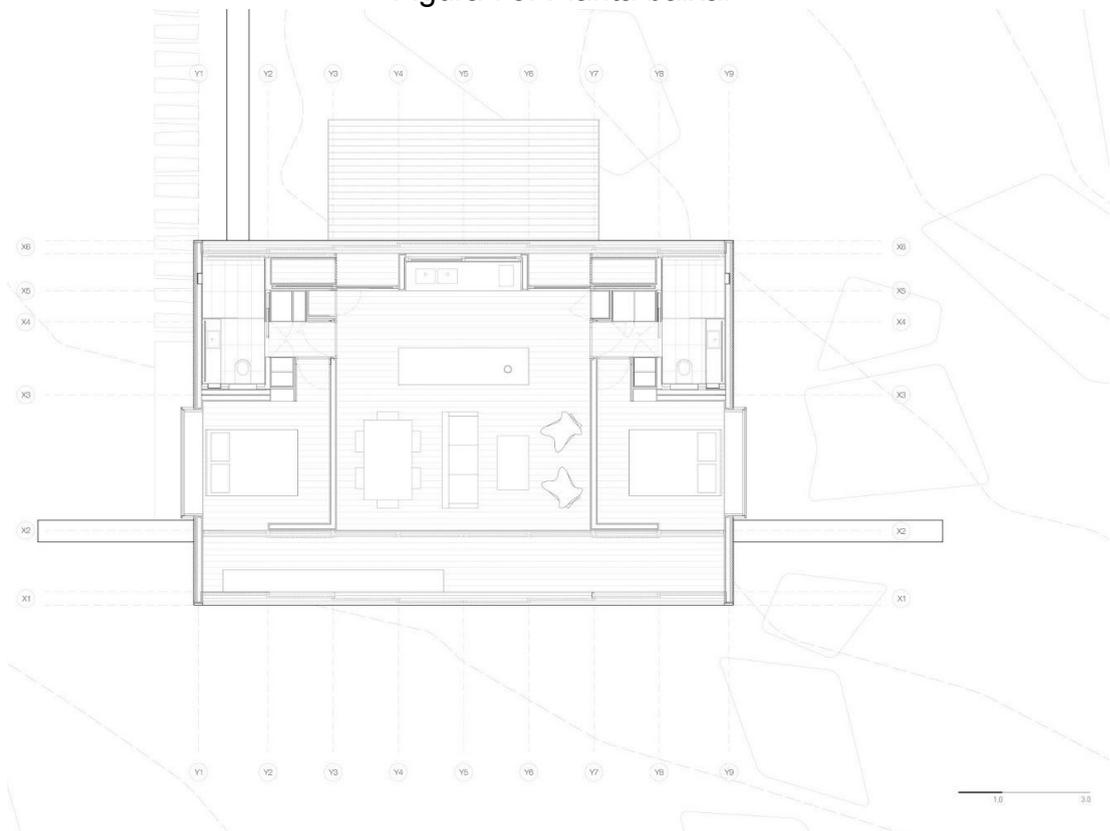
A solução em planta é simples e ortogonal, de forma simétrica se organizam duas suítes uma em cada lateral do refúgio, figura 73. Providas de banheiro completo, aberto à paisagem através de grandes painéis de vidro cobertos por ripas de madeira que dosam a transparência, dentro da suíte janelas horizontais que emolduram a paisagem logo acima da cabeceira da cama, evidenciam novamente a intenção de interação frequente com o ambiente natural fora da edificação.

Figura 72: Intensa relação com a paisagem.



Fonte: (FREARSON, 2016; FINOTTI, 2015; MAPA, 2019)

Figura 73: Planta baixa.



Fonte: (MAPA, 2019)

Ao centro dos dois dormitórios se encontra a zona social que combina o espaço de preparo dos alimentos com a área de descanso e encontro social, figura 74. O que delimita espaço entre os dois ambientes é uma bancada de granito preto que abriga diversas funções, a lareira faz parte desta composição da bancada. A centralização da lareira contribui no aquecimento de todo o setor social da casa. Conectando quartos e sala, na frente voltada para a paisagem, a **varanda** é fechada por uma sequência de painéis móveis vazados. O que não está presente neste exemplo e é comum as casas do pampa é a *parrilla* ou churrasqueira.

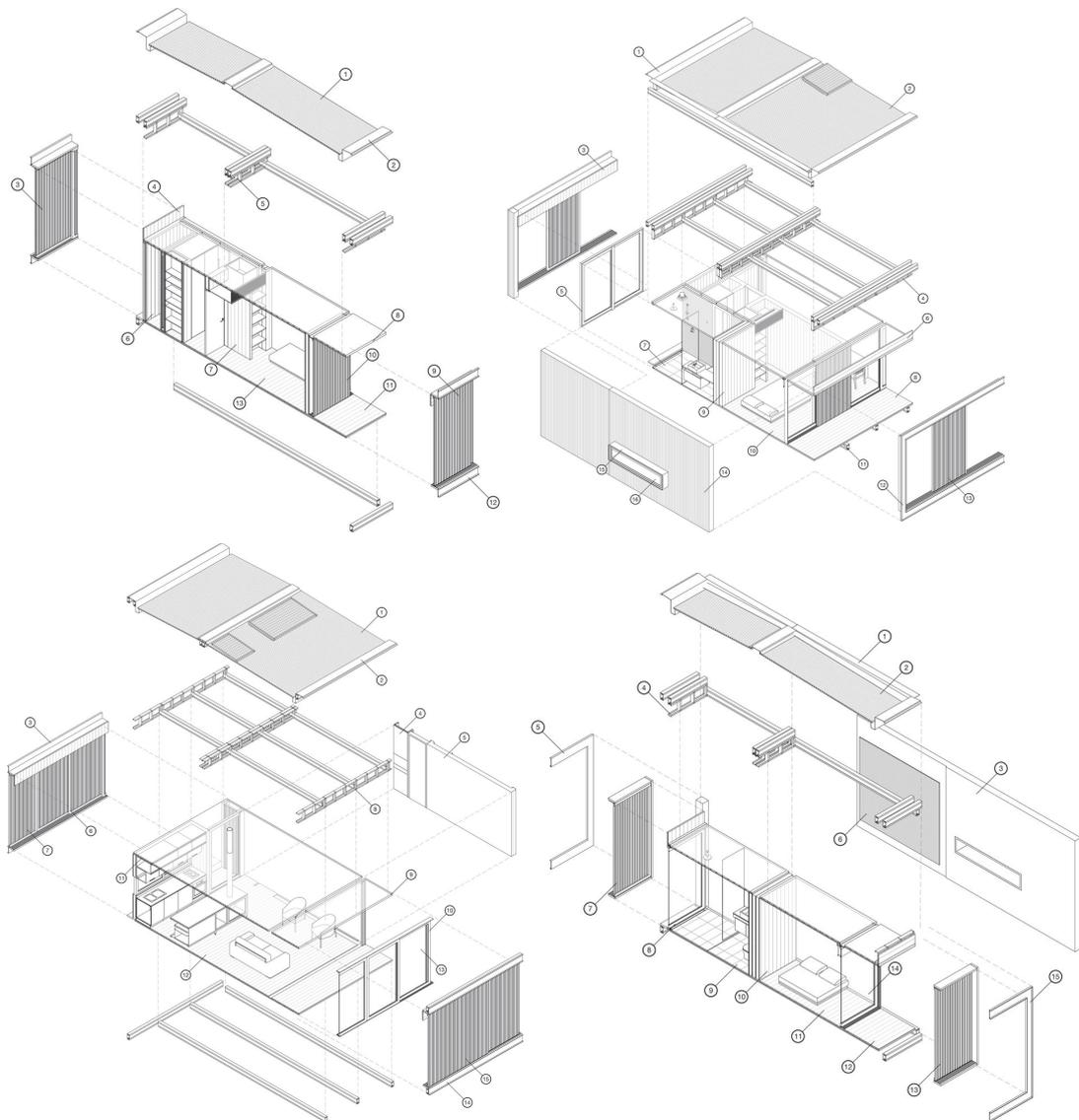
Figura 74: Cozinha que se une a sala de estar.



Fonte: (FREARSON, 2016; FINOTTI, 2015; MAPA, 2019)

A materialidade é uma mistura do local e global, por força da sua gênese pré fabricada, a estruturação da edificação é feita basicamente por diversos perfis e painéis de aço e alumínio. Desde as colunas de sustentação, as tesouras do telhado até os acabamentos laterais em telhas onduladas de alumínio. Já o revestimento interno é feito em madeira de reflorestamento, figura 74, rigorosamente planejado unindo as arestas das tábuas do piso as paredes.

Figura 75: Sequência de vistas explodidas.



Fonte: (MAPA, 2019)

Como dito anteriormente, a tecnologia empregada é a de pré fabricação, figura 75, em dois módulos de 12,5m para viabilizar o transporte de forma mais simples através de apenas duas viagens de caminhão, figura 76 (FREARSON, 2016). Quando no local de implantação, foi montado sobre dois muros ortogonais executados em pedras locais, conforme visto na figura 77. A fabricante é uma empresa localizada na região metropolitana de Montevideú com nome de Nebimol S.A., atua no setor de esquadrias de madeira e carpintaria em geral desde 1989, e desde 2002 trabalham com construção em Steel Framing focado em módulos transportáveis e com portfólio atualmente de mais de 30 obras (NEBIMOL,2016).

Figura 76: Transporte de um dos dois módulos resultantes da pré fabricação.



Fonte: (FREARSON, 2016)

Figura 77: Instalação do segundo módulo sobre a fundação parede de pedras.



Fonte: (FREARSON, 2016)

Se percebe a intenção da execução de alta precisão, que faz emergir uma qualidade intrínseca apesar de seu programa enxuto. É possível que seja uma reação à atividade construtiva comum na América do Sul, de alvenaria e concreto armado, que dificulta o deslocamento de equipes e mão de obra, por longo prazo, para locais longínquos assim como sua eventual falta de precisão.

A pré-fabricação nos permite trabalhar com materiais processados e industrializados que habilitam processos de montagem de alta precisão. Assim, amortizando a repercussão da construção no terreno, minimizando desperdícios, equipe *in situ* e deslocamentos. Em paisagens de alto valor natural, é fundamental o respeito por suas condições originais e é imprescindível sua condição de reversibilidade. Perfeita conjugação da natureza e indústria. (MAPA, 2019)

4.1.11.REPII House, Canelones, UR. VivoTripodi Arquitectos.

A obra se localiza em Migueles no departamento de Canelones, Uruguai. Próxima 65 km da Costa Azul e 75km da capital Montevideú, a implantação desta obra é feita em um lote rural e plano de vegetação baixa, figura 78.

Com a principal finalidade de acomodar hóspedes provendo privacidade durante estadias mais alargadas, a implantação é feita como uma extensão da residência principal - também projetada por este escritório, mas não divulgada - formando um conjunto de casas de hóspedes. No entendimento dos arquitetos, ampliação não é sinônimo de prolongamento, mais uma razão pela escolha de módulos desconectados do corpo da casa principal (OTT, 2019).

Figura 78: Vista frontal, grandes aberturas e a interação com a paisagem.



Fonte: (OTT, 2019)

Através da descrição do projeto pelos arquitetos, podemos perceber a vertente de baixo impacto que os módulos pré fabricados se propõem a atender. Outros fatores que são relevantes: a mobilidade e execução industrial eficiente empregada neste tipo de construção.

A construção de projetos em locais remotos ou de difícil acesso, faz atentar em muitas ocasiões contra o estado natural do lote, o envio de materiais, o controle sobre a obra, entre outras coisas. A construção modular pré-fabricada ajuda a mitigar estes fatores, já que a casa se constrói em um

entorno fechado, alheio a fatores climáticos, próxima a todo tipo de fornecimento material e, em geral, próximo ao escritório de arquitetura ou ao cliente para logo ser enviada (por caminhão) a seu destino final, o terreno, em repouso semi-permanente. A intervenção no terreno foi mínima e seu estado natural foi alterado minimamente mantendo sua essência natural. Uma paisagem grata. (OTT, 2019)

A relação da paisagem com o projeto se dá diretamente através da intenção clara de integração total do ocupante com a natureza, figura 79. Quando falam de “natureza grata” passam a intenção do convívio pacífico entre a intervenção e a paisagem que fora alterada.

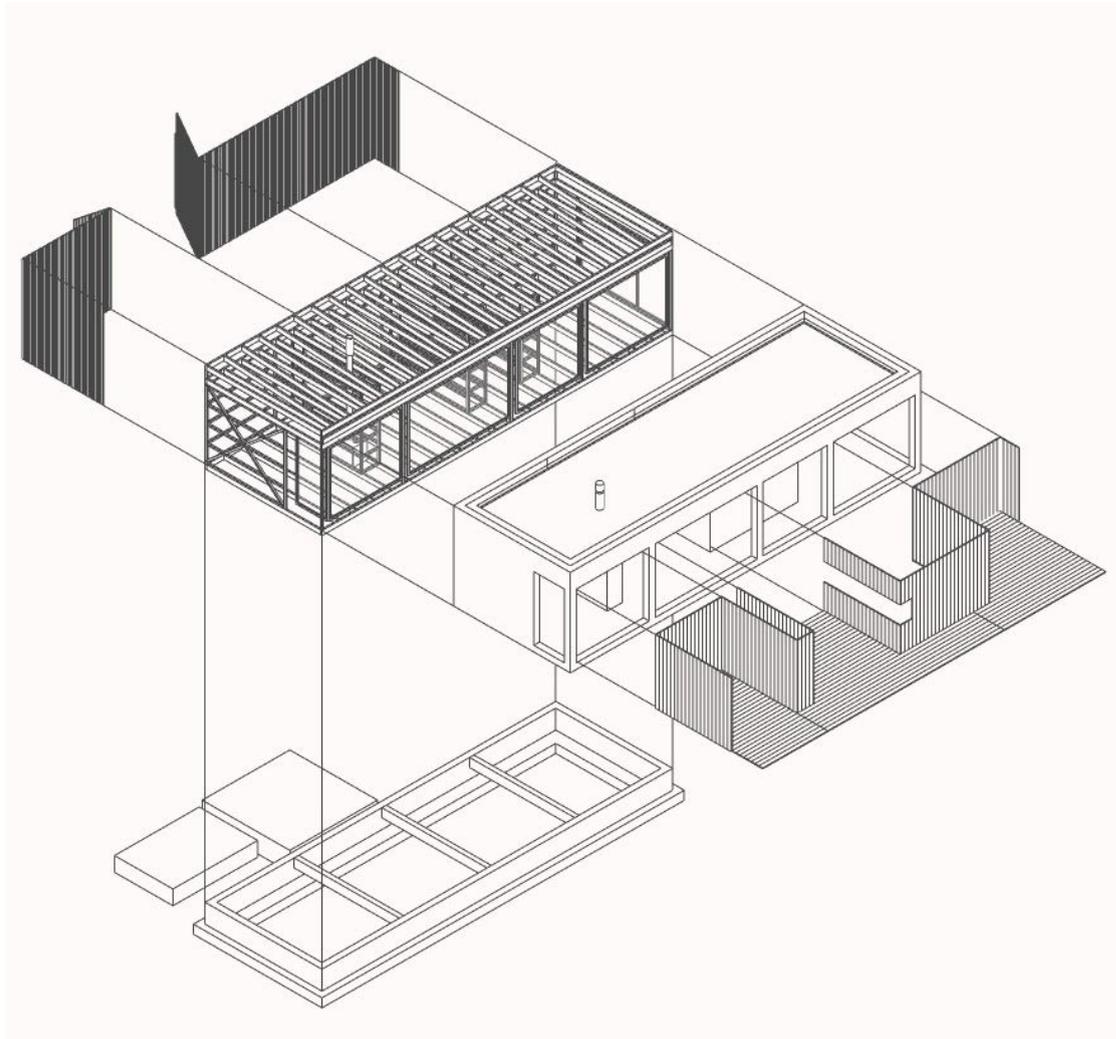
Figura 79: Vista interna através das aberturas que integram a paisagem.



Fonte: (OTT, 2019)

Fabricada pela empresa uruguaia iHouse (2014), localizada na capital Montevideu e fabricante de habitações industrializadas desde 2013, os módulos foram transportados praticamente prontos até o local de implantação. A estrutura é feita em perfis metálicos e treliças de aço, além de painéis de alumínio que conferem unidade e rigidez ao módulo. As divisórias internas são feitas em *steel framing* e cobertas por tábuas de madeira na vertical. O módulo mínimo do projeto foi determinado pelo espaçamento das tábuas, de forma que elas se alinhem entre piso, parede e teto, o que atende a rigidez formal percebida no projeto, figura 80, preciso desenvolvido pelo Estudio VivoTripodi.

Figura 80: Vista explodida do sistema construtivo.

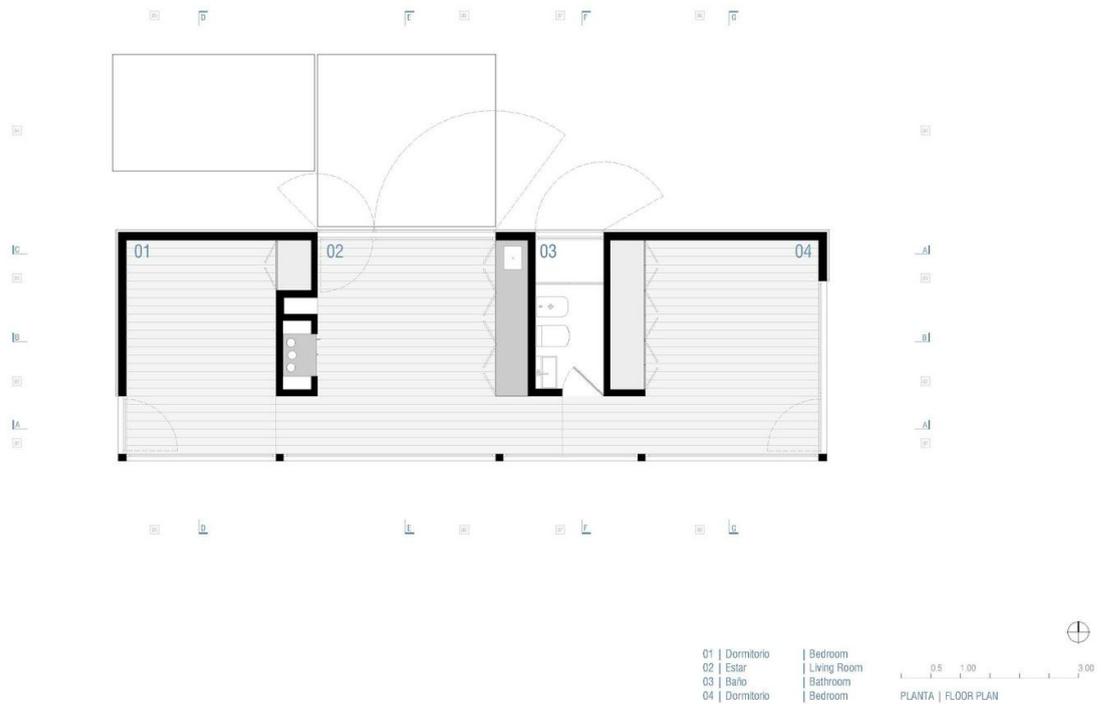


Fonte: (OTT, 2019)

Como maioria dos sistemas industrializados de fabricação, nesta obra é visível a obediência modular nas decisões de projeto. Em 48m² de área se percebem três eixos cruzando o prisma retangular formando os espaços de convívio, cozinha, banho e quarto. Conforme se observa na planta baixa, figura 81, os quatro ambientes têm tamanhos diferentes, fugindo dos padrões usuais de fabricação em grande escala, conferindo certa personalidade em uma distribuição desigual dos espaços no grid ortogonal proposto.

Como elemento central da planta, foi projetado o ambiente de estar junto a uma grande bancada que serve como uma pequena cozinha, seguindo a mesma ideia de uma *apart hotel*, enquanto do lado oposto foi disposta a lareira calefator embutida no painel de tábuas.

Figura 81: Planta baixa.



Fonte: (OTT, 2019)

A materialidade - observada na figura 82 - é composta pelo concreto das fundações feitas previamente à chegada do módulo, o aço e alumínio pintados de preto que cobrem as esquadrias e partes estruturais visíveis, o vidro que confere a transparência necessária para as visadas à natureza. A madeira é muito presente como forro piso e acabamento interno da casa, assim como em forma de máscara com o sistema de ripas verticais que envolve pouco mais da metade da edificação e mimetiza as 3 grandes portas aos olhos do observador externo, figuras 82, 83, e 84.

Figura 82: Vista traseira.



Fonte: (OTT, 2019)

Figuras 83 e 84: Portas mimetizadas a máscara de madeira.



Fonte: (OTT, 2019)

O escritório responsável pelo projeto é o Estudio de Arquitectura VivoTripodí, formados pelos arquitetos uruguaios Bernardo vivo, Guzmán Trípodí, Soledad Casarotti e Fernando Deicas, jovens arquitetos e designers de interiores. O estúdio tem base na capital Montevideú, e segundo o site oficial está em operação desde meados de 2015 (VIVOTRIPODI, 2015).

4.2. Pontos de correlação:

Através das observações realizadas nas análises das onze casas, a proposta é de identificar pontos de convergência dos elementos arquitetônicos utilizados nas obras citadas. Se entende que os elementos que construíram antigos padrões arquitetônicos se depositam na memória coletiva e são reinterpretados conforme a evolução da sociedade, cultura e das técnicas utilizadas.

Estes elementos se apresentam como indicativos da identidade arquitetônica local, ou conforme conceito desenvolvido, a **Estética do Frio** em seu viés arquitetônico.

4.2.1. Implantação

Percebe-se em seis obras a estratégia da procura de pequenas colinas para elevar a implantação das casas em relação ao nível médio da região. Nas residências mais antigas, a estratégia de procurar por um local elevado tinha a função de resguardar a edificação de umidade ou alagamentos, assim como avistar quem se aproximava ao longe, casos das Estâncias Batovi e Paraízo. Nos outros dois casos demonstrados de arquiteturas mais antigas, Castillo de Mauá e Estancia La Bamba, o terreno não oferecia a elevação desejada e talvez por isso, as obras tenham ganhado em altura para permitir um campo de visão mais amplo.

Os exemplos mais atuais buscam terrenos elevados por razões similares, mas sem a característica da preocupação de defesa. Nos outros três casos, onde as casas apresentam sua implantação em elevação, acontecem claramente pela intenção de se afastar da umidade. Entretanto, a ampliação do campo de visão tem como principal propósito contemplar as paisagens que circundam as obras. Nos três casos atuais, onde a obra foi construída ao nível do terreno, a interação com as vistas acontece da mesma maneira através de grandes aberturas que integram principalmente os ambientes sociais a paisagem.

A interação com a paisagem é um fator determinante nos exemplos estudados, seja por sua posição de visão acima do nível, ou pelo esforço de ter grandes aberturas ao nível térreo.

No que tange às características geográficas e geológicas dos terrenos, em razão de se localizarem no mesmo bioma, acabam tendo características muito

semelhantes (VIEIRA, 2014). É mais interessante citar as diferenças entre terrenos do que suas similaridades.

Uma das maiores diferenças apresentadas é da Casa Pampa em Pocho, Argentina, por estar em uma zona de limite do Pampa próxima à cordilheira dos Andes, e apresentar características mais áridas diferentes dos usuais campos verdes das planícies Uruguaias ou Sul Rio Grandenses. Outros exemplos distintos são das casas anônimas em José Ignacio, Uruguai, onde a proximidade do mar e da praia trazem ao terreno a areia oceânica e a maresia. Não tão incomum, mas implantações escolhidas propositalmente com afloramentos rochosos pode-se citar a Casa Calera del Rey, Casa Charqueadas, Casa Pampa e Refúgio Finca Aguy que se apropriam das pedras em seus projetos a fim de incorporar a rusticidade do terreno aos seus conceitos arquitetônicos.

4.2.2. Varandas;

As varandas configuram um tipo específico de espaços transitórios, seus limites se expandem horizontalmente totalmente cobertos ou por vezes vazados através de pérgolas ou elementos translúcidos. A separação entre o interior e exterior das edificações em geral, costumam ser livres de barreiras físicas marcantes, muitas vezes a diferenciação do piso ou até mesmo o espaço sombreado delimitam a área de varanda (BRANDÃO; MARTINS, 2007).

Segundo Maragno e Coch (2011) apesar de considerada presente na arquitetura local apenas a partir da colonização européia, a varanda está presente nas edificações indígenas. No século XX a arquitetura moderna propulsionou ainda mais sua utilização na arquitetura brasileira, aliada aos brises, as varandas apresentavam as melhores soluções para o enfrentamento da radiação solar abundante da América do Sul.

É notável a repetida ocorrência deste tipo de elemento, em dez dos onze casos selecionados, é verificada a presença de varandas ou elementos de transição entre o interior e exterior da edificação.

Nos casos das Estâncias, em San Antonio de Areco, tanto a edificação principal, como a de apoio - *pulperia* - tem em suas fachadas frontais varandas com exatamente a mesma intenção. Mesmo caso da Estância Paraíso de Bagé. Já na Estância Batovi se identifica varandas no interior da edificação, como uma espécie

de corredor conectando a parte social a de serviços, ao mesmo tempo que oferecia a integração de alguns cômodos ao pátio interno da casa. O Castillo de Mauá apresenta uma varanda corredor, na fachada interna do lote, assim como terraços nos extremos da edificação, com a intenção de interação com a paisagem.

Nos exemplos modernos retratados, principalmente nas casas de José Ignacio no Uruguai, identifica-se varandas, terraços e pergolados com dois propósitos principais: explorar as vistas e a integração de duas áreas sociais uma aberta e outra fechada. A partir deste exemplo, pode-se relacionar as varandas aos elementos como a *parrilla* e a churrasqueira que servem a parte de integração social da vida cotidiana do *gaucho* - habitante do pampa - moderno (ZAMBERLAN et al, 2009).

Nas edificações como a Casa CL, Calera del Rey, Casa Pampa e Casa Charqueadas, observa-se a repetição deste arranjo, que faz da varanda uma continuação da sala de estar ou jantar, que se integra com o espaço de preparação do churrasco.

Os exemplos mais contemporâneos, de módulos pré fabricados, à exceção da Casa Pampa, tem-se dois casos distintos. No Refugio Finca Aguy, a relação com a paisagem é explorada ao máximo com uma grande abertura para o horizonte do pampa, esta área tem uma configuração mais próxima a de um terraço que visa apenas a apreciação do horizonte como um espaço contemplativo. Já nas casas REPII, não incide nenhum tipo de varanda ou assemelhado, no entanto isso ocorre provavelmente porque são casas de hóspedes, que se destinam apenas como dormitórios efêmeros para seus ocupantes.

4.2.3. Elementos ligados ao fogo;

Na interpretação de Luis Fernández-Galiano (2000) existe uma relação *proto* arquitetônica, primitiva e direta entre a relação do fogo e casa. A habitação evoluiu em torno do fogo que aquece, seca, cozinha e ilumina. Além dos atributos físicos, ainda foi relacionado ao fogo características divinas e de adoração em algumas culturas. Com o tempo e a evolução técnica, o fogo deixou de ser o centro das residências e, segundo o arquiteto, houve duas consequências a partir desta nova configuração: a arquitetura atual gera uma visão rasa e incoerente, demasiada prática, que transforma a casa em um lugar desarticulado sem essência e limites. O

segundo ponto é a gradual homogeneização térmica, abstraído de um lugar e desatento ao tempo e memória.

O caso moderno mais icônico, que exemplifica a importância de um elemento ligado ao fogo, a lareira, são as *Prairie Houses* do arquiteto norte americano Frank Lloyd Wright. Segundo Frampton (1997), as lareiras traziam a real expressão de abrigo ao lar e seriam uma das únicas estruturas sólidas desejáveis nas casas de pradaria. Diversos autores citam as lareiras como o ponto de partida para a organização dos cômodos nas casas de Wright, e suas chaminés atingiam o nível acima do telhado percorrendo verticalmente todo o “coração” das casas (GIEDION, 2004; SMITH, 1998; THOMSON, 1999)

No entanto, identifica-se nas arquiteturas do pampa uma forte ligação técnica e cultural ao fogo. Os extremos de temperaturas que estas edificações são expostas durante o ano, os elementos arquitetônicos como lareiras e fogões a lenha, fazem parte do repertório das edificações europeias importados durante a colonização, e estão presente em todos os casos estudados, independente da data de sua construção.

Elemento importante e simbólico culturalmente⁹, o churrasco¹⁰ tem na história o seu início a céu aberto com o método conhecido como “fogo de chão”. Como as economias agropecuária e saladeril foram as mais presentes e mais influentes da cultura gaúcha (PRADO JUNIOR, 1973), hábitos alimentares ligados à carne bovina são muito presentes até a atualidade. O churrasco é um evento social corriqueiro na vida de Uruguaios, Argentinos e Brasileiros.

A churrasqueira, elemento arquitetônico que representa essa cultura, é incorporada à casa já na era moderna, como dito anteriormente, ela toma parte importante do setor social e comumente é um elemento que une a área social externa com a área social interna. Este elemento está presente em seis casos estudados todos modernos ou contemporâneos, com exceção da *parrilla* vista na Estância San Antonio de Areco, onde pode-se considerá-la moderna, já que é provável que sua construção tenha sido feito durante alguma reforma recente.

⁹ Para Lévi-Strauss (1967), a cozinha é vista como um cenário privilegiado de reprodução das classificações culturais de uma sociedade. Através de uma perspectiva universalista, focaliza-a como uma experiência humanizadora, pois não existe sociedade humana sem língua falada e não existe sociedade que, de um modo ou outro não processa seu alimento.

¹⁰ LEI Nº 11.929, DE 20 DE JUNHO DE 2003 Institui o churrasco como "prato típico" e o chimarrão como "bebida símbolo" do Estado do Rio Grande do Sul e dá outras providências.

Nas edificações mais atuais, o Refugio Finca Aguy e a Casa REPII são providos apenas de lareiras modernas fabricadas em metal. Já a Casa Pampa apresenta lareira fabricada em metal, *parrilla* e forno como um elemento integrado construído em pedras no local. Independente da tecnologia, os elementos churrasqueira e *parrilla* se posicionam como uma constante na estética do frio pampeana.

Para todos estes elementos, a exaustão da fumaça é indispensável. As chaminés são partes visíveis nos telhados de todas as edificações. Nos casos mais antigos, seguem o padrão da construção em alvenaria ou pedras, nos mais modernos, se apresentaram como elementos tubulares metálicos.

4.2.4. Materiais construtivos;

O importante papel dos materiais de construção utilizados na arquitetura de diferentes períodos históricos representa a fé, crenças e cultura desses períodos. Geralmente, o uso de materiais como tijolo e madeira em edifícios mostra a crença na mortalidade mundial na comunidade. Enquanto o uso de materiais resistentes, como pedra em palácios reais, é símbolo da construção da estabilidade e força dos soberanos (TORABI; BRAHMAN, 2013).

Portanto, os materiais não são usados além da decoração, em busca de transferir conceitos através de valores e significados simbólicos. O uso de materiais nativos tradicionais, ou o uso de materiais modernos que mostram pureza podem atribuir propriedade única ao espaço arquitetônico, o que ampara os usuários no entendimento da arquitetura com identidade.

Quanto aos materiais nos casos estudados, verifica-se uma forte vertente para a funcionalidade das edificações. O material construtivo ligado a estrutura e vedações mais recorrente são os tijolos maciços, nos casos mais antigos das Estâncias, ou perfurados como nas casas modernas de José Ignacio. Em quatro casos são observados tijolos maciços, como paredes portantes devido a tecnologia da época. Em um caso atual, na Casa CL, os tijolos maciços são utilizados da mesma forma estrutural e como acabamento externo da casa. Já em dois casos observa-se os tijolos modernos, como alvenaria de vedação independente da estrutura de concreto armado.

Telhas cerâmicas são presentes maciçamente nas edificações das Estâncias, na época de suas construções era o material mais intuitivo para as soluções de telhado. Ainda que utilizada até os dias de hoje, a telha cerâmica tem maior valor agregado e não equivalem a solução mais simples e econômica. Assim como não tem mais a predileção de projetistas que seguem os movimentos modernos da arquitetura, foram substituídas por telhas mais leves e que exigem menores inclinações, a fim de integrar parte do sistema de platibandas da escola moderna (BENEVOLO, 1977). A partir dos exemplos das casas em José Ignacio fica perceptível esta tendência.

Elemento muito frequente também é a madeira, a qual tem sua aplicação modificada conforme a evolução temporal das edificações. Nas edificações mais antigas tinha presença fundamental em pisos, forros, janelas, portas, divisórias internas, estruturas de telhado e de varandas. Nos casos mais recentes se apresenta como estrutura em pergolados externos ou telhados, fora estes usos estruturais, sua utilização passou a ser predominantemente como máscara para acabamentos, a exemplo de pisos sobre lajes de concretos ou tábuas que revestem paredes de estruturas metálicas. Uma das razões da menor utilização da madeira também tem foco as questões de desflorestamento, legalidade e certificação das madeiras, assim como seu alto valor agregado nos dias de hoje.

Ainda falando de madeiras, verifica-se o uso da taquara, uma das noventa espécies de bambu que existem no mundo, é utilizada como forro na varanda da *Pulperia* da Estancia La Bamba, assim como no pergolado metálico da Casa Pampa. Mesmo uso em exemplos separados temporalmente por 184 anos.

Uma das evoluções mais interessantes estão ligadas às pedras que, nos seus primórdios, eram utilizadas com frequência em muros que delimitavam os lotes, ou paredes de lareiras e fogões, em uso que exigia maior resistência térmica. A solidez das rochas dava a certeza da integridade do elemento construído, assim como caracterizava a rusticidade desejada a estes elementos (SIEGESMUND, 2011). Como observa-se nos casos estudados, conforme o tempo passa, as pedras deixam de ser necessárias por sua robustez, e passam a ser aplicadas como elemento decorativo nos mesmos lugares que antes eram elementos essenciais ou estruturantes. Ou seja, apesar de novos materiais construtivos atenderem as necessidades que antes tornavam as pedras essenciais, na atualidade a estética

rústica das rochas aplicadas sobre elementos ligados ao fogo, é ainda fator importante nas casas. Exemplos destes acabamentos são notados em algumas das casas anônimas de José Ignacio e na Casa Calera del Rey, onde as pedras são aplicadas sobre paredes de concreto.

Exemplo mais extremos em suas materialidades pode-se citar a Casa Pampa, e Refugio Finca Aguy, onde todo o conjunto é desenvolvido em módulos de metal em uma fábrica distante, mas em comum têm o uso de paredes de pedras locais como partes importantes dos projetos.

Foi elaborada compilado, conforme tabela 04, comparativo dos elementos arquitetônicos estudados e suas incidências conforme as edificações selecionadas.

Tabela 04: Correlações arquitetônicas pontuais entre as obras.

	PONTOS DE CORRELAÇÃO			
	IMPLANTAÇÃO	VARANDAS	ELEMENTOS FOGO	MATERIAIS
1 Estancia la Bamba San Antonio de Areco, Argentina	Em nível planície, isolada na zona rural.	Na fachada frontal da edificação	Lareiras e <i>parrilla</i>	Tijolos maciços, telhas cerâmicas, pedras, madeira.
2 Estancia Batovi São Gabriel, Brasil	Em pequena colina, isolada na zona rural.	Na fachada lateral da edificação	Lareiras e fogão	Tijolos maciços, telhas cerâmicas, pedras, madeira.
3 Estância Paraíso Bagé, Brasil	Em pequena colina, isolada na zona rural.	Na fachada frontal da edificação	Lareiras	Tijolos maciços, telhas cerâmicas, pedras, madeira.
4 Castillo de Mauá Mercedes, Uruguai	Em nível planície, lote isolado mas próximo de zona urbana.	Na fachada fundos da edificação	Lareiras	Tijolos maciços, telhas cerâmicas, pedras, ferro fundido, madeira.
5 Casas Anônimas San Ingacio, Uruguai	Em pequena colina, lote urbano com vizinhos próximos.	Na fachada lateral da edificação *em sua maioria	Lareiras e <i>parrilla</i>	Alvenaria vedação, telhas fibrocimento, concreto armado, pedras, madeira, alumínio e aço.
6 Casa CL Saladillo, Argentina	Em nível planície, isolada na zona rural.	Na fachada frontal e lateral da edificação	Lareiras e <i>parrilla</i>	Tijolos maciços, telhas alumínio, concreto armado, pedras, aço, madeira.
7 Casa Galera del Rey Maldonado, Uruguai	Em pequena colina, isolada na zona rural.	Na fachada frontal e lateral da edificação	Lareiras e <i>parrilla</i>	Pedras, telhas alumínio, concreto armado, aço, madeira.
8 Casa Pampa Pocho, Argentina	Em pequena colina, isolada na zona rural.	Na fachada frontal e lateral da edificação	Lareira, forno e <i>parrilla</i>	Pedras, telhas alumínio, concreto armado, gesso acartonado, aço, madeira.
9 Casa Charqueadas Pelotas, Brasil	Em nível planície, lote urbano com vizinhos próximos.	Na fachada fundos da edificação	Lareiras e churrasqueira	Concreto armado, alvenaria vedação, pedras, telhas alumínio, madeira.
10 Refugio Finca Aguy Pueblo Eden, Uruguai	Em pequena colina, isolada na zona rural.	Na fachada frontal da edificação	Lareira	Pedras, aço, telhas alumínio, esquadrias alumínio, madeira.
11 REPII House Canelones, Uruguai	Em nível planície, isolada na zona rural.	Não se aplica	Lareira	Concreto armado, aço, telhas alumínio, esquadrias de alumínio, madeira.

Elaborado pelo autor.

4.3.O ciclo de influência da **estética do frio**:

Através da pesquisa acadêmica bibliográfica, percebeu-se um ciclo de influências que talvez possa ser aplicado de forma genérica em diversas regiões e culturas. Nessa linha interpretativa, a presente dissertação parece se encaixar de forma lógica.

Em um primeiro momento, se identifica um espaço geográfico configurado pela gênese ou conformações geológicas que se desdobraram desde a pangéia, definido como um bioma único no planeta, O Pampa. Com traços topográficos pouco acidentada de grandes planos de terra, e perspectiva quase sempre horizontalizada. De clima subtropical frio com temperatura média anual próxima dos 18°C composta por ventos fortes, apresenta as quatro estações do ano bem definidas e vegetação quase sempre rasteira com árvores isoladas (SEMC, 2002).

O segundo passo, ou momento, é identificar a cultura local através de sua história, dinâmica econômica, tradições como o folclore, a música, enfim, tudo que leva a montar aquela paisagem cultural. Neste momento se deixa de caracterizar o recorte geográfico apenas como espaço, evoluindo em direção ao conceito de Lugar. Ainda que o Pampa seja uma vasta extensão de terras, ele se configura como uma **região transnacional gaúcha** (ZILIO, 2014).

A evolução econômica baseada na pecuária, desde as ocupações Jesuíticas, traçou um viés rural *campero* de hábitos simples derivados dos costumes indígenas e europeus (PRADO JUNIOR, 1973). O chimarrão e o churrasco são símbolos presentes até os dias atuais, e remetem respectivamente de um costume indígena e outro da necessidade de alimentação fácil dos *gauchos*, que tinham como missão conduzir o gado por diversas pastagens.

No caso pampeano se vê um alinhamento ao pensamento de Milton Santos (1996) quando se observa que, na contemporaneidade, o lugar ou região atualmente não são tão diferentes e por algumas vezes se fundem. Visto que a evolução histórica se verifica com unidade entre Brasil, Uruguai e Argentina. Ao encontro da teoria de Harvey (1996) sobre o lugar contemporâneo, o Pampa desde sua colonização é uma construção social, que evoluiu historicamente em direção a uma compreensão que extrapolou barreiras do espaço configurado entre países e,

atualmente, é lugar que responde a dinâmica global manifestando características específicas através de sua forte cultura local.

O terceiro momento é o entendimento do homem como agente ativo, habitante daquela paisagem onde suas ações marcam o lugar de forma visível. Seu assentamento, desenvolvimento das habitações, infra estruturas, plantações, criações, indústrias, comércios, turismo.

Conforme Neto e Bezzi (2018), a expressão particular de cultura cria-se através de códigos, padrões ou princípios simbólicos expressos por uma sociedade. A perpetuação da cultura de forma hereditária através de gerações é passada através da história contada, folclore e música (HARTMANN, 2011). Além do próprio lugar habitado transmitir essa cultura através de suas paisagens, clima, gastronomia, festividades e artes.

No campo das artes e da música, os trabalhos de Panitz (2010, 2017) demonstram a forte relação artística musical entre a região formada entre os países. A figura de uma **Estética do Frio** elaborada por Vitor Ramil (2004) e sua idéia correspondente com o *Templadismo* dos irmãos Jorge e Daniel Drexler, e a colaboração de diversos outros artistas que se enquadram nesta paisagem cultural, prova a força e resiliência da cultura local (LINHA, 2014). Ainda enfatizando a cultura musical, encontra-se a milonga, chamamé e a chimarrita como pontos base em comum entre os ritmos do Pampa (NUNES; JESUS, 2019).

Quando o tema é arquitetura, se atenta dentre os exemplos citados o escritório de arquitetura MAPA Arquitectos. Binacional com duas sedes de forte atuação conjunta, uma em Porto Alegre, Brasil e outra na capital do Uruguai, Montevideu. Seus trabalhos têm reconhecimento mundial e exploram diversos campos da arquitetura com a visão contemporânea de seus arquitetos formados em sua maioria no território do Pampa.

A relação entre o ser humano e o pampa é relacionada diretamente a figura do Gaúcho ou *Gaúcho* - em espanhol -, segundo texto de Norberg-Schulz (1975) se poderia, então, assumir que a identidade do Pampa é o Gaúcho. Levando em conta a proposta de S.Hall (2006) da não existência de uma identidade fixa e imutável, mas, sim, dinâmica através das marcantes transformações culturais em que a sociedade é exposta. É mais coerente enquadrar a evolução das características

locais através de um processo identitário no decorrer dos tempos, de forma a representar melhor a cultura mutante que permeia sujeitos e espaços.

Portanto, essa identidade do *Gaúcho* se adapta a cada geração, o que involuntariamente faz com que costumes mais rurais desapareçam, restando por vezes fragmentos ou símbolos deste ideário, que persiste na memória do povo, que habita o Pampa quase que de forma involuntária.

Em vista do que Nikola Carevic (2002, p.27) propõe, o “ato de identificação” é equivalente ao feito de “percepção humana” de Montaner (2008), e assim a mistura das histórias e vivências daquele lugar gera uma arquitetura específica, o que leva ao próximo ponto.

Por fim a técnica, que concerne somente à arquitetura, onde o método construtivo, implantação, materialidade, composição, tipologia, estética e tecnologias são respostas projetuais a necessidade do usuário e as soluções a sua disposição no momento da construção da edificação.

Neste trabalho, encontram-se conexões de elementos arquitetônicos comuns através da análise em evolução histórica de edificações residenciais no Pampa. Se observam as presenças de elementos construtivos e estratégias projetuais, que derivam da arquitetura trazida pela colonização Espanhola e Portuguesa, que foram adaptados à realidade local através dos séculos. Os estilos arquitetônicos das quatro estâncias selecionadas no capítulo anterior são de origem Europeia, mas que claramente foram adaptadas ao campo, à dinâmica de seus habitantes e da atividade econômica de cada local.

Varandas antes utilizadas apenas como zonas de transição ou anteparos para a edificação se proteger do sol ou dos ventos fortes, se tornaram áreas de lazer de espaços abertos conectados a área social das casas atuais. As coberturas das varandas usualmente com telhas cerâmicas ganharam novas formas e funções, por vezes substituídas por pérgolas de madeiras sem cobertura ou cobertas por prolongamentos da estrutura da casa. Pedras antes usadas como fundações ou paredes brutas, sem acabamentos aplicadas a edificações acessórias às casas principais, atualmente são acabamentos instalados sobre paredes de lareiras ou churrasqueiras modernas de alvenaria ou concreto, evidenciando fragmentos da imagem de origem rural ligada a carne. O fogo é ainda o elemento mais presente nas casas analisadas, a lareira é a constante atemporal, consta em todas as obras

selecionadas. Já a churrasqueira é a domesticação do fogo de chão campeiro que aquecia e assava as carnes dos *gauchos* do lado de fora da casa, atualmente faz parte da rotina da casa do habitante do Pampa.

Ponto importante visto em três dos exemplares mais recentes, a pré fabricação como solução da dificuldade de disponibilidade da mão de obra local no século XXI. Problema talvez advindo da migração em direção às grandes metrópoles, e que empobrece a vida rural. Nas casas Pampa, REPII e Refugio Finca Aguy, a solução construtiva é através de módulos prontos que são levados até o local de sua implantação, sendo executadas *in loco* as fundações em dois dos casos em concreto, no outro em grandes paredes de pedras encontradas no próprio terreno.

Apesar da pré fabricação se apresentar como uma solução globalizada, que aparentemente pouco se relaciona com o local de implantação, os projetos foram idealizados por arquitetos locais, que carregam na sua formação a vivência dos demais pontos do *terroir* arquitetônico do Pampa. Através das fundações de pedras e interiores de madeira no caso do Refugio Finca Aguy, a *parrilla* construída de rochas locais, que centralizam a união entre a varanda e a sala de jantar da Casa Pampa, além do permanente esforço de integração à paisagem das três casas - tanto de dentro para fora, como de fora para dentro - através de enormes esquadrias e varandas, evidenciam as conexões com os elementos arquitetônicos que fazem parte deste *terroir* arquitetônico do Pampa.

Aliado aos elementos físicos, os arquitetos responsáveis pelo Refugio Finca Aguy trazem na apresentação de sua proposta de trabalho, o desenvolvimento teórico do seu projeto, conforme texto citado no capítulo anterior item 4.1.10.

O entendimento do remoto coloca em evidência alguns pontos que formam o conceito desta paisagem cultural, ao menos dentre as pesquisas que falam sobre a formação deste tipo de paisagens dentro de cidades e fragmentações socioespaciais (SABATÉ, 2004; AUGÉ, 1994). O remoto é mais um apoiador da causa de uma identidade local que sobrevive à homogeneização através da reinterpretação de fenômenos locais (PARNELL, 2006). É de fato um conceito contemporâneo de ocupação de lugar, que gera uma habitabilidade quase que imediata quando o projeto é implantado, sem data de saída futura nestes três casos, apesar de preparados para deixar estas paisagens com poucos resquícios de sua estada. Ao

encontro dos pensamentos de Lewis Mumford (1941), no que se refere a abertura de novas influências em uma cultura já estabelecida, porém que se reinventa.

É plausível que este ciclo de quatro pontos, a região do Pampa, cultura local, a identidade do *Gaúcho*, a interpretação da arquitetura local, ou seja, o **Terroir Arquitetônico do Pampa** - ou identidade arquitetônica do Pampa -, forme uma influência que retroalimente a formação e reinterpretação constante dos habitantes e arquitetos locais, formando essa paisagem cultural, multiplicando as suas características e definindo ainda mais uma estética local. Estética essa que pode ser considerada a derivação arquitetônica da **Estética do Frio**, manifesto de Vitor Ramil (2004).

5. Considerações Finais

A origem deste trabalho advém de questões sem respostas em aulas de teoria e história da arquitetura, no período de graduação. A doutrina modernista e brutalista é instigada em todo estudante de arquitetura brasileiro, como as bases do sucesso arquitetônico recente da nossa sociedade. Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Burle Marx, João Filgueiras Lima, Lina Bo Bardi, Paulo Mendes da Rocha e Vilanova Artigas são ícones de qualidade e expressão da produção de arquitetura no Brasil, e por isso são repetidos exaustivamente e quase exclusivamente. Entre 2007 e 2013 ainda não se dava o crédito necessário aos arquitetos que levavam a expressão da arquitetura brasileira contemporânea, ou moderna recente, tendo em consideração a posição de Rem Koolhaas, que ainda vive-se o período moderno. Nomes como Arthur Casas, Márcio Kogan, Angelo Bucci, Biselli & Katchborian eram comentados entre os alunos e professores de projeto, mas parecia que a teoria e história ainda não aceitava o fato da qualidade de sua produção.

O fato é que o moderno se apresentava como solução a ser seguida. Ironicamente, essa estética da escola moderna tinha contrapontos-base ainda na disciplina de projetos, quando se discutia a necessidade da relação com o entorno. O entorno, então, era tratado apenas fisicamente, alturas, calçadas, materiais... O máximo de abstrato debatido, eram os fluxos que os seres humanos - indomáveis e transgressores das regras modernas - poderiam tomar e exigir daquela edificação que quase sempre era pensada de forma ortogonal e praticamente de ideia industrializada. Meu entendimento particular, e restrito no conhecimento de um jovem aluno da graduação, da qualidade de Niemeyer era a sua capacidade de dar personalidade brasileira e escultórica à repetição monótona das soluções modernas.

A personalidade gaúcha faz parte de todo ser humano nascido no estado do Rio Grande do Sul. Não é necessário usar bombachas ou ter a vivência da família relacionada ao campo. Até mesmo um jovem nascido na capital, sem hábitos tradicionalistas, absorve e vive - mesmo sem perceber - este ideário *gaucho* herdado de séculos de desenvolvimento através da pecuária, causas separatistas e guerras perdidas, mas que carregam o significado e a cultura todo ano comemorada no dia vinte de setembro.

E a pergunta, há época da graduação, ficou sem resposta: - Se o Rio de Janeiro teve uma arquitetura que correspondeu às curvas da beleza de suas baías, e São Paulo uma arquitetura brutalista relacionada ao extremo desenvolvimento industrial de sua metrópole, o que nós, Gaúchos, produzimos que dialogue com nossa cultura tão peculiar?

Em oportunidade de estudo em Lisboa, foi possível conferir a produção da arquitetura moderna e contemporânea Portuguesa de incrível qualidade e coesão. Grandes prismas brancos distorcidos, interiores minimalistas ao extremo, qualidade de diálogo entre o patrimônio e o novo. Através de uma simples foto é possível identificar a produção Portuguesa.

Após a leitura do texto de Vitor Ramil, **A Estética do Frio**; frente a descoberta de suas vertentes Platinas através dos irmãos Drexler, resultantes na proposta do *Templadismo*; com o acréscimo relevante do documentário A Linha Fria do Horizonte, onde os pontos se conectam, e por fim a descoberta do trabalho acadêmico de Lucas Panitz, tornaram-me inquieto pela ausência de caracterização da produção local, em virtude da discussão limitada da arquitetura contemporânea, me instigou na presente proposta pela imprescindível investigação da influência da cultura do *Gaúcho* na arquitetura.

O estudo não busca questionar os valores modernos ou contemporâneos, sua homogeneização ou globalização demasiadas. Mas, sim, identificar a cultura local sendo transcrita em forma de arquitetura através do tempo, na região do Pampa.

A pesquisa confirma que o lugar desta figura *Gaúcha* era o Pampa, e através da observação de possíveis projetos a serem citados decidiu-se pela investigação da edificação mais íntima possível: a casa. De modo a organizar as análises, o conceito do *Terroir* se encaixou de forma ideal, possibilitando estabelecer previamente através de revisão bibliográfica adequada, os aspectos físicos do local, a cultura dos usos e costumes destes habitantes que transformam aquele lugar. Ultrapassando o tripé do conceito do *Terroir*, foi adicionado o item específico da arquitetura em busca de elementos que são presentes nas habitações em decorrência dos três fatores essenciais.

O fator temporal foi importante, afinal quando se busca por identidade e produção específica, ele vem da evolução de soluções de problemas recorrentes

desde o início da ocupação daquele lugar. Desta forma, a análise abrange exemplos de arquitetura colonial, moderna e contemporâneas.

Através da análise de quatro elementos ligados à arquitetura das casas: implantação, varandas, materiais e elementos ligados ao fogo, foi possível determinar a recorrência de variações destes elementos nas casas analisadas em suas diferentes épocas de execução. Os elementos perduram e se readaptam conforme os costumes locais, exemplos como a união da varanda a sala de estar e jantar em torno da churrasqueira (elemento ligado ao fogo). A churrasqueira, ou *parrilla* para Argentina e Uruguai, que evoluiu do fogo de chão ou da adaptação de lareiras para o interior da casa em sua área social. Ainda nas casas atuais, mesmo nos casos de construção pré fabricada, construída ou revestida de pedras em alusão a rusticidade dos materiais resistentes ao fogo usados em lareiras nas antigas casas de estância.

Os costumes e cultura do Pampa claramente se modificaram e evoluíram, e com eles os elementos arquitetônicos. Chega-se à conclusão de que a simplicidade e rusticidade de materiais se mantiveram, e por vezes são aplicados por opção estética contrariando a exigência formal da escola moderna por exemplo. A busca pela implantação das casas no Pampa na atualidade, seja na colina ou no prado horizontal, é em busca da paisagem e da regressão introspectiva como fuga das metrópoles, e por isso os projetos visam grandes aberturas que conectem a área social da casa com a natureza.

A pesquisa pode ser mais abrangente, principalmente nos tipos de edificação e a suas interações dentro das cidades localizadas no escopo geográfico do Pampa. As habitações coletivas que seguem padrões mundiais de desenho dos seus apartamentos, mas em nenhum outro lugar do mundo parece apresentar churrasqueiras embutidas as suas cozinhas ou sacadas. Elementos que relacionam estas edificações à cidade que podem ser derivados de costumes locais. Pesquisas no campo da arquitetura contemporânea sobre projetos desenvolvidos no sul da América do Sul, e as interações diretas entre os projetistas e construtores desta região, a exemplo de escritórios multinacionais formados por profissionais destes países.

A importância do aprofundamento desta pesquisa pode-se revelar no futuro, apoiando teoricamente novos projetos para a realidade local. A Estética do Frio, com

o seu *terroir* arquitetônico do Pampa pode encorajar novos profissionais arquitetos a melhor interpretar e projetar as evoluções da cultura em que vivem.

Referências

- ADAMS, Paul; HOELSCHER, Steven; TILL, Karen (Ed.). **Texture of place**: Exploring humanist geographies. Minneapolis: University Of Minnesota Press, 2001. 461 p. Disponível em: <<https://www.upress.umn.edu/book-division/books/textures-of-place>>. Acesso em: 25 nov. 2018.
- ALMEIDA, António Campar de. Paisagens: um património e um recurso. **O interior raiano do Centro de Portugal**. Outras fronteiras, novos intercâmbios, p. 31-42, 2006.
- AMORIM, Eduardo. **Paysandú, pampa uruguaya**. 2015. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/bombeador/20488785216/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- AMORIM, Eduardo. **Plácido Rosas**. 2015. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/bombeador/41993863412/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- ARAUJO, Mário Eduardo Pereira de. **A arquitetura do lugar na segunda metade do século XX: os casos da Europa Latina e do Brasil**. 2008. 109 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/18550>>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- ARCHDAILY. Xan House / MAPA. Archdaily, [s.l.], 30 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/490940/xan-house-mapa>>. Acesso em: 12 set. 2019. ISSN 0719-8884
- ARGAN, Giulio Carlo. **El concepto de espacio arquitectónico desde el Barroco a nuestros días**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.1973.
- ARGENTINA. Sergio López Martínez. Dirección Nacional de Patrimonio y Museos (ed.). **Patrimonio Arquitectónico Argentino. Memoria del Bicentenario: Buenos Aires**: Arcángel Maggio, 2011. 350 p. Disponível em: https://www.cultura.gob.ar/patrimonio-arquitectonico-argentino-tomo-i-1810-1880_3386/. Acesso em: 24 abr. 2020.
- ARAVENA, A.; IACOBELLI, A. **ELEMENTAL: Manual de vivienda incremental y diseño participativo** (Hatje Cant). [S.l.], 2012.
- AUGÉ, M. **Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 3. ed., Coleção Travessia do século. Campinas, Papirus, 1994.
- BAM! Arquitectura. Casa CL / BAM! arquitectura. **Archdaily Brasil**, [s.l.], 14 set. 2013. ISSN 0719-8906. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/01-140754/casa-cl-slash-bam-arquitectura>. Acesso em: 12 maio 2020.

BAUMAN, Zygmunt et al (Ed.). From Pilgrim to Tourist: or a Short History of Identity. In: HALL, Stuart; DUGAY, Paul (Ed.). **Questions of Cultural Identity**. Hampshire: Sage Publications, 1996. Cap. 2. p. 18-35. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=IKiHAAQBAJ>>. Acesso em: 4 dez. 2018.

BARBOSA, Ruy S. (comp.). **Marcas Históricas de São Gabriel-RS: osório santana figueiredo historiador gabriense**. OSÓRIO SANTANA FIGUEIREDO HISTORIADOR GABRIENSE. 2011. Disponível em: <https://historiadesaogabriel.blogspot.com/2011/08/dvd-da-historia-de-sao-gabriel-rs.html>. Acesso em: 05 maio 2020.

BENEDETTI, Ramiro. **La historia "secreta" de una bodega uruguaya única en Latinoamérica**. 2019. Disponível em: http://www.bodegasdeluruguay.com.uy/notas/leer/la_historia_secreta_de_una_bodega_uruguaya_unica_en_latinoamerica. Acesso em: 06 maio 2020.

BENEVOLO, Leonardo. **History of modern architecture**. Mit Press, 1977.

BENJAMIN, Walter. **Walter Benjamin: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1985.

BERGAMIM, Juliane Stenzinger. Arquitetura e Geografia: Como as diferentes ciências conceituam o lugar. **Geografia em Questão**, Cascavel, PR, v. 6, n. 2, p.167-180, set. 2013. Semestral. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/geoemquestao/article/view/6470>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BESSE, Jean-Marc. Entre geografia e paisagem, a fenomenologia. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 75-95.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. **VARANDAS NAS MORADIAS BRASILEIRAS: do período de colonização a meados do século xx**. Revista Tempo de Conquista, [s. L.], p. 1-20, mar. 2017. Semestral. Disponível em: <http://revistatempondeconquista.com.br/documents/RTC1/HELENALACE1.pdf>. Acesso em: 22 maio 2020.

CANEDO, Daniele. **Cultura é o quê? Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos**. Publicado no V Enecult. Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, v. 27, 2009.

CAREVIC, Nikola; MORENO, Luís Ángel Domínguez. Arquitectura y paisaje urbano como Globalización Específica. **Contexto. Revista de la Facultad de Arquitectura de la Universidad Autónoma de Nuevo León**, v. 6, n. 6, p. 87-109, 2012.

CAREVIC, Nikola. **Anonimna arhitektura Urugvaja usred ničega**. 2018. Disponível em: <https://www.gradnja.rs/anonimna-arhitektura-urugvaja-usred-nicega/>. Acesso em: 11 maio 2020.

CAREVIC, Nikola. **La Arquitectura como Globalización Específica**: el proceso arquitectónico de la reterritorialización urbana de las ciudades en el nuevo milenio.. 2012. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola Tècnica Superior D'arquitectura de Barcelona, Departamento de Proyectos Arquitectónicos, Universitat Politècnica de Catalunya (upc), Barcelona, Espanha, 2012.

CARR, Stephen et al. **Public space**. Cambridge University Press, 1992.

CARVALHO, Marcos B. de. **Da Antropogeografia do Final do Século XIX aos Desafios Transdisciplinares do Final do Século XX**: O Debate Sobre as Abordagens Integradas da Natureza e da cultura nas Ciências Sociais. 1998. 350 p. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

CASTELLANOS, Alfredo Raúl. **Uruguay, monumentos históricos y arqueológicos**. Texas, Austin: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, 1974. 132 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=QaloAAAAMAAJ&dq>. Acesso em: 05 maio 2020.

CASTELLO, Lineu. A Memória das Cidades e a Revitalização do Velho Centro. In: **Novos Recortes Territoriais, Novos Sujeitos Sociais: Desafios Ao Planejamento**. VII Encontro Nacional da ANPUR. Recife, PE: ANPUR, 1997, p.524-539.

CASTELLO, Lineu. O Lugar Geneticamente Modificado. **ArqTexto 9**. Porto Alegre, 2006. Disponível em: http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_9/9_Lineu%20Castello.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2019.

CASTELLO, Lineu. **A percepção do lugar: repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. PROPAR-UFRGS, 2007.

CASTELLS, Eduardo Jorge Félix. Patrimonio en cuestión lo tangible y lo intangible en el patrimonio de una ciudad histórica. In: LÓPEZ, José de Jesús Hernández; ROTMAN, Mónica Beatriz; CASTELLS, Alicia Norma González de (ed.). **Patrimonio y cultura en América Latina**: nuevas vinculaciones con el estado, el mercado y el turismo y sus perspectivas actuales. Nuevas vinculaciones con el estado, el mercado y el turismo y sus perspectivas actuales. México: Acento Editores, 2010. Cap. 3. p. 35-58. Disponível em: <http://repositorio.cualtos.udg.mx:8080/jspui/bitstream/123456789/247/3/Patrimonio%20y%20cultura%20en%20America%20Latina.pdf>. Acesso em: 04 maio 2020.

CATAFESTA, Manuela. Uma Questão de Identidade. In: VASCONCELLOS, Juliano Caldas de; BALEM, Tiago (Org.). **Bloco(11): a arquitetura da américa latina em reflexão**. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, 2015. p. 54-68. Disponível em: <<https://www.feevale.br/Comum/midias/58090876-fbda-4c31-ad2d-eda0e70ce1e2/bl-oco-11.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2019.

CHAGAS, Angela; SOARES, Julio. **Roteiro do vinho: nove lugares para visitar na campanha gaúcha**. Zero Hora. Porto Alegre, 11 mar. 2019. Viagem, p. 5-6. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/viagem/noticia/2019/03/roteiro-do-vinho-nove-lugares-para-visitar-na-campanha-gaucha-cjt4han6j023m01uj13rks3tp.html>. Acesso em: 05 maio 2020.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**, 3º ed: Florianópolis-SC. 2007.

COLQUHOUN, Alan. **Twentieth-century concepts of urban space**. Modernity and classical tradition, Architectural essays 1980-1987. 1991.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A dimensão cultural do espaço: alguns temas**. Espaço e cultura, n. 1, p. 1-22, 1995.

COSGROVE, Denis E. **Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria**. Espaço e cultura, n. 5, p. 5-29, 1998. Traduzido por Olívia B. Lima da Silva de "Towards a Radical Cultural Geography of Theory" Publicado em Antípode – a Radical Journal of Geography, Worcester, 15 (1). 1983, pp 1-11

CUCHE, Denys. tradução de Viviane Ribeiro. **A noção de cultura nas ciências sociais**, 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUPERS, Kenny. **Towards a nomadic geography: Rethinking space and identity for the potentials of progressive politics in the contemporary city**. International Journal of Urban and Regional Research, v. 29, n. 4, p. 729-739, 2005.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. (trad. Werther Holzer).São Paulo. Editora Perspectiva. 2011.

DE FREITAS, L. F. R.; SILVEIRA, R. M. H. **A Figura do Gaúcho e a Identidade Cultural Latino-Americana**. Educação, v. 27, n. 2, 5 set. 2006.

DUNCAN, James S. **The superorganic in American cultural geography**. Annals of the Association of American Geographers, v. 70, n. 2, p. 181-198, 1980.

DUNCAN, James S. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandy Kingdom**. Cambridge University Press, 2005.

ESTANCIA PARAÍZO, site oficial. Disponível em: <<http://www.estanciaparaizo.com/>>. Acesso em: 04 maio 2020.

ESTANCIA PARAÍZO, Instagram @estanciaparaizo. Disponível em: <<https://www.instagram.com/estanciaparaizo/>>. Acesso em: 04 maio 2020.

FERNÁNDEZ-GALIANO, Luis. **Fire And Memory: On Architecture And Energy**. Cambridge: MIT PRESS LTD, 2000

FERT, Fernando Buzati. **Diretrizes para a conservação da Estância do Batovi/São Gabriel – RS**. 2011. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/arena-attachments/971301/f8061c8630625c4736309c8070d6b34d.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2020.

FIGUEIREDO, Osório Santana. **São Gabriel Desde o Princípio**. Porto Alegre: Palotti, 1984. 297 p.

FINOTTI, Leonardo. **xan house**. 2014. Fotógrafo contratado por MAPA Arquitectos. Disponível em: <<http://www.leonardofinotti.com/projects/xan-house>>. Acesso em: 12 set. 2019.

FINOTTI, Leonardo. **Retreat in finca aguy**. 2015. Fotógrafo contratado por MAPA Arquitectos. Disponível em: <<http://www.leonardofinotti.com/projects/retreat-in-finca-aguy>>. Acesso em: 08 set. 2019.

FISCHER, L.A. (Org.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

FREARSON, Amy. MAPA designs prefabricated house then ships it 200 kilometres to Uruguayan olive grove. **Dezeen Magazine**. Pueblo Eden, Uruguai, meio eletrônico. 05 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.dezeen.com/2016/08/05/retreat-in-finca-aguy-mapa-prefabricated-house-montevideo-uruguay/>>. Acesso em: 08 set. 2019.

FUÃO, Fernando. **CONSTRUIR, MORAR, PENSAR: UMA RELEITURA DE 'CONTRUIR, HABITAR, PENSAR' (BAUEN, WOHNEN, DENKEN) DE MARTIN HEIDEGGER**. **Revista Estética e Semiótica**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.71-82, 19 jul. 2016. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - Univ. de Brasília. <<http://dx.doi.org/10.18830/issn2238-362x.v6.n1.2016.01>>.

GIDDENS, Anthony, 1938 - **Modernidade e identidade** ; tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIEDION, Sigfried. Space, time and architecture. **The Growth of a new tradition**, 1941.

GIEDION, Sigfried; LAMPARELLI, A Ivamar (Trad.). **Espaço, tempo e arquitetura**: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GUALANO, Marcelo; GUALANO, Martin. **Calera del Rey**. 2015. Disponível em: <http://www.gualano.com.uy/obras/calera-del-rey/>. Acesso em: 12 maio 2020.

GUERRERO, Liudmila Meno (ed.). **Castillo Mauá en Mercedes**. 2016. Disponível em: [https://www.ecured.cu/Castillo_Mau%C3%A1_en_Mercedes_\(Uruguay\)](https://www.ecured.cu/Castillo_Mau%C3%A1_en_Mercedes_(Uruguay)). Acesso em: 05 maio 2020.

GUIMARÃES, Ana Gabriella Lima. **A obra de João Filgueiras Lima no contexto da cultura arquitetônica contemporânea**. 2010. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.16.2010.tde-07062010-140813. Acesso em: 2019-09-14.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GUY, Simon; FARMER, Graham. Reinterpreting Sustainable Architecture: the place of technology. **Journal Of Architectural Education**, [s.l.], v. 54, n. 3, p. 140-148, fev. 2001. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1162/10464880152632451>.

HARTMANN, Luciana. Performances culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai. **Etnográfica**, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 233-259, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-6561201100020002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 jun. 2020.

HARTSHORNE, Richard. The concept of geography as a science of space, from Kant and Humboldt to Hettner. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 48, n. 2, p. 97-108, 1958.

HARVEY, D. **From space to place and back again**. In: Justice, nature and the geography of difference. Oxford:Blackwell, 291-326, 1996.

HARVEY, David. **A condição Pós Moderna: uma perspectiva sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola. HERITAGE, Jonh

(1999). "Etnometodologia", In Teoria Social Hoje, Org. Giddens e Turner. São Paulo: UNESP, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **Poetry. Language, Thought.** 1971.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo: parte I.** 1988.

HITCHCOCK, Henry Russell; JOHNSON, Philip. **The international style: Architecture since 1922.** WW Norton, Incorporated, 1932.

HOLZER, Wherter. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** Território, ano II, n. 3, jul./dez., 1997, p. 77-85. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/59909699/03-6-holzer>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

von HILDEBRAND, Adolf. **The problem of form in painting and sculpture - Das Problem der Form in der bildenden Kunst - .** Stechert, 1907.

iHOUSE (Uruguai). **iHouse Casas de diseño industrializados.** 2014. Disponível em: <<http://ihouse.com.uy/>>. Acesso em: 11 set. 2019.

JACKSON, P. **Maps of Meaning: An Introduction to Cultural Geography.** London, 1989.

JAMIESON, Claire et al. **The Future for Architects?** 2011.

KOOLHAAS, Rem. The generic city, and whatever happened to urbanism?. **The Urban Design Reader**, p. 358-370, 2013.

LA BAMBA DE ARECO, site oficial. Disponível em: <<http://www.labambadeareco.com/>>. Acesso em: 04 maio 2020.

LA BAMBA DE ARECO, San Antonio de Areco, 13 nov. 2019. Instagram: **@labambadeareco**. Disponível em: <https://www.instagram.com/labambadeareco/>. Acesso em: 04 maio 2020.

LA TAILLE, Y. Cultura do Tédio. In: **Formação ética: do tédio ao respeito de si.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAUX, Jorge Henrique. COMPLEXO METAMÓRFICO CERRO BATOVI – PP4CB. In: **Geologia e recursos minerais da Folha Lagoa da Meia Lua - SH. 21-Z-B-VI:** escala 1:100.000, estado do rio grande do sul. Escala 1:100.000, estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Cprm, 2017. p. 57-72. Disponível em: http://dspace.cprm.gov.br/jspui/bitstream/doc/18035/3/mapa_lagoa_meia_lua.pdf. Acesso em: 04 maio 2020.

LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LINHA Fria do Horizonte. Direção de Luciano Coelho. Produção de Christiane Spode. Realização de Juliana Sanson. Intérpretes: Vitor Ramil; Jorge Drexler; Daniel Drexler; Kevin Johansenn; Carlos Moscardini; Pablo Grinjut. S.i.: Projeto Olho Vivo; Linha Fria Filmes, 2014. (110 min.), DVD, son, color. Legendado.

LUCAS, Luís Henrique Haas. Arquitetura das estâncias e fazendas do Rio Grande do Sul: distribuição interior e gênese. **Arqtexto.** Porto Alegre. N. 3/4 (2003), p. 110-121, 2003.

LUXURY LATIN AMERICA, site oficial. Disponível em: <https://www.luxurylatinamerica.com/argentina/bamba_de_areco.html>. Acesso em: 05 maio 2020.

LYNCH, K. **A Theory of Good City Form.** Cambridge, MA: The M.I.T. Press, 1982.

MAHFUZ, Edson. A arquitetura consumida na fogueira das vaidades: (editorial). **Arquitextos,** Porto Alegre, ano 01, vol. 012, maio 2011. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.012/886>>. Acesso em: 14 set. 2019.

MAGALHÃES, M.T. **Metodologia para o desenvolvimento de indicadores:** uma aplicação no planejamento da política nacional de transportes. Dissertação (Mestrado em transportes). Programa de Pós-graduação em Engenharia Civil e Ambiental, UB, Brasília, 2004

MARAGNO, Gogliardo Vieira; COCH, Helena. **O DESENHO DA VARANDA E SUA REPERCUSSÃO AMBIENTAL NA ARQUITETURA DAS CASAS BRASILEIRAS.** VII Encontro Latino Americano de Conforto no Ambiente Construído, Buzios, Rj, ago. 2011.

MAPA Architectos, site oficial. Disponível em: <www.mapaarq.com>. Acesso em: 09 set. 2019.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Raega-O Espaço Geográfico em Análise,** v. 8, 2004.

MELENDEZ, Adilson. Equilíbrio sobre a empena: Mapa Arquitetos: Residência, Xangri-lá, RS. **Projeto Design,** São Paulo, n. 408, mar. 2014. Disponível em: <<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/mapa-arquitetos-residencia-xangri-la-rs>>. Acesso em: 12 set. 2019.

MELIA, Carlos. **La Bamba de Areco.** San Antonio de Areco, 25 fev. 2013. Twitter: @carlosmelia. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/carlosmelia/sets/72157632880757288/#>>. Acesso em: 04 maio 2020.

MELLO, Taís (Brasil). Galeria da Arquitetura. Casa XAN : Convite ao Relaxamento. **Galeria da Arquitetura:** Asbea. [s.l.], 31 mar. 2014. Disponível em:

<https://www.galeriadaarquitectura.com.br/projeto/mapa-maamstudio-paralelo_casa-xan/1175>. Acesso em: 11 set. 2019.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Pampa**. Disponível em: <www.mma.gov.br/biomas/pampa>. Acesso em: 14 jun. 2016.

MITCHELL, Don. **There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography**. Transactions Of The Institute Of British Geographers, [s.l.], v. 20, n. 1, p.102-116, jun. 1995. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/622727>. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/622727>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

MOLANO L., O. Identidad cultural un concepto que evoluciona. **OPERA**, v. 7, n. 7, p. 69-84, 5 nov. 2007. Disponível em: <<https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/opera/issue/view/131>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

MONTANER, José M.; ABALOS, Iñaki. **Teorías de la arquitectura: memorial Ignasi de Solà-Morales**. Edicions UPC, 2003.

MONTANER, Josep María. **Sistemas arquitectónicos contemporáneos**. Gustavo Gili, 2008.

MORAES, Camila. Daniel Drexler: de médico e louco, todo mundo tem um pouco. **El País**. São Paulo, p. 1-3. 4 out. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/04/cultura/1443987143_331690.html. Acesso em: 19 set. 2020.

MUMFORD, Lewis. **The story of utopias**. Boni and Liveright, New York, 1922.

MUMFORD, Lewis. The Basis for American Form. In: MUMFORD, Lewis. **The South in Architecture**. New York: Harcourt, 1941. Cap. 1. p. 3-42. (The Dancy Lectures Alabama College). Disponível em: <<https://archive.org/embed/southinarchitect009074mbp>>. Acesso em: 5 dez. 2018.

MUNTAÑOLA, Josep. **Arquitectura, modernidad y conocimiento**. 2. ed. Barcelona, Es: Edicions de La Universitat Politècnica de Catalunya, 2002. 103 p. (Arquitectonics. Mind, land & society.). Disponível em: <<https://upcommons.upc.edu/handle/2099.3/36740>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

MUNTAÑOLA, Josep; ZARATE, Marcelo. **Topogénesis. Fundamentos de una nueva arquitectura**. Universitat Politècnica de Catalunya. Iniciativa Digital Politècnica, 2010.

NEBIMOL (Uruguai). **Nebimol Carpintería y Construcción Modular**. 2016. Disponível em: <<http://nebimol.com>>. Acesso em: 08 set. 2019.

NETO, Helena Brum; BEZZI, Meri Lourdes. **Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha.** Soc. nat. (Online), Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, Dec. 2008. Acessado em 19 Ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1982-45132008000200009>.

NEUMEYER, Alfred. Aesthetic Attitudes and the Present Status of Art History and Appreciation. **The Journal Of Aesthetics And Art Criticism**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.61-66, set. 1952. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/426620>. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/426620>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existencia, espacio y arquitectura/Existence, space and architecture.** Blume, 1975.

NORBERG-SCHULTZ, C. The Phenomenon of Place (Publicado originalmente em Architectural Association Quarterly 8, No.4, 1976). Transcrito em NESBITT, K. (Ed.). **Theorizing a New Agenda for Architecture. An Anthology of Architectural Theory 1965-1995.** Nova York: Princeton Architectural Press, 1996, p. 414-428.

NUNES, Bruno Blois; JESUS, Thiago Silva de Amorim. A Milonga e o Pampa: atravessamentos culturais entre brasil, argentina e uruguai. **Relacult - Revista Latino-americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [s.l.], v. 5, n. 4, p. 1-11, 5 maio 2019. Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura - CLAEC. <http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v5i4.1123>. Disponível em: <http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1123>. Acesso em: 20 jun. 2020.

OTT, Clara. Casa REPII: VivoTripodí. **Plataforma Arquitectura**, [s.l.], 03 maio 2019. ISSN 0719-8914. Disponível em: <<https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/916277/casa-repii-vivotripodi>>. Acesso em: 11 set. 2019. ISSN 0719-8914

PANITZ, Lucas Manassi. **POR UMA GEOGRAFIA DA MÚSICA: O ESPAÇO GEOGRÁFICO DA MÚSICA POPULAR PLATINA.** 2010. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

PANITZ, Lucas Manassi. **Redes musicais e [re]composições territoriais no Prata: por uma Geografia da Música em contextos multi-localizados.** 2017. 423 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/164621>>. Acesso em: 15 out. 2019.

PARNELL, John. Reassessing the “think global, act local” mandate: evaluation and synthesis. **Serbian Journal of Management**, v. 1, n. 1, p. 21-28, 2006. Disponível em: <http://www.sjm06.com/1_1_2006.html>. Acesso em: 20 dez. 2018.

PINTOS, Aníbal Barrios. **Antiguo castillo que perteneció a Irineo Evangelista de Souza (Barón y Vizconde de Mauá)**. 194?. Disponível em: <http://bibliotecadigital.bibna.gub.uy/jspui/handle/123456789/8735>. Acesso em: 05 maio 2020.

PRADO JUNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

RAMIL, Vitor. **A Estética do Frio**: Conferência de Genebra. Pelotas: Satolep Livros, 2004. 55 p. Disponível em: http://www.vitorramil.com.br/textos/Vitor_Ramil_-_A_Estetica_do_Frio.pdf Acesso em: 20 dez. 2018.

RIEGL, Alois. **Moderne Denkmalkultus: sein Wesen und seine Entstehung**. W. Braumüller, 1903.

RIEMKE, Otávio; OSÓRIO, Pedro; PEREIRA, Isabela. **Casa Charqueadas**. 2018. RMK!Arquitetura. Disponível em: <https://www.otavoriemke.com/projeto/casa-charqueadas/>. Acesso em: 20 maio 2020.

ROMMENS, Aarnoud. **The Art of Joaquín Torres García**: constructive universalism and the inversion of abstraction. Nova Iorque: Routledge, 2016.

ROSSI, A. **A Arquitetura da Cidade**. São Paulo. Dragone 2ªed., 2001.

SABATÉ, J. **¿Paisajes Culturales, consecuencia de la postmodernidad?**. II Seminari Internacional sobre Paisatge, 2004.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo. Hucitec, 1997.

SAUER, Carl Ortwin. **The morphology of landscape**. University of California press, 1938.

SCHWARZER, Mitchell W.; SCHMARSOW, August. The Emergence of Architectural Space: August Schmarsow's Theory of. **Assemblage**, [s.l.], n. 15, p.48-61, ago. 1991. JSTOR. <http://dx.doi.org/10.2307/3171125>. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3171125>>. Acesso em: 25 jul. 2019.

SEMC - Secretaria de Energia, Minas e Comunicações. **Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul**, 2002. Disponível em: <http://ww1.sema.rs.gov.br/upload/ATLAS_EOLICO_RS_parte_001.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

- SENA, Leonardo Gómez. Huellas y paisajes de la ganadería en el territorio uruguayo. **Labor e Engenho**, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 49-72, 29 mar. 2012. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/lobore.v6i1.19>.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 1999.
- SEGUIN, G. Ecosystems of the great red wines produced in the maritime climate of Bordeaux. In: **Proceedings of the Symposium on Maritime Climate Winegrowing**. L. Fuller-Perrine (Ed.). 1988. p. 36-53.
- SERT, José Luis; LÉGER, Fernand; GIEDION, Siegfried. **Nine Points on Monumentality** (1943). Harvard Architecture Review, Spring, 1984.
- SIEGESMUND, Siegfried; TÖRÖK, Ákos. Building stones. In: **Stone in Architecture**. Springer, Berlin, Heidelberg, 2011. p. 11-95.
- SILVEIRA, Michele Bielinski da. **Marketing de lugares como promotor do desenvolvimento territorial: análise nas empresas vitícolas e vitivinícolas da região da campanha gaúcha**. 2018. 236 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2018. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/2966/1/Michele%20Bielinski%20da%20Silveira%20-%202018.pdf>. Acesso em: 06 maio 2020.
- SIMMEL, Georg. **A filosofia da paisagem**; tradução de Artur Morão. Covilhã: LusoSofia: press, Universidade da Beira Interior, 2009.
- SMITH, Kathryn. **Frank Lloyd Wright: America's Master Architect**. Abbeville Press Publishers, 1998.
- SOLA, Marcelo. **Conocimos el castillo del Barón de Mauá y probamos sus vinos: un paseo por las cercanías de la ciudad ideal para disfrutar en familia.. Un paseo por las cercanías de la ciudad ideal para disfrutar en familia..** 2013. Disponível em: <https://www.welcomeuruguay.com/mercedes/castillo-vinos-maua.html>. Acesso em: 05 maio 2020.
- SORIANO, A. et al. **Río de la Plata Grasslands**. In 'Ecosystems of the world 8A. Natural grasslands. Introduction and Western Hemisphere'.(Ed. RT Coupland) pp. 367–407. 1991.
- THOMSON, Iain. **Frank Lloyd Wright: A Visual Encyclopedia**. T hunder Bay Press, 1999
- TONIETTO, Jorge. Afinal, o que é Terroir. **Bon Vivant**, Flores da Cunha, v. 8, n. 98, p. 08, 2007.

TORABI, Zoreh; BRAHMAN, Sara. Effective Factors in Shaping the Identity of Architecture. Middle-east Journal Of Scientific Research, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 106-113, jan. 2013. Semestral. Disponível em: [https://www.idosi.org/mejsr/mejsr15\(1\)13/14.pdf](https://www.idosi.org/mejsr/mejsr15(1)13/14.pdf). Acesso em: 28 maio 2020.

TORRES-GARCÍA, Joaquín et al. Joaquín Torres García: **geometria, criação, proporção - América invertida, 1936, 15x12 nanquim sobre papel**. Fundação Iberê Camargo, 2011. Disponível em: <<http://iberecamargo.org.br/exposicao/joaquin-torres-garcia-geometria-criacao-proporcao/>>. Acesso em: 01 set. 2019.

TORRES-GARCÍA, Joaquín. La escuela del Sur. **Universalismo constructivo, contribución a la unificación**, 1935.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. SciELO-EDUEL, 2013.

VAN DE VEN, Cornelius. **The theory of space in architecture**. Companion to Contemporary Architectural Thought, v. 357, p. 357-60, 1993.

VAN LEEUWEN, Cornelis; SEGUIN, Gerard. The concept of terroir in viticulture. **Journal Of Wine Research**, [s.l.], v. 17, n. 1, p.1-10, abr. 2006. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/09571260600633135>.

VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos. **A valoração da beleza cênica da paisagem do bioma pampa do Rio Grande do Sul**: proposição conceitual e metodológica. 2014. 248 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de Geociências, Departamento de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/106341>. Acesso em: 11 maio 2020.

VIVOTRIPODI (Uruguai). **Estudio de Arquitectura VivoTripodí**. 2015. Disponível em: <<https://www.vivotripodi.com/>>. Acesso em: 11 set. 2019.

VON PAULY, August Friedrich. **Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft**. JB Metzler, 1914.

WEIMER, Günter et al. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

WILLIAMS, Raymond; ROBBINS, Bruce. **The sociology of culture**. University of Chicago Press, 1995.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZAMBERLAN, Luciano et al. **Do churrasco à Parrilla**: um estudo sobre a influência da cultura nos rituais alimentares de brasileiros e argentinos. XXXIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2009.

ZANETTINI, Siegbert. Fundamentos da Arquitetura Contemporânea. In: **A obra em aço de Zanettini**[S.l: s.n.], 2011.

ZEIN, Ruth Verde. Construir a identidade, com diversidade. **Projeto**, São Paulo, n. 96, fev. 1987

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZILIO, Rafael. **Apontamentos sobre a construção da região transnacional gaucha**. ENTRE-LUGAR, [S.l.], v. 5, n. 9, p. 59-73, out. 2015. ISSN 2177-7829. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/4497>>. Acesso em: 02 set. 2019.

ZILIO, Rafael. **A identidade sócio-espacial gaucha em suas vertentes e espacialidades correspondentes**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 43, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/59032/0>>. Acesso em: 02 set. 2019.